ANO 36.º TERÇA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 1956 N.º 12.053

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO
DIRECTOR-ADJUNTO — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: *DIBOA*
REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º
EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 80 CENTAVOS

Gago Coutinho assistiu

a bordo do «Vera Cruz»

à comemoração do 34.º aniversário

da I travessia aérea do Atlântico Sul

A bordo do «Vera Cruz», chegou hoje a Lisboa o sr. almirante Gago Coutinho, que regressa de uma das suas habituais viagens ao Brasil. No dia 17, quando aquele navio sulcava águas brasileiras, exactamente aquelas que foram sobrevoadas pelos dois aviadores portugueses na ultima étapa da I travessia aérea do Atlantico Sul, de Porto Seguro ao Rio de Janeiro, comemorou-se a bordo o 34.º aniversário daquela memorável viagem.

Dando-se a circunstancia de viajar também no «Vera Cruz» o sr. dr. Norberto Lopes, director-adjunto do «Diário de Lisboa», que foi um dos dois repórteres que mais de perto acompanharam a extraordinária proeza de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, prestou-se aquele nosso prezado camarada a dizer algumas palavras sobre a viagem.

Em nome dos passageiros da 3.ª classe, que delegaram nele o encargo, outro jornalista português, este residente no Brasil, o sr. Floriano Baptista Beirão, usou também da palavra para saudar o glorioso almirante, que no final da sessão, a que presidiu o comandante Ramalheira, encantou a assistência com um brilhante improviso, em que quis demonstrar, com a sua proverbial modéstia, que a I travessia aérea do Atlantico Sul não tinha sido, como geralmente se supõe, uma proeza de herois, mas sim um acto pensado e executado com plena consciência, em que aqueles que o levaram a efeito se

(Continua na 17.ª página)

O sr. almirante Gago Coutinho ouvindo falar o director-adjunto do «Diário de Lisboa», sr. dr. Norberto Lopes

O significado político das eleições parlamentares na Islândia

REIQUEJAVIQUE, 26 — Resultados das eleições legislativas islandesas: Partido da Independência (conservador), 19 mandatos (contra 21 no antigo Parlamento); Progressistas Agrários, 17 (contra 16); Social-Democrático, 8 (contra 6); Frente Popular, 8 (não existia antes, mas os comunistas tinham 7 mandatos); Defesa do Povo, 0 (contra 2).

Estes resultados significam que o bloco constituído pela aliança dos progressistas agrários e dos sociais-democráticos, a favor do Pacto Atlantico, mas contra a permanência das tropas americanas na Islandia, não tem a maioria absoluta no Althing. Só poderá, eventualmente, formar o novo Governo com o apoio da «Frente Popular». Por outro lado, se o bloco progressistas-agrários-sociais-democráticos formar um Governo de coligação com o Partido da Independência terá de desistir do principio da retirada das forças americanas, uma vez que aquele partido é o unico que defende a continuação dos Americanos na Islandia em tempo de paz. — (F. P.).

NOTA SEMANAL

As contas públicas em 1955

e a situação económica e financeira

por TRIBUNUS

Tanto na sua estrutura fundamental como nos resultados finais, as contas da administração central, relativas a 1955 e publicadas há dias, não se afastam por forma sensível das linhas características dos períodos anteriores. Esta conclusão era perfeitamente de esperar, não só por virtude da constancia dos princípios basilares que presidem á elaboração dos orçamentos, mas também porque não se alteraram ainda as políticas fiscal e de intervenção nos mercados monetário e financeiro.

Assim, as receitas ordinárias, cifrando-se em 6.731 milhões de escudos e cobrindo em cerca de 92 % as despesas totais, ultrapassaram em 324 milhões de escudos as cobranças efectuadas em 1954 e em 788 milhões as previsões orçamentais depois de corrigidas. Esta diferença —a mais elevada desde 1938—mede bem o grau de prudência usada nas estimativas. Notemos que foram ainda os impostos indirectos, com par-

(Continua na página seguinte)

Estes auscultadores, colocados nos ouvidos, permitem aos congressistas de 35 países ir acompanhando os discursos, traduzidos numa das quatro linguas oficiais do Congresso, á sua escolha...

Bombardeamento aéreo contra moscas...

TORREÓN (México), 26.— Esta cidade foi bombardeada por 30 aviões, durante mais de uma hora. Os aviadores mataram milhões de inimigos; e 100 auxiliares, em terra, queimaram com archotes os corpos de mortos e feridos.

O «ataque» foi organizado pela Municipalidade, pois receava que a verdadeira praga de moscas que tem submergido a cidade pudesse provocar qualquer epidemia. Os aviões, durante o «bombardeamento», utilizaram 17 toneladas de insecticidas.—(A. N. I.).

Manifestações sangrentas na Guatemala

onde foi estabelecida a censura para o estrangeiro

CIDADE DA GUATEMALA, 26.— Os telegramas das agências noticiosas para o estrangeiro são submetidos á censura, desde ontem á tarde, em todo o país.

Ontem á noite, durante uma manifestação, foram mortos dois estudantes e ficaram 19 feridos. Este grave incidente deu-se quando os manifestantes se encontravam na rua principal da cidade, perto do Palácio Nacional. Como a Polícia tentasse impedir que aqueles se encaminhassem para a Praça Central, fez fogo, atingindo alguns. Contam-se muitas prisões.

As autoridades tinham avisado os estudantes de que impediriam, a todo o custo, uma manifestação nas ruas da capital.

O Governo anunciou «que a Polícia de Segurança do Estado confirmou a existência de planos para provocar disturbios e actos de terrorismo, planeados e dirigidos do estrangeiro».

Explicando a firme determinação do Governo, de proíbir as actividades comunistas, o comunicado acentua: «Durante algum tempo, os comunistas, manobrando hábilmente com determinados sectores políticos, quiseram fazer criar a impressão de que existia no país um novo tipo de oposição, para assim melhor enganarem a opinião publica e conseguirem os seus torpes fins. Porém, a manobra foi descoberta e verifica-se, agora, que os comunistas guatemaltecos recebiam ordens e dinheiro do estrangeiro para lançar o país na desordem e na ruina».

Em buscas realizadas em determinados pontos do país foram apreendidas muitas armas, munições, explosivos e grandes porções de material de propaganda subversiva, e feitas prisões de comunistas.—(F. P. e A. N. I.).

DE ALGURES PARA ALGUÉM

Poesia de Sintra

por JAIME CORTESÃO

É a serra de Sintra, de tão subitamente alevantada para os Ceus, a catedral gótica imanente—flechas de pedra e asas, naves de selva e sonho. Raras vezes a rocha bruta se ergueu a tamanha transcendência. Como se um sopro divino a arrebatasse, a serra encastela-se, fraga a fraga, parque sobre parque, até aos miradouros suspensos do castelo da Pena ou da Cruz Alta, donde se contemplam, carregados de história, o Mar e o Tejo, confundindo as águas numa baía de um azul profundo, povoada de fantasmas de naus; o castelo dos Mouros, emergindo das verdes brenhas, como uma flor medieva e romantica; depois a campina requeimada, mas orvalhada de vilas e casais, alvejando até ao fim dos horizontes; lá no fundo e de novo o Mar, desfazendo-se em espuma contra a costa; e, a nossos pés, o tapete profundo, ondulante e sonoro das copas verde-negro dos cedros, elas

(Continua na 18.ª página)

O futuro de Chipre (2)

por F. NOEL BAKER

Depois de seis meses de atentados á bomba e assassinios, o Governo britanico convocou uma conferencia para discutir o futuro de Chipre, á qual assistiram representantes da Grécia e da Turquia. Após mais dez meses de conversações, o mesmo Governo aceitou que á população da ilha se lhe aplicasse o principio da auto-determinação. Estes factos lamentáveis pertencem ao passado.

A sua recordação não autoriza a reprimir os cipriotas só porque eles têm da actividade a que chamamos terrorismo, um conceito diferente do nosso. Além de que não podemos ignorar que há,

(Continua na página seguinte)

Diário de Lisboa
publicará hoje
20 páginas

A princesa Grace Patrícia (antiga artista Grace Kelly) recebe, na presença do marido, principe do Mónaco, o «mayor» de Beausoleil, que lhe entrega o diploma de «cidadão honorário» daquela pequena povoação costeira entre Nice e Monte Carlo

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Nota semanal

(Continuação da página anterior)

ticular relevo para os direitos de importação, os que mais concorreram para aquela subida nas receitas correntes.

Por seu turno, as despesas ordinárias, num total de quase 5.469 milhões de escudos, excederam em 344 milhões as autorizadas em 1954, mas ficaram um tanto abaixo da verba global estimada no orçamento.

No que respeita ás contas extraordinárias, as despesas somaram pouco menos de 1.861 milhões de escudos, ou seja mais 303 milhões do que em 1954, ficando, porém, bastante afastadas das previsões corrigidas. Como coberturas, utilizaram-se quase 511 milhões de escudos do produto de empréstimos e de venda de títulos, o que permitiu reduzir de 2.243 para 1.982 milhões de escudos a parte que do valor da dívida publica colocada no mercado se encontra disponível em «operações de tesouraria».

Nestas circunstancias, uma análise, ainda que pormenorizada, dos termos capitais das contas publicas e das suas flutuações em 1955 muito pouco nos permitiria adiantar sobre as ilações já apresentadas em notas anteriores. Todavia, pareceu-nos que alguns aspectos dessas contas e certos passos do Relatório que as precede e explica carecem de um comentário adequado, até porque o ano findo demonstrou, do ponto de vista económico, um comportamento algo divergente do que foi observado em fases passadas.

De facto, verifica-se pelo quadro das variações entre 1954 e 1955 da procura e oferta globais, incluído no mencionado Relatório, que o produto nacional bruto teria descido, em termos reais, á volta de 340 milhões de escudos, fundamentalmente por efeito de uma quebra muito acentuada na produção agro-pecuária. E, apesar de um acréscimo nas importações de bens e serviços estimado em quase 460 milhões de escudos, o consumo privado ter-se-ia contraído pouco menos de 310 milhões, facto este tanto mais de ponderar quanto é certo que são ainda bastante reduzidas as capitações nacionais do consumo.

Indica-nos também o quadro em causa que os investimentos teriam aumentado de 385 milhões de escudos, mas o Relatório anota que este incremento foi devido apenas ao sector dos «serviços», tendo baixado o investimento bruto nas industrias transformadoras.

Ora se o rendimento nacional acusou um decréscimo, com repercussões imediatas sobre o consumo, e se a natureza da subida verificada nos investimentos não permite esperar um sensível efeito impulsionador sobre os fluxos subsequentes da produção nacional, não parece haver motivos suficientes para se afirmar, como faz o Relatório em causa, que tenha persistido em 1955 uma tendência expansionista da economia metropolitana.

São sobejamente conhecidas as deficiências da produção agro-pecuária e as dificuldades sentidas em vários e importantes ramos da produção industrial, com implicações desfavoráveis assaz nítidas sobre o nível do emprego e o comércio interno. O crescimento do crédito bancário em 1955—que não se relaciona, evidentemente, com a evolução do produto nacional e com as necessidades das suas formação e repartição—é uma projecção no mercado monetário, além do mais, daquele clima de recuo económico mais ou menos generalizado e do desequilibrio entre a produção e o consumo interno.

Confrontando o comportamento das contas publicas, atrás resumido, com aqueles aspectos mais salientes da conjuntura económica—aos quais se juntou, durante o 2.º semestre de 1955, a alta dos preços—sentimos toda a rigidez ingénita do nosso mecanismo financeiro. Só essa rigidez funcional nos permite compreender, por um lado, que as receitas correntes tenham progredido mais de 6 % entre 1954 e 1955 enquanto que os recursos disponíveis se mantiveram práticamente estáveis (com descida no rendimento nacional) e, por outro lado, que a deficiente orientação dos investimentos viesse a intensificar-se.

Observemos agora que as aplicações de capitais na Metrópole, realizadas em 1955 nos termos do Plano de Fomento em vigor, não chegaram a 64 % das previsões, sendo as principais diferenças registadas nos sectores dos portos, dos adubos azotados, da electricidade, dos caminhos de ferro e da agricultura. E, como se diz no Relatório antes mencionado, «continuam a não ser de natureza financeira, pelo menos no que respeita aos financiamentos a cargo do Estado, as causas dos atrasos na execução, uma vez que existem as disponibilidades necessárias para a sua integral cobertura».

Parece então que se poderia ter ido mais longe, através do canal das finanças publicas, quer no caminho da expansão dos investimentos, quer no sentido de evitar a retracção dos consumos privados e de incentivar a mobilização reprodutiva dos capitais acumulados.

Nos casos dos investimentos e da mobilização dos capitais disponíveis, fizeram-se sentir, sem duvida, uma vez mais, determinados factores de ordem técnica e outros de natureza administrativa. Todavia, uma passagem do Relatório das contas publicas conduz-nos a um outro factor de continência dos investimentos, muito diferente daqueles pelas suas características especiais. Com efeito, aquele Relatório refere com perfeita clareza: «Estranha-se, por vezes, a moderação com que se tem recorrido ultimamente ao mercado de capitais. Importa, porém, ter em conta que cresceram, em numero e valor, as operações de iniciativa privada que pesam sobre o mercado, designadamente as que respeitam a empreendimentos abrangidos no Plano de Fomento. A coordenação da procura, por um lado, e a posição do Estado, como «investidor supletivo», por outro, fazem supor que uma intervenção mais frequente deste ultimo poderia ter causado efeitos contraproducentes, a menos que ciscunstancias de ordem monetária, que, aliás, ainda se não verificaram, tivessem aconselhado a absorção das disponibilidades do mercado por meio da venda de títulos da dívida publica».

Mas, se são pertinentes, como parecem, a crítica e as sugestões que sobre Portugal têm sido formuladas pela O. E. C. E. nos seus relatórios anuais, ao Estado compete algo mais do que as funções de simples «investidor supletivo» na sua acepção restrita. Na verdade, a iniciativa privada está bastante longe de impulsionar os investimentos, quantitativa e qualitativamente, num ritmo relativamente adequado ás necessidades do progresso económico. Então, ao Estado caberá, por natureza, elevar o fluxo dos investimentos até aos níveis e para os sectores reputados indispensáveis, mobilizando capitais inertes e imprimindo desvios nas linhas de orientação seguidas por certas aplicações privadas, a fim de alargar e melhorar o quadro das actividades económicas e, por aí, os níveis dos rendimentos individuais. Nesta função «supletiva» do Estado em sentido lato, ele tem de colocar-se no campo da procura de capitais para fins reprodutivos e uma tal acção teria sido possível, em boa medida, mesmo sem «a alteração, já prevista, da composição das reservas secundárias dos estabelecimentos de crédito» e sem que pudesse ocasionar «efeitos contraproducentes» de perigosa amplitude, nomeadamente sobre a estabilidade financeira interna ou sobre a solvabilidade exterior.

É óbvio, no entanto, que o Ministério das Finanças não pode levar a cabo mais largo e frequente recurso aos mercados financeiros, enquanto não se manifestar uma procura proporcionada aos fins citados, por parte daqueles sectores da administração publica sobre quem pesam directamente os problemas económicos do agregado nacional. Agir daquele modo, quando não fosse para a aplicação imediata dos capitais obtidos, só teria uma justificação cabal no caso de pressões inflacionistas muito acusadas, ou sejam as «circunstancias de ordem monetária» que mencionou o Relatório das ultimas contas publicas.

O futuro de Chipre

(Continuação da página anterior)

entre a parte da população de origem grega e os seus chefes elementos em grande maioria que desejam, tanto como o governador Harding, o restabelecimento da ordem e da paz na ilha. Essa parte da população e os seus chefes sabem, melhor que ninguém, que cada dia que passa em que se assinalam actos de violencia é um dia perdido para a realização da tarefa de pacificação que urgentemente se impõe. Os acontecimentos a que assistimos exercem uma acção depressiva, especialmente sobre as gerações novas, as quais, se o actual estado de coisas persistir, se mostrarão irredutiveis quando se impuser a liquidação satisfatória do problema cipriota, baseada num acordo com a Grã-Bretanha.

A deportação do arcebispo

Até ser deportado para uma ilha afastada do Oceano Indico, vimos incessantemente, feita a afirmação de que o arcebispo Makarios é um homem intratável «afogado até ao pescoço na lama do terrorismo». Assim se tem procurado justificar o seu afastamento e explicar as medidas de repressão mais drásticas, postas em prática pelas autoridades da ilha. O Governo e o povo da Grã-Bretanha serão os primeiros a lamentar as consequencias dessa campanha de descrédito infundamentada.

Ninguém já tem duvidas de que só será possivel solucionar, de maneira satisfatória, a questão de Chipre com a sua intervenção directa, e não devemos excluir, dentro de pouco tempo, a ideia do seu regresso triunfal a Nicosia. Em vez de invejar a popularidade do arcebispo e sabotar o seu prestigio, o Governo britanico devia estar satisfeito por ter nesse homem, ao mesmo tempo energico e moderado, um interlocutor válido com quem negociar e com quem preparar o futuro da ilha num clima de paz e compreensão.

As acusações contra Makarios

Que podemos dizer, com verdade, das acusações formuladas contra Makarios, a proposito das suas atitudes violentas? O Governo britanico criticou-o, abertamente, por ele não ter denunciado os terroristas e a acusação subiu de tom nas vesperas da sua deportação, em Março findo. Makarios foi apontado como um prelado cristão que se solidarizava com os assassinos.

A verdade é que o arcebispo vê com magua e detesta os metodos sumários postos em prática por alguns dos seus compatriotas mas aplica o mesmo raciocinio e julgamento aos actos identicos praticados pelas autoridades. Só assim é possivel dar aos seus apelos a autoridade necessária para que seja escutado pelos primeiros.

De uma coisa ele está certo, a paz em Chipre só se restabelecerá no dia em que os representantes do movimento nacional cipriota negociarem com o Governo britanico os aspectos políticos do futuro da ilha. Só então o seu povo se sentirá em condições de se afastar de uma vez para sempre, dos elementos extremistas da E. O. K. A. não os apoiando e colaborando pelo contrário com as novas autoridades locais que terão a missão de restabelecer a ordem e a paz.

O PORTO pelo telefone

Vítima de desastre com arma de fogo

PORTO, 26 — Recolheu ao Hospital de Santo António, onde se encontra em perigo de vida, o tesoureiro da Contrastaria do Porto sr. Cardoso Lopes, de 41 anos, morador na Rua Coutinho de Azevedo, 73, que ao limpar uma arma foi atingido gravemente no parietal por um projéctil da mesma.

Atropelado por uma furgoneta

Na Praça Filipa de Lencastre, uma furgoneta conduzida por António de Sousa Melo, morador na Rua Dinis dos Santos Silva, 980, atropelou, ferindo-o gravémente, o cobrador da Auto-Viação de Braga, Manuel Cardoso Margato, de 25 anos, residente na Rua das Taipas, 85, que recolheu ao Hospital de Santo António sem fala e com ferimentos.

Doença subita e mortal

Por ter sido acometido de doença subita quando trabalhava, foi conduzido ao Hospital de Santo António o caldeireiro Arlindo José Peixoto Silva, de 32 anos, morador na Rua dos Caldeireiros, 71, que chegou já sem vida áquele estabelecimento hospitalar.

O «Diário de Lisboa» vende-se em BEJA na casa Eduardo & Alvaro.

LUTA LIVRE

José Luís-Saludes na final do «cinturão»

Finalmente, realiza-se hoje, no Estádio Internacional do Parque Mayer, o ultimo encontro do cinturão de Lisboa.

O campeão português José Luís e o titular europeu Saludes discutirão, num combate em vale-tudo, a posse do trofeu.

E', porém, justo destacar do programa da sessão desta noite, a luta de meio-fundo travada entre Carlos Rocha e Jean Loosen, dois atletas que levam para o ringue da «livre» a experiência de dois outros desportos, o boxe e o judo, actividades em que cada um dos lutadores marcou destacada posição desportiva.

TAP

VOE NA TAP PARA O PORTO TANGER E CASABLANCA

PORTO: serviços diários (excepto aos domingos)
TANGER e CASABLANCA: segundas e quintas

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS HABITUAL OU A TAP NA RUA BRAAMCAMP, 2 — Telef. 59101 (10 linhas) — LISBOA

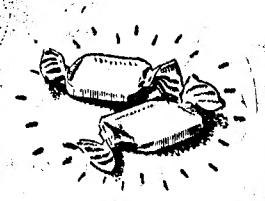
Viagens Aéreas

Aos preços exactos das Companhias de Navegação, encontram os interessados na organização portuguesa de viagens, **TURISMO «SANTA MARIA»**, as passagens de que precisam para todo o Mundo.

Telefone para 21905 ou 28686 ou escreva para a Rua Abreu, 292, 1.º-Dt.º (Rossio), em LISBOA.

ACIDEZ?

As Rennie dão-lhe alívio instantâneo



Ao primeiro sintoma de acidez... Pastilhas *Rennie*, chupe-as lentamente. Os seus ingredientes chegam ao estômago com todo o seu poder. Restabelecem ràpidamente o equilíbrio ácido, removem a dor, e desconforto. Se não conseguir alívio com *Rennie*, procure o seu médico.

A venda nas farmácias em pacotes de 100 e 25.

PASTILHAS RENNIE

HÓQUEI EM PATINS

O Benfica dominou bem

a boa réplica da Mundet

A pista do Seixal registou, ontem, uma verdadeira enchente de adeptos do hóquei em patins, que quiseram assistir ao desafio Mundet-Benfica, o qual constitui, quase sempre, deslocação dificilima para os «encarnados».

Todavia, desta feita, a equipa lisboeta regressou á capital contente e feliz, porquanto a Mundet, a despeito da boa vontade que todos os seus jogadores puseram no despique, não pôde embargar-lhe o passo.

Os benfiquistas venceram os Seixalenses por 5-2, através de uma exibição, se não magnífica, pelo menos muito agradável. Mais homogéneo, o «cinco» dos «encarnados» foi superior ao adversário na transposição do jogo da defesa para o ataque e no conteudo técnico dos seus elementos.

No entanto, algo se deve á Mundet para que a partida fosse agradável de seguir. Remetessem-se os Seixalenses a defesa porfiada como, por vezes, vemos noutros conjuntos de maior nomeada, e, de certo, o jogo teria perdido muito do seu interesse espectacular, e, talvez, o Benfica não conseguisse triunfo tão claro. Mas, a verdade é que a Mundet jogou o seu jogo, como se o adversário quase igual fosse, e devido a essa circunstancia se pôde assistir a uma partida alegre, recheada de lances ofensivos, com entradas assíduas por banda dos dois guarda-redes, mormente por Longle, que chegou a ter intervenções dignas de muito aplauso, como que a dar a indicação de um valor positivo. Já relativamente a Álvaro Pereira talvez se possa atribuir á sua infelicidade a consecução de dois tentos dos adversários. Mas, anote-se: a despeito desse pormenor, Álvaro Pereira e os seus companheiros tudo fizeram para obstar á derrota que acabou por surgir como natural e certa.

Ao intervalo, o Benfica triunfava por 3-1. Perdigão fez o primeiro tento, aos 4 m. e 40 s.; Gonçalves, no reatamento, pôs os grupos de novo em igualdade. Mas, volvidos outros quarenta segundos, perdigão fez 2-1 para a sua equipa. E Cruzeiro, aos 19 m., pôs a conta em 3-1.

No recomeço, Cruzeiro, aos 6 m., elevou a marca para 4-1. Lisboa, aos 8 m. e 30 s., obteve o quinto golo, e aos 19 m. e 20 s. Gonçalves de grande penalidade, fixou o resultado em 5-2.

Em segundas e reservas, o Benfica venceu por 5-3 e 6-2, respectivamente.

As equipas, sob a arbitragem de António Almeida, alinharam:

MUNDET—Álvaro Pereira, Lima, Cavalheiro, Carlos Gonçalves, Leonel Fernandes e Riso.

BENFICA—Longle, Luís Lopes, Cruzeiro, Lisboa e Perdigão.

Após este jogo, a classificação ficou ordenada assim:

	J	V	E	D	G	P
BENFICA ...	5	4	—	1	30-14	13
C. Ourique...	4	4	—	—	21- 4	12
Sintra	5	2	2	1	21-19	11
P. Arcos ...	4	3	—	1	20-16	10
C. U. F.	5	2	—	3	12-20	9
Mundet	5	2	—	3	10-18	9
Oeiras	4	2	—	2	20-20	8
Parede	4	1	—	3	12-18	6
Cascais	4	—	1	3	9-13	5
Ac Amadora	4	—	1	3	9-22	5

Deplorável espectáculo

de "luta livre"

no campeonato feminino de basquete

Não há duvida que a mulher portuguesa não está preparada para as práticas desportivas de competição. As cenas dramáticas e de pugilato que ontem se verificaram no terreno do jogo, entre quase todas as jogadoras, não ilustram em nada o desporto feminino.

Só quem viu ontem, á noite, no recinto do Campo de Ourique, os factos, pode avaliar com precisão até que ponto é necessário intervir para sanar um mal que pode ser gravíssimo para aquele desporto.

As cenas lamentáveis deram-se, precisamente, no começo da 2.ª parte, quando Irene Rodrigues e Francelina Moita se travaram de razões, na disputa da bola. O acidente, a todos os títulos condenável, generalizou-se, sucedendo-se, então, o inesperado: uma pequena batalha campal, que só pôde ser sanada com a intervenção do árbitro — a princípio impotente — e de alguns dirigentes e treinadores das equipas.

Independentemente da insuficiente preparação desportiva da mulher portuguesa — pelo menos neste sector — alguns assistentes podem ser recrimin dos pelos factos vergonhosos que se verificaram.

A quarta jornada do Campeonato Feminino de basquetebol, primeira da segunda volta, tornou a atrair ao recinto do Campo de Ourique cerca de 3.000 pessoas, que encheram por completo o local.

A «luta»..., em todo sentido da palavra, travou-se entre as equipas do Belenenses e do Oriental, cabendo o triunfo ao conjunto dos «azuis», por 14-10, com 9-5 ao intervalo, a favor do grupo do Oriental.

A equipa «orientalista», com mais engodo pelo «cesto», pôde, sem duvida, terminar o primeiro tempo em vencedora, mercê das qualidades de Alzira Silva e de Irene Rodrigues, autoras dos nove pontos (5-4) da sua equipa.

As belenenses, que utilizaram neste encontro 11 jogadoras, estiveram muito incertas a lançar, principalmente no período inicial. Laura Rodrigues foi a melhor encestadora da equipa (6).

A partida — quer antes quer depois dos incidentes — foi sempre rijamente disputada, dificultando ao máximo as jogadoras o trabalho do árbitro que, apesar de tudo, se houve com acerto, impondo com energia a sua autoridade, a partir do 2.º tempo.

A vitória dos Belenenses deve-se, sem duvida, a dois encestamentos, de certo modo felizes, de Maria Cabrita, já depois dos 3 minutos finais (10-10).

O Oriental, que tem uma equipa mexida, podia ter ganho a partida, se não fizesse convergir todas as suas jogadas para Alzira Silva, uma boa condutora de jogo, mas fatalmente controlada pelas adversárias. Assim se explica que as orientalistas só tivessem obtido um ponto em toda a segunda parte.

As principais causadoras do incidente foram expulsas do terreno de jogo, tendo uma delas ficado ferida nos lábios e na cara. Quanto ás restantes, que generalizaram o incidente, aguardam-se os acontecimentos.

Alinharam e marcaram:

BELENENSES — Francelina Moita (2); Laura Rodrigues (6); Fernanda Amaro (1); Maria Cabrita (4); Palmira Lopes; Maria Santos (1); Joaquina Santos; Judite Albano; Paulina Dionísio; Maria Araujo e Maria J. Santos.

ORIENTAL — Alzira Silva (5); Maria Duarte; Maria Vidal; Irene Rodrigues (4); Mari. Baptista; Olinda Pereira e Maria Silva.

Arbitro: Mário Pinheiro.

O Belenenses, após este encontro, está á frente da tabela, isolado, em virtude do seu melhor «goal-average».

A representação do Benfica seguiu hoje para a Itália, a tomar parte no torneio da «Taça Latina». Juntamente com os jogadores Bastos, Sebastião, Jacinto, Artur, Angelo, Caiado, Alfredo, Palmeiro, Coluna, Aguas, Salvador, «Cavem», Naldo, Calado, Zézinho é Isidro, seguiram também o treinador Otto Glória, o médico dr. José de Sousa Pinho, o massagista Aureliano Rodrigues e os directores Justino Pinheiro Machado, vice-presidente do Benfica, que chefia a delegação; Hipólito Silva; dr. Paulino Gomes, Junior e José Ricardo Domingues. Para Roma e Milão seguiu também o nosso camarada dr. Tavares da Silva

FUTEBOL

O Oriental joga ámanhã à noite em Évora

No campo Estrela, em Évora o Oriental defrontará, na noite de amanhã, a equipa do Lusitano.

O desafio está a ser aguardado com muito interesse, sendo de admitir que os campeões da II Divisão e o representante eborense da I Divisão realizem no seu primeiro jogo nocturno, exibição que agrade á população da cidade.

ATLETISMO

A conclusão dos campeonatos nacionais de principiantes e regionais de junieres

Realizam-se hoje ás 18 horas, no Estádio de Alvalade, as provas em atraso dos campeonatos nacionais de principiantes (110 metros barreiras, vara e dardo) e regionais de juniores (martelo). Com a disputa destes concursos se concluem as provas de atletismo organizadas respectivamente pelas Federação e Associação.

TIRO AO ARCO

Taça «Casa Senna»

Realizou-se ontem no novo Estádio «José Alvalade» o torneio para disputa da taça «Casa Senna», organizado pela Federação Portuguesa de Tiro em colaboração com o Sporting Clube de Portugal.

A prova consistiu na execução de séries de 36 setas saindo vencedores a sr.ª D. Ausenda Pissarra Henriques, do S. C. P., 389 p.; e o sr. António J. Gomes, do S. C. P., 728 pontos.

Por equipas, classificou-se em primeiro lugar o Sporting.

Os resultados obtidos pelos três arqueiros mais classificados de cada sexo, contam para a taça «S. E. E. F. A. B.-1956», instituida pelo Sandviken Archery Club, de Sandviken, Suécia.

Para comprar um automóvel em óptimas condições só no Stand de Santa Lúzia, R. D. Estefania, 22-A. Tel. 45277.

Prazer completo...

Só é possível gozar-se... tomando o Café d'A Mariazinha!

CONSUL ★ ZEPHYR ★ ZODIAC

J. MENDES COELHO, LDA.

CONCESSIONÁRIOS FORD

Têm a honra de convidar o excelentíssimo público automobilista a visitar a exposição dos novos modelos

Ford

CONSUL ★ ZEPHYR ★ ZODIAC

SALÃO DE EXPOSIÇÃO E VENDA

Aberto de 26 a 30 do corrente, das 9 às 0 h.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A • TEL. 46147 • LISBOA

EXCURSÕES

PAISES NORDICOS E PAISES BAIXOS

Part. 27 de Julho; cheg. 26 de Agosto. **31 DIAS** (tudo incluido) **11.850$00**
(Hoteis de 1.ª categoria)

SUIÇA E NORTE DE ITALIA

Part. 27 de Julho; cheg. 15 de Agosto. **20 DIAS** (tudo incluido) **6.850$00**
(Hoteis de 1.ª categoria)

O PRAZO DAS INSCRIÇÕES TERMINA EM 30 DE JUNHO
NUMERO DE PARTICIPANTES LIMITADO

TURISMO «SANTA MARIA»

Rua do Ouro, 292-1.º (por cima do «Diário de Notícias», no Rossio)
Telefs. 28686 e 21905

Licenças para obras e obras sem licença

O desastre ocorrido no sábado na Rua Alexandre Braga, em que perdeu a vida, como noticiámos, o encarregado da obra de demolição dum prédio, para construção de outro, tem um aspecto que não deve ficar desapercebido, atenta a sua importancia e a sua gravidade: é que os trabalhos estavam a ser executados com toda a rapidez possível, e sem as precauções necessárias, por à demolição se estar a fazer sem a respectiva licença camarária.

As licenças para demolição são concedidas simultaneamente com a aprovação do projecto dos prédios a edificar no local, para rendimento; e, como esta demora, por vezes, muitos meses, alguns construtores aventuram-se a demolir os prédios que adquirem, logo que conseguem que os inquilinos os desalojem. Se forem apanhados, sabem que incorrem numa multa de dois ou três contos; mas todos eles contam com a possibilidade de escapar, porque sabem, perfeitamente, que a Camara Municipal não tem, actualmente, o pessoal técnico suficiente para uma fiscalização que possa abranger as numerosas construções em curso, nem pronunciar-se rápidamente sobre os projectos submetidos á sua aprovação. Por isso se afoitam, confiados em que tudo se resolverá em bem...

À sombra da lei 2.030, têm sido compradas muitas moradias antigas —e até relativamente modernas— para as substituir por prédios de rendimento, de mais andares. A Camara, dentro dos limites das suas possibilidades, tem procurado acelerar a concessão de licenças, quer para as demolições quer para as construções subsequentes; mas o numero de funcionários técnicos é manifestamente insuficiente—e daí muitas demoras, por vezes de muitos meses. Ora, como essas demoras trazem grandes prejuizos ás pessoas que solicitam as licenças, além de tudo porque os larápios saqueiam os prédios desabitados, roubando canalizações e tudo quanto possa ser transformado em dinheiro; daí, a circunstancia de alguns construtores, mais ousados, se lançarem em aventuras perigosas — tanto mais que nem sempre têm os cuidados necessários com a segurança do seu pessoal, tal é o afã de adiantar o trabalho, sem fiscalização, para iniciar a construção logo que chegue a respectiva autorização camarária.

Se houver multa—e é raro aquele que não acredite na sua boa estrela...—ela será sempre inferior ás dezenas de contos de canos de chumbo, de material sanitário, de fios eléctricos, de lampadas, de vidros, de portas, etc., que outros menos afoitos, perdem, enquanto esperam pela licença da edilidade...

A falta de pessoal de fiscalização não se nota apenas nas demolições mas também na construção de prédios; e daí deriva o facto verificado, repetidas vezes, de edifícios acabados de construir serem alugados, ou vendidos, sem a respectiva vistoria municipal para habitação, que, quando requerida, também faz perder aos requerentes muito tempo, o que ocasiona grande prejuizos para os construtores ou para os proprietários. Assim, confiados em que resolverão o caso com uma multa, para cada andar ocupado, tratam de alugar os prédios logo que os concluem.

Acontece, porém, que, ás vezes, a fiscalização aparece e verifica, não só que não foi feita a necessária vistoria, mas que há alterações ao projecto aprovado pelo Município; e, então, o caso é mais sério: os construtores são obrigados a realizar o que consta do projecto e a despejar os inquilinos, que acabam por ser as vítimas inocentes, como se fossem eles os principais culpados!

E' que quem aluga uma casa não pensa—nem é obrigado a pensar—na hipótese de o prédio não ter sido vistoriado, ou de a construção não ter obedecido ás características do projecto aprovado. E também não lhe passa pela cabeça que a obra não tenha sido devidamente fiscalizada. E o que acontece com os inquilinos sucede, também, com muitos compradores de prédios acabados de construir.

São vários os casos desta natureza que ainda aguardam solução.

O Município não pode deixar de tomar as providências que o rápido e crescente desenvolvimento de Lisboa impõe. Há que alargar—como ainda recentemente o afirmou, em sessão publica, o seu presidente, tenente-coronel Salvação Barreto—os respectivos serviços e que aumentar o numero de técnicos, de modo que aqueles que querem construir, ou substituir moradias por prédios de muitos andares, tenham as maiores facilidades, em vez dos obstáculos com que, até agora, têm lutado, por deficiência dos serviços e por fálta do pessoal indispensável, visto que o que existe está extraordinàriamente sobrecarregado com trabalho, não podendo fazer milagres.

Há locais de Lisboa que esperam há anos, que estejam prontos os respectivos estudos de urbanização, para que sejam aprovados os projectos apresentados, para a construção de prédios; e, se é de louvar a criação, bem como a actividade, do respectivo Gabinete, criado na Camara, torna-se indispensável alargar e intensificar a sua acção, de modo a que o desenvolvimento da capital não abrande de ritmo, ou não tenha de ser feito á custa do sacrifício de vítimas como o encarregado do prédio em demolição na Rua Alexandre Braga!

Há também, outro aspecto digno de nota: Encontram-se embargados vários edifícios, quase concluídos, destinados a habitação, a escritórios, a sedes de empresas e de companhias. Tudo isso acontece porque a fiscalização não acompanhou as respectivas obras, no devido tempo; e isso aconteceu, devido á falta de pessoal a que nos referimos e que importa remediar.

Essa falta de pessoal faz com que a ausência de fiscalização seja tomada como um acontecimento normal, transformando-se a sua aparição num sinal de «azar» para os construtores e para o respectivo operariado, que vêem interrompido, abruptamente, inesperadamente, o seu labor e prejudicados os seus lucros, ou os seus salários.

E' necessário que todos acreditem na existência da fiscalização e na sua comparência, mais dia, menos dia; e é também indispensável que ela compartilhe das responsabilidades dos trabalhos, tanto perante os seus superiores, como ante as autoridades.

Enquanto não se tomarem as providências indispensáveis, tudo continuará como até aqui; de vez em quando, cai um—e os outros ficam a rir-se...

As falsidades

da propaganda indiana dirigida aos Goeses

GOA, 26.—A propaganda indiana insiste em visar a numerosa colónia goesa da Africa Oriental Britanica. A Emissora de Delhi «All India Rádio» efectua agora uma emissão em concanim, dirigida especialmente aos emigrantes goeses do Kénya, Uganda e Tanganica. Desde há muito que a União Indiana tem procurado por todos os meios abalar o portuguesismo desse importante nucleo goês, de atitudes firmes e expressivas manifestações de lealdade á Pátria. E, para se avaliar da seriedade de tal propaganda, basta apontar o facto de aquela Emissora ter anunciado a prisão de 80 Goeses em Goa, implicados no «movimento de libertação».

Dessas oito dezenas de «herois e mártires» só foram citados dois nomes: o do jornalista Álvaro Costa e o do dr. Álvaro Furtado, médico do Hospital-Hospício de Margão. Simplesmente, nenhum goês desconhece que o jornalista Álvaro Costa se encontra em liberdade, exprimindo no seu jornal os seus sentimentos nacionais; e quanto ao médico referido não existe. Nenhum clínico com esse nome pratica nesse hospital ou mesmo em Goa. Trata-se de pura invenção da «All India Rádio». — (L.).

Mortos e feridos

numa batalha no México entre polícias e bandidos

CIDADE DO MÉXICO, 26.—Tropas acorreram, apressadamente, á vila de Yerba Santa, em Ixtepec, onde se travou uma batalha entre bandidos e a Policia Rural, durante a qual houve nove mortos e muitos feridos. As autoridades identificaram um dos mortos como sendo o tenente Martin Lopez Angulo, chefe daquela Podícia, e afirma ram que os bandidos tiveram sete mortos e vários feridos.—(A. N. I.).

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

Com vista á digressã que deve efectuar á Província, a companhia do Teatro Avenida, está a ensaiar o original de Costa Ferreira, «Por um fio».

— Concluiu o seu contrato com o empresário José Miguel o actor brasileiro Spina.

— Foram adiados para 3 de Julho os primeiros ensaios da nova revista que o empresário Vasco Morgado vai apresentar no Teatro Variedades.

— O artista madeirense Max teve de alterar a data em que devia seguir para os Estados Unidos, por ela depender do tempo que durar a sua digressão a Africa, para onde segue no dia 11 de Julho.

— A fim de começar a ensaiar com o conjunto de artistas que, sob a direcção de Miguel Orrico, vai efectuar uma digressão pelo País, regressou o actor Alvaro Pereira, que andava em digressão por Espanha.

— Regressou de Cacia o escritor teatral Amadeu do Vale, que vai começar a trabalhar na nova revista, com que será inaugurada a época de Inverno, no Teatro Maria Vitória.

— Hoje e amanhã, o Teatro da Campanha de Educação Popular realiza os seus espectáculos em Ponte de Sor.

— O actor Carlos Coelho vai organizar uma companhia, para seguir em digressão pelo País, levando no reportório a revista «Viva o homem».

— E' provável que se concretize a ida a Moçambique da artista Guerreiro, integrada no grupo de artistas que segue no cruzeiro do paquete «Vera Cruz» áquela província ultramarina.

— Eugénio Salvador está já a constituir o elenco da companhia que, na época de Inverno, actuará no Teatro Maria Vitória.

— Os artistas Laura Alves e Raul Solnado, fazem parte do elenco duma companhia luso-espanhola de revistas que vai actuar num teatro de Madrid, em Setembro.

— Na representação da peça «Triangulo Equilátero», na Sociedade Guilherme Cossoul, tomará parte a distinta e apreciada actriz-cantora Fernanda Coimbra, que fez parte de diversas companhias, e ultimamente trabalhou com êxito na de Alma Flora.

No Monumental

«Cantares e Bailares» portugueses

E' enorme a expectativa criada á volta dos novos espectáculos que o Monumental vai apresentar, sob a égide do empresário Eduardo Osório, antes da sua partida para o estrangeiro. «Cantares e Bailares de Portugal», uma deliciosa aguarela portuguesa, com todos os claros e luminosos instintos da arte popular será, por certo, o mais belo cartaz do nosso folclore, muito embora se fundam na sua arte popular o bailado clássico e a técnica das melhores escolas.

Fernando Lima coregrafou todos os bailados, vestidos por Gico e musicados por Fernando Carvalho, o autor de todas as partituras, inspiradas no folclore português. Os cenários de Manuel Lima, a particpação, como primeira figura feminina, de Agueda Senna, a colaboração de um grupo de bailarinos, dos primeiros entre nós.

Para assistir ao espectáculo da estreia que é de gala, e que foi fixado para o dia 29, virão a Lisboa um empresário francês e outro londrino.

À frente da orquestra de salão, constituída por 46 figuras, estará o maestro Fernando Carvalho, completando o programa Guilherme Kjolner, Maria de Lourdes Resende e António Mestre.

Primeiras exibições

«A rainha virgem», no Tivoli

A história da paixão de Isabel Tudor pelo aventureiro Walter Raleigh, dera já origem a um filme, mas não em cinemascópio, pelo que a película ontem estreada no Tivoli tem condições para lhe levar a palma. Ganha assim maior grandiosidade o ambiente esplendoroso da corte inglesa, onde toda a intriga gira em volta de uma rainha despótica, um cavaleiro audacioso e uma dama amorosa, elementos essenciais á estruturação das imagens. Sobre eles «A rainha virgem» assenta as suas qualidades de agrado, tanto mais que vai sendo raro encontrá-los, em qualquer filme, tão bem conjugados.

Entre luxo e escandalos, numa corte dissoluta, um cavaleiro inglês tenta convencer a rainha a ceder-lhe três naus para realizar a sua aspiração de demandar o então «Novo Mundo». Nas suas diligências, procede tão galante e corajosamente que a rainha se apaixona por ele, ao mesmo tempo que o mesmo acontece a uma graciosa dama de honor. Há lutas, espirituais e físicas, estas por vezes espectaculares, e o aventureiro acaba por conseguir os favores da rainha e casar com a dama de honor...

Bette Davis, envelhecida como pedia a rubrica, desempenha o papel de rainha Isabel com mestria notável. E' mais uma vez uma grande actriz cinematográfica, das maiores entre todas. A seu lado, Richard Todd e Joan Collins brilham, também, a grande altura. Brilham todos. E brilha também a empresa do Tivoli, que se mostra conhecedora das preferências e gostos do bom publico lisboeta. — **Visor 25.**

«O mais cómico espectáculo do Mundo», no Capitólio

Totó volta mais uma vez ás telas de Lisboa, agora numa sátira a «O maior espectáculo do Mundo», uma aventura do célebre cómico, decorrendo no ambiente do circo.

Durante cerca de hora e meia o publico riu a bom rir com as peripécias de Totó, metido nos sarilhos e confusões indescritiveis que sempre arranja.

A' história não falta, sequer, o aspecto sentimental que Totó, como sempre, sabe dar, de maneira a comover o seu fiel publico. Construído com recursos mais modestos do que o filme que pretende satirizar, «O espectáculo mais cómico do Mundo» oferece garantias de agrado certo para os grandes sectores. Em complemento, um filme policial. — Visor 50.

O casamento

de Marilyn Monroe

NOVA YORK, 26—O autor teatral Arthur Miller, noivo de Marilyn Monroe, disse ao jornal «New York Post» que tencionava casar na próxima semana, provàvelmente em Connecticut. Acrescentou que está a tratar com a noiva, da hora exacta e do local da cerimónia.

Estão ambos a passar alguns dias no seu refugio rustico em Roxbury (Connecticut) e Marylin deverá partir para Inglaterra no próximo mês, para participar num filme com sir Lawrence Olivier.—(R.).

HOSPITAIS CIVIS

Foi nomeado director dos Serviços Farmaceuticos dos Hospitais Civis de Lisboa, o sr. dr. Augusto Albuquerque da Fonseca, licenciado em Farmácia e que exercia já a chefia dos Serviços do Laboratório Farmaceutico. A escolha foi feita entre os chefes de serviços.

As estreias de hoje

No São Luís e Alvalade

Título — «Nós, os médicos» (Les hommes en blanc).
Produção — Francesa (Paul Graetz).
Realização — Ralph Habib.
Argumento — Um estudo sobre a vida dos médicos, segundo a obra de André Soubiran.
Intérpretes—Raymond Pellegrin, Jeanne Moreau, Jean Chevrier e Fernand Ledoux.
Processo — «Écran» normal.
Classificação — Adultos.
Distribuição — Columbia Filmes.

No Monumental

Título — «Wichita» (Wichita)
Produção — Americana (Allied Artists).
Realização — Jacques Tourneur.
Argumento — Um «western» relatando a história de uma cidade que não podia viver em paz.
Intérpretes — Joel Mac Crea, Vera Miles e Loyd Bridgs.
Processo — Cinemascópio, tecnicolor.
Classificação — Adultos.
Distribuição — R K O Rádio Pictures.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL—As 22 — «A volta».
MONUMENTAL—As 22 — «Daqui fala o morto».
AVENIDA—A's 22—«Perdeu-se um marido».

CINEMAS

TIVOLI—«A rainha virgem».
SÃO LUIZ—«Nós, os médicos».
EDEN—«Inquietação».
POLITEAMA—«O príncipe negro».
SÃO JORGE—«Amor á inglesa... em Paris».
MONUMENTAL—«Wichita».
IMPÉRIO—«Apaixonadas».
CONDES—«Os tiranos também morrem».
ALVALADE—«Nós, os médicos».
CAPITÓLIO—«O mais cómico espectáculo do Mundo».
ROYAL—«Aventuras Marco Polo».
OLIMPIA—«O eterno feminino».
PROMOTORA — «Encontro com o destino».
RESTELO—«A colina da saudade».
TERRASSE—«Orgulho contra orgulho».
LIS—«Sábado trágico».
IDEAL—«O monstro da lagoa negra».
PAVILHÃO—«O tesouro submarino».

Recintos de diversões

No Ritz Clube estreia-se hoje a fulgurante parelha de baile espanhol moderno Luisa y Maribel.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II
EMPRESA REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE, A'S 21,45 H. (13 anos)
A peça em 3 actos de Virginia Vitorino
A VOLTA
com AMELIA REY COLAÇO, AURA ABRANCHES, LUZ VELOSO, CARMEN DOLORES, LOURDES NORBERTO, RAUL DE CARVALHO, ROGERIO PAULO, JOSE' CARDOSO e CARLOS AVILEZ

RITZ CLUB
R. da Glória, 57—Tel. 25140 (Adultos)
HOJE ESTREIA de LUISA y MARIBEL
Uma formidável parelha de baile espanhol moderno com a
ORQ. DOMINGOS VILAÇA
genial organização musical de ritmos modernos
Um notável programa com os reis do baile acrobático MOREN - GRACY
À frente de um fascinante programa de music-hall
e o mais pequeno cantor da Europa BAPTISTA MARTINS
CEIAS Até alta madrugada no SALÃO RUSTICO com a alegria da Orquestra Tipica Portuguesa
Ainda esta semana mais estreias de sensação

Pampilho
RESTAURANTE TIPICO
CALÇ. DE CARRICHE, 111-C
Aberto toda a noite
BOM FADO — BOA COMIDA
(ADULTOS)

HOJE no MONUMENTAL

ESTREIA DE UM FILME DE CLASSE EXTRAORDINÁRIA!

WICHITA

13 ANOS

A história duma cidade que não podia viver em paz!

CINEMASCOPE

TECHNICOLOR

Realização de JACQUES TOURNEUR

RKO RADIO PICTURES

Produção ALLIED ARTISTS

JOEL McCREA

VERA MILES · LLOYD BRIDGES

A VIDA DAQUELES QUE TÊM UM ÚNICO INIMIGO: O SOFRIMENTO!

Produção de PAUL GRAETZ

RAYMOND PELLEGRIN
JEANNE MOREAU
JEAN CHEVRIER
FERNAND LEDOUX

Nós, os médicos...

LES HOMMES EN BLANC

Do celebre romance de ANDRÉ SOUBIRAN

Realização de RALPH HADIC

Um filme Columbia

A MULHER DE UM MÉDICO TEM DE PENSAR QUE PARA ALÉM DA VIDA DE AMBOS, MUITAS VIDAS PODEM DEPENDER DO CARINHO QUE ELA LHE DÊ...

HOJE

SÃO LUIZ | ALVALADE

Leiam o jornal humorístico sempre fixe

Almoça fora de casa?

Vá ao Restaurante TABUAS

Refeições completas, 25$00

R. Barros Queirós, 51 — Tel. 26614

AGUARDENTE VELHA Nicpoort a prova esta na prova

CASINO ESTORIL

«WONDER-BAR»

Todas as noites

SERVIÇO DE RESTAURANTE

Jantares e Ceias

Conjuntos musicais de MARIO SIMÕES e OLIVER (Adultos)

LEIAM «O SEMPRE FIXE»

ESTREIAS DE HOJE: **Nós, os médicos...** SÃO LUÍS E ALVALADE

WICHITA MONUMENTAL

SÃO LUIZ TEL. 27172 (18 anos)
Hoje, ás 21,30 **Estreia**
Um dos melhores filmes franceses da temporada!
NÓS, OS MÉDICOS
Realização de **Ralph Habic**
com **Raymond Pellegrin, Jeanne Moreau, Jean Crévrier, Fernand Ledoux**
12 semanas de exibição em Paris!

EDEN TEL. 20768 (Para 18 anos)
15,30-18,30 e 21,30
Anthony Quinn em **INQUIETAÇÃO**
O 1.º filme da «Selecção Policial»
Uma produção perfeita da melhor técnica do «suspense»

IMPÉRIO TEL. 55134/5
15,15 e 21,30 (Adultos)
Ultimos espectáculos
APAIXONADAS
Amanhã — Estreia: **O FIM DA AVENTURA** com **Van Johnson** e **Deborah Kerr**

MONUMENTAL TEL. 55131
Hoje, **Estreia**, 21,30 (Maiores 13 anos)
Um filme de extraordinária classe!
WICHITA
A história duma cidade que não podia viver em paz!
Techinocolor com **Joel Mc Creia, Vera Miles** e **Lloyd Bridges**

ALVALADE TEL. 763080 (18 anos)
Hoje, ás 21,30 **Estreia**
Um dos melhores filmes franceses da temporada!
NÓS, OS MÉDICOS
Realização de **Ralph Habic**
com **Raymond Pellegrin, Jeanne Moreau, Jean Crévrier, Fernand Ledoux**
12 semanas de exibição em Paris!

RESTELO Tel 610375
A's 21,30 (Adultos)
A COLINA DA SAUDADE
c/ **Jeniffer Jones** e **William Holden**

TERRASSE TEL. 20917
A's 21,15 (13 anos)
ORGULHO CONTRA ORGULHO
O RAPAZ ATÓMICO

LIZ TEL. 48560
A's 21,15 (18 anos)
SÁBADO TRÁGICO
Cinemascope com **Victor Mature**

ROYAL T. 845037
A's 21,15 (13 anos)
O grandioso filme
Aventuras de Marco Polo
com **Gary Cooper**
UMA NOIVA EM CADA PORTO
com **Groucho Marx**

CASINO ESTORIL
A's 21,30 (Adultos)
AS AVENTURAS DO HOMEM-RÃ
com **Daw Adams**

TIVOLI TEL. 50595
A's 3 e 6.15 da tarde (a preç. red.) e 9.30 da noite (13 anos)
O famoso filme histórico Cinemascope em cor de Luxe
A RAINHA VIRGEM
com **Bette Davis, Richard Todd** e **Joan Collins**

POLITEAMA TEL. 26305 (Para 13 anos)
15,15-18,15 e 21,30
2.ª semana do grande êxito em cinemascópio
O PRINCIPE NEGRO
com ERROL FLYNN
Um filme de amor, duelos e batalhas
Em tecnicolor

CONDES TEL. 22523
A's 18,15 e 21,30 (13 anos)
Homens que lutam com selvejaria como a vasta região que querem conquistar
OS TIRANOS TAMBÉM MORREM
com **Sterling Hayden** e **Vera Ralston**

SÃO JORGE BALCÃO 64154 PLATEIA 64153 (Para 13 anos)
15,15-18,15 e 21,30
2.ª semana
Um grande êxito de gargalhada
AMOR A INGLESA... EM PARIS
encantadora comédia colorida, com **Alec Guinesse** e **Odile Versois**

CAPITÓLIO TEL. 27493
A's 21,30 (Adultos)
Tótó, o maior de todos os actores cómicos, em
O MAIS CÓMICO ESPECTÁCULO DO MUNDO
No programa:
A FORTALEZA DE JAMAICA
com **John Payne**

TERRAÇO DO CAPITÓLIO
2 filmes diferentes
A's 21,30 (18 anos)
O último bandoleiro
c/ **Audie Murphy**
A's 22,45
O arrojado filme
CLANDESTINAS
com **Philipe Lemair** e **Nicole Courcel**
Amanhã:
AVENTURAS DE HAJJI BABÁ
FURIA DO DESEJO

PAVILHÃO PORTUGUÊS PARQUE MAYER Tel. 366783
A's 21,30 (18 anos)
Que pena seres vigarista
com **Sophia Loren** e **Victorio De Sica**

CINE ESPLANADA PORTUGÁLIA
A's 21,15 (13 anos)
O TESOURO SUBMARINO
O AMAR É UM GRANDE NEGÓCIO

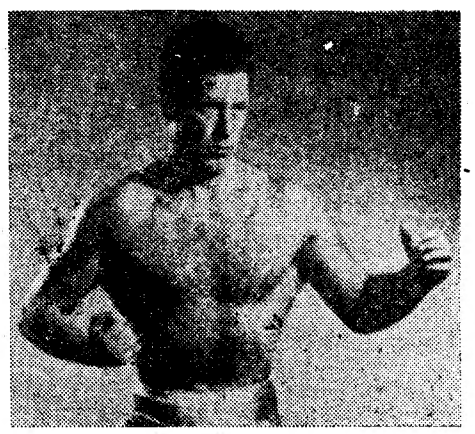
CINEMA IDEAL
A's 21 (18 anos)
O MONSTRO DA LAGOA NEGRA
A LEGIÃO DO DESERTO

SALUDES

LUTA LIVRE

FINALMENTE

Hoje às 22 horas no Parque Mayer



CARLOS ROCHA

José Luís contra Saludes

para disputa da grande final do cinturão de Lisboa

Dois notáveis lutadores de «catch», dois rivais de sempre, dois atletas rudes e violentos — a mesma vontade de vencer. JOSÉ LUÍS e SALUDES, face-a-face, na luta pelo cinturão de Lisboa, uma prova que foi deixando, ao longo da sua carreira, vários campeões pelo caminho. Quem triunfará? Zé ou o espanhol?

CARLOS ROCHA — LOOSEN

num sensacional combate de meio-fundo, CARLOS ROCHA, o demolidor português, defrontará o belga LOOSEN, o homem que do Judo tira o seu absoluto poder de golpe. Quem triunfará? O pugilista ou o judoka?

ROY SMITH - FEBRER
E
GRELHA - SUREDA

Os poucos bilhetes que restam encontram-se à venda nas bilheteiras do Parque Mayer. **(Para Adultos)**

De ontem para hoje

✱ **MORRER NA ÁGUA — Já dissemos isto há tempos. Pois já. E mais de uma vez. Mas repetem-se os factos, repetem-se as imagens. Agora foi na Bemposta, onde alguns rapazes decidiram ir banhar-se numa represa. Não sabiam nadar (não sabiam) — e um deles lá ficou afogado: era António Vicente Nogueira, de 14 anos. Também em Vale Maior, de Albergaria-a-Velha apareceu a boiar no rio o cadáver de um pequenito de 4 anos (Salvador da Silva Valente). O menino tinha desaparecido da beira do rio quando os pobres pais trabalhavam no carrego de um carro de lenha. E agora num poço: para se ver que a desgraça espreita de todos os lados. O poço descoberto é o grande perigo. Mas o sr. Joaquim Luís, de 60 anos, tinha mandado fazer uma cobertura para o seu. Quis experimentá-la, saltou-lhe em cima, as madeiras ruiram e o pobre sexagenário caiu lá dentro e morreu afogado.**

✱ **IR AOS NINHOS — Vem sempre nos livros de meninos uma história de ninhos. Mas o Albano Ribeiro, de 15 anos, de Borba de Godim, talvez não tenha lido livros de meninos. Talvez até nunca tenha andado na escola. E foi aos ninhos. Subiu ao eucalipto, subiu, subiu — e de lá se estatelou no chão com fractura de perna. A lição dos livros não chega ainda a todos os meninos. Outros meninos por aí fora, que não tenham lido livros, poderão agora ouvir contar a história do Albano de 15 anos que foi aos ninhos e caiu do eucalipto.**

✱ **AS MARAVILHAS DA FAUNA MARINHA — Um peixe, sim, mas com cabeça de foca, ou muito parecida com a desses mamíferos polares, e a pele, sem escamas, como a dos golfinhos. Foi um barco de pesca, de Setubal, que trouxe para a praia de Sesimbra o estranho animal aquático, que media dois metros de comprimento e pesava quatrocentos quilos. Juntou-se muito povo em torno do fenómeno, em cujo interior foi encontrado um filhote com a mesma configuração e já com o bonito peso de cento e vinte quilos. Sesimbra inteira maravilhou-se com a raridade biológica.**

✱ **PRODIGIOS EM SÉRIE — Os caprichos da Natureza, prodígios e singularidades da vida animal, quando se manifestam, parece que se sucedem ás revoadas. Um caso que tem sido muito comentado entre os criadores de gado, ocorreu em Casal do Olival (Sapataria), onde uma vaca turina, pertencente ao sr. João Lourenço, deu agora á luz dois vitelos de sexo diferente, facto raro que despertou vivo interesse, chamando ao estábulo grande numero de curiosos.**

✱ **JORNAL PEQUENO — Com o presidente do Conselho trabalhou ontem o ministro das Finanças. ✱ O ministro das Corporações presidiu a uma reunião de dirigentes dos organismos corporativos do distrito de Braga. ✱ Regressou a Lisboa da sua visita oficial aos Estados Unidos o general Botelho Moniz. ✱ Regressou de Viena de Austria o dr. Francisco António Lopes Moreira, director da Polícia Judiciária. ✱ Na região de Almeida, o temporal dos ultimos dias causou grandes devastações. ✱ Na Quinta da Laieosa, efectuou-se um concurso de tosquiadores, orientado por médicos veterinários da Junta Nacional de Produtos Pecuários. ✱ Gravemente queimada num incêndio em Ermida (Santiago de Cacém) a menina Maria de Lourdes Afonso Faisca, de 4 anos, encontra-se, em estado de coma, no Hospital de S. José. ✱ Foi mordido por um cavalo, ao dar-lhe de comer, Benjamim Fernandes, de Rebordelo (Chaves).**

Em 3 linhas

Está publicada a conta provisória do Estado, do mês de Janeiro do corrente ano. Por ela se verifica que o excesso das receitas sobre as despesas orçamentais foi de 707.640 contos.

///

Foi criada uma legação de 2.ª classe em Bagdad, sendo também um consulado de 3.ª classe em Bassorá.

///

Foi confirmada a utilidade turística do Hotel de Turismo da Ericeira, recentemente inaugurado.

///

Foi criado um subposto da G. N. R. na freguesia de Alpedrinha, concelho do Fundão.

///

Foram nomeados presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Paredes, respectivamente, os srs. Ramiro Pinto de Meireles e Joaquim da Rocha Leal.

///

Foram alteradas as taxas dos telegramas ordinários e «Etat» do Governo Português para o Vietnam.

///

Foi homologada a fusão da Associação Vilanovense de Socorros Mutuos Fé, Esperança e Caridade, com a Associação Portuense de Socorros Mutuos das Classes Laboriosas.

///

O «Diário do Governo» publicou a relação de livros e impressos indispensáveis para a execução dos serviços da competência da Direcção-Geral da Fazenda Publica, a fornecer ás direcções de finanças distritais e secções concelhias e ás tesourarias da Fazenda Publica.

SESSENTA TAÇAS

para a exposição canina de Évora

EVORA, 26 (Pelo telefone) — A I Exposição Canina Nacional de Evora, iniciativa da Secção Lebreiro do Lusitano, com a colaboração do Clube de Caçadores Portugueses e com o patrocínio da Camara Municipal, alcançou, no segundo e ultimo dia, um êxito invulgar. A' hora a que telefonamos, o juri está ainda a proceder á atribuição dos trofeus. Cerca de 60 taças, 10 para prémios de honra, 17 para o melhor sexo diferente, e as restantes para as várias classes, sem contar com cerca de 130 medalhas. O trabalho do juri ocupou toda a manhã e parte da tarde.

A feira continua a decorrer muito animada.

Nas duas primeiras sessões de trabalhos

do 5.º Congresso Internacional de Pontes e Estruturas

fôram tratados os temas: «Solicitações das Pontes e das Estruturas» e «Placas, Lajes e Paredes Delgadas»

Ás 9 e 30, começou, no salão nobre do Instituto Superior Técnico, a primeira sessão de trabalhos do V Congresso da Associação Internacional de Pontes e Estruturas, á qual presidiu o professor L. Cambournac, de Paris.

Os oitocentos delegados de trinta e cinco países, têm á sua disposição, no edifício, além da secretaria do Congresso, uma agência «Wagons-Lits-Cook», uma estação dos C. T. T., uma agência bancária e serviços de táxis; e na sala das sessões funciona um sistema de transmissão simultanea, nas quatro linguas oficiais do Congresso: o Português, o Francês, o Inglês e o Alemão.

O engenheiro João Alberto Barbosa Carmona foi o relator do trabalho «Comportamento dos materiais e das obras sob cargas estáticas de grande duração», incluído no tema «Solicitações das Pontes e das Estruturas»; e o professor Francisco Jacinto Sarmento Correia de Araujo relatou o capítulo «Comportamento dos materiais e das obras sob cargas dinamicas (vibração, fadiga, choque)». Depois de o professor F. Campus, de Liège, se ter ocupado do tema «Fluage et relaxation des aciers à la temperature ordinaire», e de o engenheiro L. Carpentier ter falado das deformações lentas do betão, observadas no Viaduto de Lessart, apresentaram trabalhos, ilustrados com projecções, os congressistas Klöppel, Horne, de Cambridge, professor F. Stussi, presidente da Associação Internacional, Kolousek, Konishi, Marguerat, Nash, Perrousset, Janin, Abeles, Herrmann e Seddon.

Ás 14 e 30, realizou-se a segunda sessão de trabalhos, a que presidiu o professor Correia de Araujo, tendo sido relator geral do tema «Placas, lajes e paredes delgadas» o professor Lardy, de Zurich, que falou de: cálculo geral, nos campos elástico e plástico; adaptação dos métodos de cálculo ás construções metálicas e ás de betão armado.

Apresentaram trabalhos os congressistas Bax Stevens, Ferry Borges, Gilg, Lebelle, Lobo Fialho, Nowacki, Olszak, Mroz, Beer, Resinger, Massonet, M. Rocha, F. Borges, Samuely, Delpini e Vogh.

Ás 17 horas, a Camara Municipal de Lisboa oferece uma recepção, em honra dos congressistas, na Estufa Fria, do Parque Eduardo VII.

A vida rural

nos Estados Unidos

expressa numa palestra no almoço dos rotários

A' reunião de hoje, do Rotary Clube de Lisboa, na Casa do Alentejo, presidiu o engenheiro Martins Galvão, e assistiram, como convidados de honra, os srs. Aaron S. Brown e dr. Dulany Terret, respectivamente, encarregado de negócios e adido cultural á embaixada dos Estados Unidos da América, e o engenheiro-agrónomo José Nunes Mexia, vice-presidente da Associação da Agricultura.

O engenheiro Amaro Vieira fez a apresentação dos rotários visitantes e dos convidados, e o sr. Eduardo Igrejas leu o expediente.

O dr. T. Lynn Smith, professor catedrático de Sociologia na Universidade da Flórida, que está realizando uma das suas numerosas viagens, em missão oficial, a países estrangeiros, pronunciou, em português, uma interessante palestra, sobre «A vida rural nos Estados Unidos».

Disse que, entre as características mais importantes dessa vida são cinco as relações instituídas entre o homem e a terra: o sistema de povoamento em tipo de fazendas ou sítios isolados; o sistema jeffersoniano rectangular na demarcação de limites das fazendas; a posse da terra com o mínimo de restrições da parte do Estado e com 73 por cento das fazendas cultivadas pelos seus próprios donos; o tamanho das propriedades, ajustado ás possibilidades das famílias agrícolas da classe social média, quase sem grandes propriedades, nem minifundios, e quase sem uma camada de trabalhadores agrícolas permanentes; e um sistema de agricultura, de tipo mecanizado, que permita, a menos de 12 por cento da população, abastecer as necessidades de uma nação de 170 milhões de pessoas:

—Tem havido — acentuou — grandes mudanças na vida de vizinhança e comunidade rural nos Estados Unidos. O agricultor e os membros da sua família estão participando, cada vez mais, na vida das pequenas cidades. Chegará, possívelmente, o tempo em que a cidade de 10.000 a 50.000 habitantes seja o nucleo da comunidade em que a população agrícola, dentro dum raio de 40 a 80 quilómetros, tenha todos os seus interesses e todas as suas actividades básicas entrelaçados com os dos habitantes da cidade.

O sr. Augusto Serras informou que é membro do Rotary Clube de Oeste de Los Angeles (Califórnia), o ilustre professor de Física Joseph Kaplan, presidente da Comissão Nacional dos Estados Unidos, e que é o cérebro dirigente do projecto que se tentará realizar no decurso do Ano Geofísico Internacional de 1957-58, lançando um satélite artificial em volta da Terra.

O «Vera Cruz

trouxe mil passageiros

e muita passarada

Vindo dos portos da Argentina, do Brasil, Cabo Verde e Funchal, chegou hoje ao Tejo o paquete «Vera Cruz», que trouxe 988 passageiros para Lisboa e Vigo, 800 dos quais embarcados em portos da América do Sul. Vieram a senhora de Mário de Oliveira Neves, conselheiro da embaixada de Portugal no Rio de Janeiro e sua filha; dr. António da Costa Magalhães, director do Colégio Brasileiro de S. Cristóvão; Augusto Soares, funcionário superior da Casa de Portugal em S. Paulo; Manuel Martins de Azevedo Falcão e Jaime Branco Junior, vice-consules de Portugal, respectivamente, em Niteroi e Belo Horizonte, etc.

No «Vera Cruz» chegaram também, para o Jardim Zoológico, muitos exemplares de aves, oferecidas pelo consul de Portugal em Santos, sr. dr. Manuel Emídio da Silva.

A rainha da colô

adora o Brasi

mas se acaso se gostaria que fo

O «Vera Cruz» é uma espécie de caixinha doirada que leva e traz, ao longo do Atlantico, as saudades dos Portugueses e dos Brasileiros. E há sempre, por isso, no cais da Praça Mauá um lenço branco que, adejando, se vê do outro lado, da margem do Tejo. Desta vez, o adeus era para Maria Helena de Sousa Lapa, a rainha das Associações Portuguesas do Brasil. Foi eleita entre doze concorrentes mas o prémio não traduz homenagem á sua beleza — aliás, Maria Helena não anda longe de ser bonita — mas ás suas virtudes. Simples, graciosa, simpática, virtuosa, não foi eleita pelos seus dotes físicos, antes pelas suas qualidades morais. Reune, enfim, as qualidades que os Portugueses do Brasil apreciam nas suas jovens patrícias ali residentes: além daquelas virtudes, a da boa educação «á portuguesa», boa apresentação, dotes de quem sabe falar, estar e ser. enfim, um dia, boa esposa e boa mamã...

Além disso, Maria Helena de Sousa Lapa tem uma voz bonita (cantou modinhas portuguesas e brasileiras a bordo, com uma voz sem escola mas tão afinada que até a Emissora, á chegada, logo a convidou para ir cantar um dia destes ao seu microfone...) sabe e gosta de dançar, é, enfim, uma jo-

Finalmente dunhill

20 cigarros por 10 ESCUDOS

O FAMOSO PONTO BRANCO associado ao nome dunhill são a melhor garantia de qualidade.

FEIRA POPULAR DE LISBOA

O MAIOR RECINTO DE DIVERSÕES DA CAPITAL

UM ESPECTÁCULO QUE NÃO CANSA, QUE DIVERTE E DA ALEGRIA A TODOS OS VISITANTES

TODAS AS ATRACÇÕES EM MOVIMENTO CONSTANTE

DE TUDO PARA COMER E PARA BEBER

PARA TODOS OS GOSTOS E PARA TODOS OS PREÇOS

ENTRADA UM ESCUDO

GAZCIDLA

A EXEMPLO DO ANO PASSADO, E NO INTUITO DE CONTINUAR A FACILITAR A UTILIZAÇÃO DESTE COMBUSTÍVEL, A CIDLA DECIDIU MANTER, NAS ÁREAS DA SUA SEDE EM LISBOA E DAS FILIAIS DE PORTO E COIMBRA, O REGIME DE ALUGUER DE FOGÕES DURANTE O PERÍODO DE VERÃO.

PESSOALMENTE OU PELO TELEFONE, DÃO-SE TODAS AS EXPLICAÇÕES SOBRE O ASSUNTO NOS ESCRITÓRIOS DA SOCIEDADE, EM LISBOA, PORTO E COIMBRA.

UMA CHAMA VIVA ONDE QUER QUE VIVA

Um «bom dia» a Portugal, quando Maria Helena desembarcava

nia portuguesa
l e os Brasileiros
casasse
sse em Portugal...

vem que, pela sua graça singela, lembra as sãs raparigas do nosso povo.

Nascida nas Pedras Salgadas, sua avó materna, que era brasileira, não se cansava de a chamar a ela, aos pais e á irmã mais nova, para o seu distante Brasil. Há três anos, o sr. Lapa, que educara Maria Helena numa escola comercial do Porto, transferiu-se para o Rio de Janeiro com a família e lá empregou a filha mais velha.

— Durante mais de dois anos — diz-nos ela, hoje, ao desembarcar — chorava tanto no banco onde me empreguei, que os meus bons amigos e colegas me intimaram a deixar de falar «desta terra», Portugal. Todos os dias faziam uma lista com o numero de vezes em que pronunciava o nome da nossa pátria... E' claro que passei a repeti-lo menos mas não deixei de pensar em Portugal nem de ter muitas saudades.

Maria Helena diz tudo isto com um acentuado sotaque brasileiro. Mas temos de perdoar-lhe: se não falar assim, dizem que a não entendem... E' preciso contemporizar, saber viver, para poder viver...

Toda vestida de linho azul claro, a rainha das Associações Portuguesas do Brasil mal tem tempo, aliás para fazer confidencias, dizer que estranhou a vida que foi encontrar no Brasil, tão diferente da sua, nas terras nortenhas, e, até, que tem um grande desejo: apesar de gostar muito do Brasil, era em Portugal que ela gostava de se casar — se acaso tiver de se casar, é claro — acrescenta timidamente...

Maria Helena gosta muito do Brasil — insiste, ainda, ao despedir-se, com o seu braçado de flores que lhe foi levar a Casa de Trás-os-Montes, nas pessoas dos drs. João Almendra, Seixas Santos, António Varejão Castelo Branco e engenheiros Jaime Morais e Cavaleiro Ferreira — gosta das «moças» brasileiras que trabalham em menor numero do que as portuguesas e se desempregam quando se casam. Para o grato convívio de todos os que deixou — incluindo o do pai e da irmã, visto que só a mãe, D. Cremilda Clemente de Sousa a acompanha — voltará, porém, em Outubro. Ficará em Portugal, até então, metade do tempo com o seu prémio de viagem, a outra metade, por sua conta própria. Agora ficará instalada no Hotel Tivoli, irá na quinta-feira ao baile da Casa de Trás-os-Montes, visitará Coimbra e o Porto, irá, enfim, ás Pedras Salgadas abraçar a velha avó paterna, de quem tem saudades, muitas, muitas.

Por agora, porém, terá outra coisa a fazer: seguir para o hotel, onde a esperam muitos ramos de flores.

Vinhos gazeificados
SURPRESA
brevemente no mercado

Breve troca de impressões
com José Lins do Rego
que chegou a Lisboa em viagem de recreio

A bordo do «Vera Cruz» chegou hoje a Lisboa o escritor brasileiro José Lins do Rego que, mais uma vez, vem de visita ao nosso País, antes de iniciar uma nova digressão pela Europa, no decorrer da qual visitará a França, Itália e a Grécia.

Numa rápida conversa, o autor de «Pureza» disse-nos que se trata apenas de uma viagem de recreio, com a indefectível passagem obrigatória por Portugal. Lins do Rego ficará oito dias em Lisboa, antes de partir de novo e, no regresso, em Setembro, conta fazer uma cura de águas nas Pedras Salgadas.

Bem disposto, amável como sempre para com os jornalistas, Lins do Rego diz-nos que antes de abandonar o Rio subira aos escaparates das livrarias um seu novo romance—«Meus verdes anos».

—Alguma obra em preparação?

—Sim, um diário de viagem pela França, Itália, Grécia, Portugal e Israel, que fiz o ano passado: Título? «Gregos e Troianos». Conto publicá-lo lá para o fim do ano.

Não podiamos desperdiçar a oportunidade de ouvir a primeira e abalizada opinião de uma reputada figura das letras brasileiras sobre a recente decisão do Senado do Brasil de autorizar a entrada naquele país de traduções portuguesas.

Lins do Rego mostra-se um pouco reticente, mas diz-nos:

—A notícia foi muito bem acolhida em todos os meios editoriais e literários...

—Mas, pessoalmente, o que pensa sobre o caso?—insistimos.

—Bem... devo dizer-lhe que, na prática, não sei se trará muitas vantagens para os Portugueses. Isto, devido á diferença cambial que existe actualmente entre o cruzeiro e o escudo. Mas, evidentemente, de qualquer forma é um triunfo e uma vantagem no campo literário.

JOSÉ LINS DO REGO

Em breves impressões sobre a moderna poesia brasileira, Lins do Rego diz-nos que mais do que nunca se fazem sentir a presença e a influência de Fernando Pessoa nos jovens autores do seu país.

E, a terminar, respondendo a uma outra pergunta:

—Portugal? É sempre bom voltar!

Começam amanhã
as provas escritas dos 2.º e 3.º ciclos liceais

Com as provas de desenho, prestadas esta manhã, terminou a primeira chamada dos exames escritos do 1.º ciclo em todos os liceus do Continente e Ilhas.

Os candidatos tiveram duas horas para resolver e executar cada uma das provas—Desenho geométrico e de composição decorativa.

As provas orais só principiarão depois do próximo dia 10, uma vez terminada a segunda chamada, não se sabendo, todavia, o dia certo em que terão início. Amanhã principiam os exames escritos dos 2.º e 3.º ciclos. As provas serão prestadas, em todos os liceus do País, pela ordem seguinte.

Quarta-feira, 27 — 2.º ciclo: Português, ás 9 horas e Ciências Naturais, ás 11. 3.º ciclo: Organização Política e Administrativa da Nação, ás 14 e 30 e Filosofia, ás 16 e 30.

Quinta-feira, 28 — 2.º ciclo: Matemática, ás 9 horas e Francês, ás 11 e 30. 3.º ciclo: Latim e Geografia, ás 14 e 30 e Matemática, ás 16 e 30.

Sexta-feira, 29 — 2.º ciclo: História, ás 9 horas e Inglês, ás 11. 3.º ciclo: Inglês, Ciências Físico-Químicas ou Grego, ás 14 e 30.

Sábado, 30 — 2.º ciclo: Ciências Físico-Químicas, ás 9 horas e Geografia, ás 11. 3.º ciclo: Português ou Desenho, ás 14 e 30.

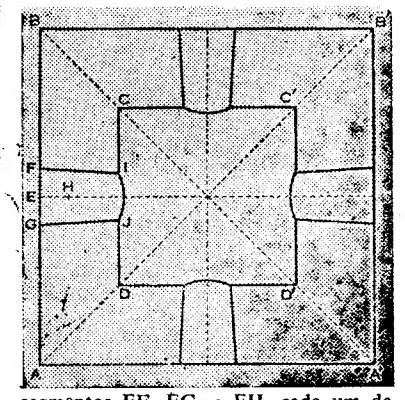
Segunda-feira, 2 — 2.º ciclo: Desenho Geométrico ou Composição Decorativa, ás 9 horas e Desenho ás vista, ás 11 e 30. 3.º ciclo: História ou Ciências Naturais, ás 14 e 30 e Francês e Alemão, ás 16 e 30.

As segundas chamadas destes exames principiarão no dia 5 de Julho, para terminarem cinco dias depois.

Prova escrita de Desenho
DESENHO GEOMÉTRICO

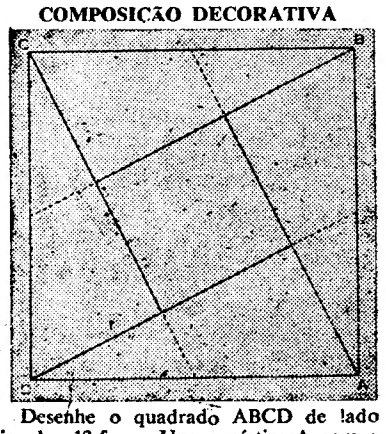
(Leia com muita atenção o que se segue, e execute o desenho pela ordem que vai indicada)

1—Trace o segmento AA' de comprimento igual a 12 cm. 2—Levante a perpendicular no extremo A' desse segmento e marque sobre ela um comprimento A'B' igual a 12 cm. 3—Complete o quadrado AA'B'B. 4—Desenhe as diagonais AB' e A'B e marque, sobre elas, pontos D, D', C' e C tais que os segmento AD, A'D', B'C' e BC meçam, cada um, 4 cm. 5—Una estes quatro pontos de modo a obter um quadrado. 6—Trace os segmentos que unem os meios dos lados opostos do quadrado AA'B'B. 7—A partir de E marque os



segmentos EF, EG, e EH, cada um deles igual a 1 cm. 8—Com centro em H e raio igual a 2 cm trace o arco IJ. 9—Una F com I e G com J. 10—Faça construções idênticas ás dos numeros 7, 8 e 9, a partir dos meios dos outros três lados do quadrado AA'B'B. **Cubra o desenho a tinta da China, como vai indicado na figura, e passe a tracejado a construção que executou para levantar a perpendicular a AA' no ponto A'. Não ponha letras no desenho.**

Prova escrita de Desenho
COMPOSIÇÃO DECORATIVA



Desenhe o quadrado ABCD de lado igual a 12,5 cm. Una o vértice A com o meio do lado BC; o vértice B com o meio do lado CD; o vértice C com o meio do lado DA e o vértice D com o meio do lado AB. Utilize apenas as linhas indicadas a cheio na figura e não ponha letras. Decore o conjunto servindo-se de elementos naturais. Empregue aguarela ou guache.

RISCOS NA AREIA

Apocalipse
de ROCHA JÚNIOR

Certos sonhos, a persistência de certos sonhos, induzem-nos realmente a crer que tivemos uma vida anterior. A mim me aconteceu agora, influenciado talvez pelas frequentes referências á descoberta de restos da Arca de Noé no Monte Ararat, reviver uma vida anterior, embora no breve, no imponderável espaço de um sonho.

Sonhei que era Noé. E sonhei que me achava no Céu a conversar com Deus, não precisamente no Céu, do qual não faço a menor ideia, mas concretamente no Sol, isto é, naquilo que a minha débil inteligência de dormente aceitava como consubstanciação do Criador, dado que ao Sol devemos a existência material e sem ele não seria possivel o mais leve indício de vida sobre a Terra.

Ora Deus falava comigo e dizia-me estas absurdas palavras:

—Daqui avista-se o Monte Ararat, onde encalhou a tua Arca. E' o unico ponto onde ficou alguma vegetação. Mas não se vislumbra sinal de vida, nem ali nem no resto do planeta. Se fossem vivos, os habitantes da Terra comemorariam hoje o 2.000.º ano do nascimento do meu Filho. Foi, de facto, há 2.000 anos que eu o fiz e o depus numa arribana em Belém.

—Que tu o fizeste? Não foi o Espirito Santo?

—Não; fui eu. Por minhas mãos. De barro, como tinha feito Adão. Os homens andam sempre á roda da verdade, mas nunca chegam a penetrá-la por completo. Eles viram que a aparição de Jesus ao lado de Maria se operara sem quebra da virgindade desta. De facto. Mas aceitaram o irreal: a criança ter saído do ventre de Maria «como o Sol pela vidraça». Não. Jesus, fi-lo eu, como fizera Adão.

«Compreendes: Eu queria, na minha segunda experiência de renovação da humanidade, apresentar um fundador que fosse perfeito, e nunca poderia ser absolutamente perfeito um ser saído da carne dos homens. Adão saiu perfeito das minhas mãos, mas Eva, extraída dele, já o não era e perverteu-o. Não tardou que ambos pecassem por desobediência, e o seu primeiro filho saiu fratricida. Foram piorando tanto os homens, que resolvi destruí-los a todos, excepto a ti, que, para confirmar pela excepção a regra, eras o unico virtuoso. Mas repara: logo um dos teus filhos pecou gravemente por injuria ao próprio pai; o teu filho Cham riu-se de ti ao ver-te embriagado.

«Assim, a minha segunda tentativa de regeneração daquele mundo pela renovação da espécie falhou. Cristo era perfeito mas os homens mataram-no. Ao ver isto abandonei-os temporàriamente aos seus instintos. Foram então de mal a pior. Ambiciosos e pretensiosos, não tardaram em julgar-se capazes de me dispensar e empreenderam a tarefa de se salvarem a si próprios — isto é, de se salvarem uns aos outros. O diabo é que surgiram imensos salvadores, cada qual á frente da sua hoste, convencidos de que a maneira de salvarem o grupo bom — o seu — era exterminar o grupo contrário — o mau. De ai resultou o que vês: A pretexto de se salvarem e fazerem a felicidade comum, aniquilaram-se por completo e tornaram a Terra inabitável.

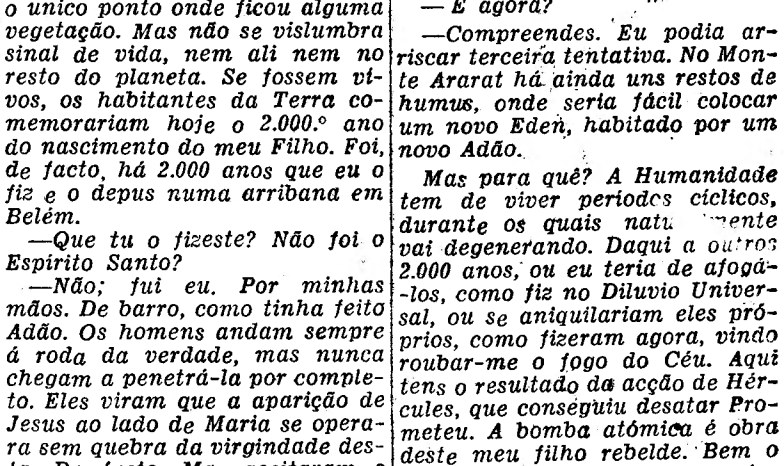
— E agora?

—Compreendes. Eu podia arriscar terceira tentativa. No Monte Ararat há ainda uns restos de humus, onde seria fácil colocar um novo Eden, habitado por um novo Adão.

Mas para quê? A Humanidade tem de viver periodos cíclicos, durante os quais naturalmente vai degenerando. Daqui a outros 2.000 anos, ou eu teria de afogá-los, como fiz no Diluvio Universal, ou se aniquilariam eles próprios, como fizeram agora, vindo roubar-me o fogo do Céu. Aqui tens o resultado da acção de Hércules, que conseguiu desatar Prometeu. A bomba atómica é obra deste meu filho rebelde. Bem o previra um dos mortais excepcionalmente inteligente, Galion, que na sua tragédia «Hércules no Oeta...»

Acordei neste momento e fiquei com pena, como sempre me acontece ao despertar de um sonho agradável. Principalmente por não ter na minha estante a tragédia de Galion, a fim de saber ao certo o que foi que ele previu.

Talvez qualquer coisa a jogar com este versiculo 21, cap. 18, do «Apocalipse» de S. João: «Então um forte anjo levantou em alto uma pedra, como uma grande mó de moinho, e lançou-a ao mar, dizendo: Assim, com este ímpeto, será precipitada aquela grande cidade de Babilónia, de sorte que ela se não achará jamais».



TÁGIDE Conjunto Jorge Machado

PALM BEACH Conjunto Jorge Brandão animado por JIMMY e o conjunto Heinz na esplanada

Chás Dançantes aos Domingos

Publicações

«Revista do Gabinete de Estudos Corporativos»

Foi editado o n.º 25 da «Revista do Gabinete de Estudos Corporativos», com o qual se inicia o seu sétimo ano da sua publicação. No editorial, o director da Revista ocupa-se das recentes propostas de lei sobre a instauração de corporações e o «plano de formação social e corporativa», fazendo algumas considerações sobre a oportunidade e justificação dos referidos diplomas. Segue-se a conclusão do artigo do prof. Jean Brethe de la Gressaye, «L'état actuel de l'organisation professionnelle en France». Na Secção Trabalhos do Gabinete, publica-se «Sobre a contabilidade dos organismos de coordenação económica», da autoria do dr. Álvaro Henriques de Almeida. A seguir á habitual secção de Informações e Comentários, insere-se uma «Biblioigrafia sobre Corporativismo», pelo dr. Raul da Silva Pereira.

«Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira»

Com a regularidade que já se tornou tradicional, apareceu á venda mais um fascículo da «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira».

Neste fascículo, que é o n.º 393, termina a letra U e dá-se início á letra V, com a colaboração dos professores Peres de Carvalho, Abreu Figanier, Laranjo Coelho, Mendes Correia, Luís Pina, João de Vasconcelos, Cunha Gonçalves, Frederico Oom; drs. Pedro Godinho, Salazar Carreira, Travassos Valdez, Julio Gonçalves, Magnus Bergstrom, António Sérgio, Francisco Fernandes, Celestino Gomes, D. Lídia Salgueiro, Dias Amado, Barros Bernardo, António Madeira, Reis Ribeiro; e os colaboradores especializados Brito Leal, eng. Almeida Fernandes, capitão Pastor Fernandes, padre Acácio Casimiro S. J., capitão Augusto Casimiro, coronel Vasco de Meneses e Machado Faria.

Semana da tuberculose

As chefes de zonas da comissão de beneméritas senhoras e meninas que colaboram com o Instituto de Assistência Nacional ao Tuberculosos, continuaram hoje o seu peditório, ontem iniciado, nas casas comerciais, nas grandes empresas, nas Companhias e nos Bancos, tendo continuado a receber numerosos donativos, alguns dos quais importantes.

Amanhã, far-se-á a venda do respectivo emblema nas ruas.

VIDA MUSICAL

Festival de Música Portuguesa: 2.º Concerto sinfónico no Tivoli

Não nos inspira muitos comentários este cometimento que prosseguiu no plano preparado pela Emissora Nacional, e já definitivamente esplanado na brochura distribuida pelo S. N. I. Programa do 2.º Concerto Sinfónico, pela Orquestra Sinfónica Nacional, sob a direcção de Pedro de Freitas Branco, (numa sala magnífica aonde não se sentia o calor asfixiante quenos mimoseava cá fora): a *Suite Antiga* sobre textos de Carlos Seixas, concertados e instrumentados por Artur Santos; e Concerto em mi menor, para violino e orquestra, de Armando José Fernandes, com Antonimo David por solista; a 3.ª Sinfonia de Luís de Freitas Branco. A *Suite Antiga* lucrava grandemente em ser tocada por um grupo menos grande, e com outro mimo de preparação. E a despeito da admirável batuta de Pedro de Freitas Branco para a Musica sinfónica de grandes galas instrumentais, as duas outras obras não alcançaram uma interpretação própria para atenuar os seus pontos fracos, (sobre os quais seria de nossa parte despropositados tornar a insistir).

Contudo, no Concerto em mi menor, em que Antonino David não chegou a atingir o necessário á-vontade, o interesse aumentou a partir de *Scherze*. E Pedro de Freitas Brancó redobrou de paixão interpretativa na Sinfonia de Luís de Freitas Branco, destacando com esmero, em especial, a planificação instrumental do *Andante*.

FRANCINE BENOIT

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

CAPITAL 200.000.000$00

SEDE — Rua Duque de Loulé, 148 — PORTO

SERVIÇO DE OBRIGAÇÕES

1.º Semestre de 1956

Conforme estava anunciado, procedeu-se hoje ao sorteio, para efeito de amortização de 12.710 obrigações desta sociedade, das séries a seguir indicadas.

Foram sorteados os seguintes títulos:

7.ª emissão

4 1/2 POR CENTO — 1.341 OBRIGAÇÕES

Títulos de uma obrigação

18 75 360 444 453 540 562 804 808
972 1004 1073 1194 1206 1211 1229 1240 1304
1332 1473 1555 1639 1650 1789 2002 2071 2125
2199 2374 2380 2468 2482 2506 2549 2712 2735
2746 3096 3172 3173 3440 3522 3568 3572 3669
3769 3886 4049 4206 4412 4435 4506 4542 4654
4690 4975 5181 5192 5209 5228 5253 5296 5350
5455 5615 5645 5725 5769 5928 6005 6011

Títulos de cinco obrigações

6258 6287 6297 6305 6428 6486 6506 6629 6763
6767 6768 6785 6992 7208 7234 7310 7356 7376
7480 7489 7533 7571 7683 7727 7777 7812 7948
7963 7986 8024 8039 8193 8261 8465 8469 8482
8503 8618 8678 8744 8797 8844 8874 8910 9281
9351 9530 9533 9683 9684 9739 9750 9769 9790
9923 9932 9964 10043 10487 10517

Títulos de dez obrigações

10961 10983 11001 11058 11064 11074 11148 11242 11268
11277 11379 11405 11470 11524 11535 11573 11691 11742
11846 11886 11887 11902 12045 12176 12305 12319 12349
12852 12396 12633 12639 12650 12652 12938 12978 13002
13155 13506 13590 13657 13659 13675 13797 13838 13888
13930 13963 14011 14101 14137 14154 14327 14444 14532
14558 14576 14769 14824 14923 15107 15129 15293 15355
15504 15505 15516 15653 15734 16206 16217 16258 16374
16389 16397 16463 16579 16618 16655 16670 16737 16746
16801 16844 16859 16914 16971 17057 17177 17190 17211
17324 17346 17395 17676 17716 17740 17761

8.ª emissão

4 POR CENTO, 1945 — 2.711 OBRIGAÇÕES

Títulos de uma obrigação

125 130 202 250 311 318 366 528 587
662 702 750 779 814 925 958 995 1038
1069 1085 1114 1221 1350 1405 1416 1429 1436
1578 1612 1645 1695 1894 1904 1909 1915 1928

Títulos de cinco obrigações

1916 1957 2008 2164 2217 2297 2448 2560 2640
2679 2805 2853 2939 3069 3185 3226 3273 3286
3295 3305 3380 3578 3635 3641 3689 3708 3731
3901 3951 3977 4043 4057 4078 4173 4361 4424
4505 4511 4747 4760 4766 4783 4796 4809 4811
4829 4877 5103 5186 5199 5238 5326 5404 5498
5522 5548 5616 5727 5735 5777 5805 5891 5995
6072 6146 6184 6244 6249 6284 6320 6367 6440
6585 6741 6891 6912 6993 7007 7038 7049 7105
7139 7266 7400 7429 7533 7547 7676 7699 7705
7801 7822 7843 7892 8022 8103 8161 8200 8220
8518 8533 8583 8656 8836 8840 8913 8917 8928
8933 8940 9001 9145 9154 9192 9224 9225 9256
9343 9345 9401 9439 9495 9541 9643 9658 9720
9741 9757 9795 9817 9871 9889 9901 10169 10194
10295 10443 10563 10565 10578 10654 10687 10817 10958
10976 10979 11139 11280 11365 11387 11492 11506 11517
11518 11602 11649 11752 11762 11776

Títulos de dez obrigações

11975 12015 12016 12063 12239 12253 12274 12301 12515
12587 12654 12725 12847 12900 13003 13085 13103 13270
13294 13337 13341 13481 13482 13555 13578 13663 13770
13875 14006 14028 14038 14158 14159 14160 14369 14408
14440 14526 14754 14773 15002 15032 15234 15261 15287
15323 15341 15403 15548 15553 15786 15805 15925 15934
15979 15995 16011 16017 16170 16281 16315 16425 16516
16552 16571 16852 16881 16940 17018 17043 17110 17251
17252 17417 17557 17684 17775 17839 17880 17902 18015
18150 18190 18319 18346 18463 18472 18495 18691 18766
18813 18889 18906 19009 19067 19069 19092 19233 19316
19381 19428 19476 19504 19618 19636 19655 19908 19948
20045 20093 20153 20346 20538 20603 20641 20645 20667
20683 21163 21246 21364 21428 21530 21533 21642 21870
21908 21939 22127 22323 22515 22516 22541 22543 22612
22630 22667 22733 22774 22912 22998 23099 23229 23259
23297 23340 23363 23371 23403 23456 23788 23792 23959
23988 24027 24106 24184 24250 24322 24410 24500 24576
24647 24738 25029 25062 25077 25083 25118 25283 25336
25354 25392 25434 25442 25629 25716 25847 25882 25901
25912 25948 26082 26309 26346 26363 26471 26499

9.ª emissão

3 3/4 POR CENTO — 1.303 OBRIGAÇÕES

Títulos de uma obrigação

36 76 131 163 278 341 452 664 684
709 715 835 840 1071 1089 1106 1132 1226
1309 1368 1454 1527 1655

Títulos de cinco obrigações

1775 2068

Títulos de dez obrigações

2202 2203 2228 2316 2369 2405 2486 2493 2715
2725 2770 2962 3048 3186 3253 3295 3334 3426
3448 3522 3539 3606 3648 3735 3805 3821 3840
3844 3849 3996 4101 4124 4257 4312 4334 4397
4410 4411 4438 4491 4736 4784 4931 5091 5227
5247 5253 5349 5354 5414 5438 5462 5469 5524
5589 5702 5718 5830 5969 6000 6157 6169 6179
6217 6405 6420 6464 6594 6909 7036 7172 7403
7520 7593 7653 7697 7908 8108 8216 8280 8292
8441 8541 8544 8564 8681 8745 8829 9018 9099
9109 9140 9175 9243 9320 9385 9522 9541 9599
9709 9766 9916 10058 10072 10185 10188 10229 10231
10239 10280 10378 10390 10474 10524 10750 10761 10807
10937 11017 11110 11158 11161 11369 11421 11493 11532
11576

10.ª emissão

4 POR CENTO, 1948 — 2.313 OBRIGAÇÕES

Títulos de uma obrigação

26552 26632 26725

Títulos de dez obrigações

27046 27300 27318 27843 28044 28071 28127 28133 28168
28280 28459 28520 28595 28871 28943 29077 29082 29162
29203 29223 29367 29381 29389 29417 29565 29640 29666
29916 30052 30056 30096 30177 30350 30501 30510 30631
30652 30671 30818 30978 31005 31049 31059 31090 31142
31163 31178 31325 31299 31332 31333 31378 31390 31437
31438 31577 31731 31738 31747 31832 31845 31869 31891
32313 32394 32484 32611 32648 32665 32826 32845 32937
32939 33086 33420 33446 33454 33493 33752 33840 33933
33950 34099 34194 34316 34328 34330 34551 34625 34793
34796 34848 34886 34906 34917 35002 35013 35318 35585
35598 35679 35852 36325 36333 36359 36425 36717 36793
36960 37000 37044 37103 37120 37147 37268 37347 37491
37581 37632 37665 37903 37955 37969 38049 38266 38390
38517 38594 38601 38614 38674 39294 39520 39526 39568
39672 39700 39871 40007 40024 40049 40149 40169 40176
40182 40219 40412 40416 40500 40506 40614 40647 40660
40692 40785 40889 40897 40916 41008 41021 41077 41163
41176 41191 41299 41301 41370 41411 41440 41457 41507
41551 41630 41826 41882 41938 42180 42235 42296 42377
42424 42488 42606 42630 42634 42641 42667 42806 42952
42969 43278 43310 43313 43359 43360 43868 43888 43923
43946 43994 44045 44078 44107 44285 44340 44547 44578
44782 44948 44995 45047 45180 45315 45520 45567 45736
45762 45771 45790 45833 45879

Títulos de cem obrigações

46059

11.ª emissão

5 POR CENTO, 1951 — 918 OBRIGAÇÕES

Títulos de uma obrigação

183 305 368

Títulos de cinco obrigações

535

Títulos de dez obrigações

636 651 652 747 829 950 1107 1116 1197
1260 1426 1856 2044 2108 2222 2231 2343 2367
2486 2602 2631 2761 2912 3496 3579 3765 3795
3855 3881 3943 3961 3977 4270 4430 4560 4676
4721 4777 4781 4794 5173 5331 5462 5509 5520
5577 5645 5798 5861 6267 6629 6861 6928 6951
7263 7281 7326 7479 7491 7560 7682 8148 8195
8238 8369 8423 8454 8464 8482 8520 8557

Títulos de cem obrigações

8580 8636

12.ª emissão

5 POR CENTO, 1952 — 1.748 OBRIGAÇÕES

Títulos de uma obrigação

8945 8956 8988

Títulos de cinco obrigações

9264 9515 9530 9593 9739 9744 9944

Títulos de dez obrigações

10235 10313 10609 10617 10714 10822 10827 11083 11176
11207 11232 11504 11591 11777 11824 11900 11905 12302
12353 12533 12728 12739 12758 12988 13198 13272 13587
13716 13743 14014 14270 14291 14296 14320 14606 14703
14818 14883 15062 15241 15256 15274 15281 15520 15634
15765 15993 16047 16193 16342 16345 16947 17083 17089
17134 17137 17239 17249 17357 17415 17487 17525 17533
17614 18038 18078 18501 19038 19061 19596 19739 19911
20301 20304 20313 20399 20935 20998 21102 21148 21165
21268 21354 21363 21625 21639 21752 21836 21894 22032
22036 22228 22298 22319 22424 22628 22700 22825 23154
23163 23332 23389 23397 23415 23475 23813 23971 24071
24539 24609 24788 24854 24855 24870 24899 24996 25021
25182 25191 25192 25407 25416 25496 25955 26025 26047
26211 26306 26310 26523 26578 26583 26669 26913 26969
27044 27234 27502 27625 27639 27701

Títulos de cem obrigações

27789 27807 27814

13.ª emissão

5 POR CENTO, 1954 — 2.376 OBRIGAÇÕES

Títulos de uma obrigação

28062

Títulos de cinco obrigações

28374 28423 28443 28537 28545 28836 28892 28916 28928

Títulos de dez obrigações

29221 29232 29346 29376 29378 29452 29489 29632 29740
29942 30218 30227 30280 30671 30701 30806 30829 30984
31026 31069 31106 31214 31284 31550 31776 31821 31918
33968 34639 35023 35082 35179 35217 35298 35435 35505
36108 36199 36302 36443 36454 36538 36541 36649 36659
36845 37182 37535 37635 37671 37677 37767 37832 37834
37864 38082 38390 40060 40160 40472 40550 40682 40712
40714 40767 41062 41077 41181 41222 41333 41339 41379
41400 41475 41541 41705 41785 41853 41897 42052 42096
42220 42397 42424 42534 42546 42614 42703 43159 43196
43496 43777 43845 43998 44009 44245 44462 44562 44710
44727 44824 44853 45192 45209 45245 45527 45536 45580
45887 45906 46017 46089 46172 46190 46191 46254 46491
46521 46610 46876 47074 47096 47295 47472 47577 47578
47715 47807 48121 48167 48409 48476 48572 48661 48664
48792 48844 49031 49039 49119 49220 49266 49409 49559
49674 49787 49823 49824 49847 49854 49954 50028 50256
50459 50498 50706 50768 50855 50970 51084 51169 51174
51204 51237 51278 51287 51300 51316 51368 51520 51621
51622 51679 51784 51799 51836 52032 52713 52731 52827
52848 53201 53228 53282

Títulos de cem obrigações

54588 54670 54824 54919

Os valores líquidos dos cupões das séries indicadas são os seguintes:

7.ª Emissão (4 1/2 %), cupão n.º 24 ... 1$79 (1)
8.ª » (4 %—1945), » » 23 ... 1$58 (1)
9.ª » (3 3/4 %), » » 20 ... 1$47 (1)
10.ª » (4 %—1948), » » 15 ... 1$58 (1)
11.ª » (5 %—1951), » » 10 ... 2$00 (3)
12.ª » (5 %—1952), » » 8 ... 2$00 (3)
13.ª » (5 %—1954), » » 4 ... 2$00 (3)

O reembolso das obrigações sorteadas, pelo valor nominal, assim como o pagamento do juro do 1.º semestre de 1956, realizam-se no Banco Pinto e Sotto Mayor, em Lisboa e Porto, todos os dias uteis, excepto aos sábados, a partir de 2 de Julho próximo futuro.

Porto, 15 de Junho de 1956.

Pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA
O ENGENHEIRO GERENTE
(a) *Mamede Fialho*

Pequenas notícias

PELA POLICIA

EMPREGADO INFIEL—O chefe Matos Rodrigues e o agente Marinho, da Polícia Judiciária, procedem a investigações no sentido de averiguar uma queixa apresentada pela Sociedade Industrial de Boias Sipal, Lda., do Montijo, contra o seu ex-empregado Nuno Coutinho Rodrigues, de 27 anos, casado, que se apossou dum cheque em branco daquela firma, cheque que preencheu, falsificando a assinatura para o levantamento de 35 contos, além de mais três que furtou. O infiel empregado ausentou-se para parte desconhecida. Já em tempo havia furtado 2.000$00, delito que aquela firma lhe perdoara.

PELOS HOSPITAIS

Chegou morto ao Hospital de S. José o menor Alberto de Almeida Marques, de cinco meses, que entalou o pescoço nas grades do berço O cadáver foi removido para o Necrotério.

—Em Chelas foi encontrada morta Josefina Sequeira Reis, de 70 anos, de Almada. O cadáver foi levado para o Necrotério.

ATINGIDO POR UMA PRANCHA —Atingido por uma prancha, quando trabalhava no Casal de Santa Luzia, sofreu grave ferimento num pé, o mecanico Augusto Lopes, de 40 anos, morador na Rua D. Estefania, 81. Deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José.

POR TOCAR NUM FIO ELÉCTRICO—Por tocar num fio eléctrico, quando trabalhava num andaime dum 1.º andar em Vila Franca de Xira, caiu á rua e sofreu fractura dum braço, duma perna e dum pé, o pedreiro Edmundo Augusto José, de 36 anos.

CONFERENCIAS

O sr. dr. Vasconcelos Carvalho, profere depois de amanhã, pelas 22 horas, na Associação Académica de Santarém, uma conferência, subordinada ao tema «Motivos e vantagens do coleccionamento de selos».

—Por motivo de força maior, a conferência do sr. Joaquim Lança anunciada para amanhã, na Casa do Ribatejo, ficou adiada para data a designar.

QUEM PERDEU?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues na P S. P. (Governo Civil): um isqueiro; uma corrente com um apito de metal; um par de meias de «nylon» para senhora; um par de óculos escuros; dois pares de óculos graduados; um xaile de lã; diversas argolas com chaves e chaves desirmanadas; um cartão da Escola Comercial Patrício Prazeres, em nome de Valdemar Barreiros Vinagre; dois tampões de depósito de gasolina; um passse semanal da carreira Cacilhas-Lisboa; um fio de prata, com uma chucha; a carteira profissional de Aurora Moreno Afonso; um boné de marinheiro da Armada portuguesa; um tampão de roda de automóvel; um missal; um porta-moedas com dinheiro e uma chave; um desmontador de pneus de moto; uma caixa com 27 moldes de cartão; quinze pequenas fotografias de homem e doze de senhora; uma peça de automóvel «Ford»; três radiografias de Nicolau Osório Negrão; e uma mala de viagem com roupa de senhora.

O ARTIGO 636.º

do Código Administrativo

Um decreto-lei hoje publicado, pelo Ministério do Interior, determina que o artigo 636.º do Código Administrativo passe a ter a seguinte redacção:

«Os concorrentes são classificados em três grupos: a) No 1.º grupo entram os que provem serviço com aproveitamento durante dois anos, pelo menos, como internos nos hospitais centrais gerais, como médicos do Hospital de Santo António, no Porto, como assistentes do quadro das cadeiras de clínica médica das Faculdades de Medicina ou como médicos militares do Exército ou da Armada; b) No 2.º grupo entram os que provem bom serviço durante dois anos, pelo menos, como médicos municipais noutros concelhos ou como médicos das Casas do Povo; c) No 3.º grupo os restantes.»

DE LUTO

Patrocina Rodrigues Bandeira

Faleceu á sr.ª D. Patrocina Rodrigues Bandeira, de 65 anos, tia do sr. Guilherme Bandeira, comerciante. O funeral realiza-se amanhã, ás 15 horas, saindo do Hospital Curry Cabral.

O comércio externo em 1955 acusou

o «deficit» de perto de 1 milhão de toneladas

e de valor superior a 3 milhões de contos

Uma das mais interessantes publicações do Instituto Nacional de Estatística, no sector económico, é o «Comércio Externo». O primeiro volume, referente a 1955, tem mais de 750 páginas, e nele se inserem informações que muito valem para o estudo dos problemas mais intimamente ligados á economia da Nação.

Além da introdução, compreende quadros retrospectivos, quadros resumos e os quadros com o movimento do ano: importação para consumo, exportação nacional e nacionalizada, transito indirecto, transito directo e baldeação. Uma série de gráficos permite fazer uma rápida ideia da marcha do total da importação e da exportação, quer quanto a quantidades, quer quanto a valores; do valor unitário do total da tonelada; da distribuição por classes e secções do comércio especial e dos transitos; e das quantidades e dos seus valores ouro, desde 1900.

Observando os quadros retrospectivos e os quadros resumos, vê-se que se importou cerca de 3.450 mil toneladas por uns 11.450 milhares de contos, e se exportou umas 2.450 mil toneladas por 8.165 milhares de contos, o que conduz a um saldo negativo de perto de 1 milhão de toneladas e uns 3.290 milhares de contos. Em relação ao ano anterior (1954) importou-se mais umas 150 mil toneladas e exportou-se mais umas 280 mil, tendo assim o saldo, em quantidades, melhorado de umas 130 mil toneladas. Quanto aos valores, importou-se mais 1.370 milhares de contos e exportou-se mais uns 870 milhares, do que resultou agravar-se o saldo de uns 500 mil contos.

Examinando, de relance, a composição do comércio especial vê-se que de matérias-primas se importou uns 5.730 milhares de contos e se exportou apenas 2.660 mil; de aparelhagem e veículos se importou uns 3.090 milhares de contos e se exportou só uns 240 mil; já de substancias alimentícias importámos apenas 1.160 milhares de contos e exportámos 2.470 mil; finalmente, de produtos manufacturados diversos importámos 1.120 milhares de contos e exportámos-mos 1.720 mil.

Dão-se, agora, alguns numeros relativos ás principais mercadorias de que em 1955 se importou mais do que em 1954, quer em tonelagem, quer em valor, com a indicação do país que foi nosso principal fornecedor.

Algodão — 48.650 ton. por 877.200 contos; mais umas 4.350 ton. e mais uns 170 mil contos, do que em 1954. Das nossas Províncias Ultramarinas importou-se cerca de 80% da tonelagem por uns 585 mil contos.

Juta — 12.100 ton. por 90.600 contos; mais umas 7.600 ton. e mais uns 60 mil contos. Práticamente toda a importação foi do Paquistão.

Pasta para papel — 29.640 ton. por 99.600 contos; mais 13.400 ton. e mais uns 34 mil contos. Da Suécia veio cerca de 65% da tonelagem por uns 76 mil contos.

Carvões — 511.920 ton. por 248.300 contos; mais umas 43 mil ton. e mais uns 29.500 contos. Do Reino Unido recebemos uns 70% da tonelagem no valor de 167 mil contos.

Ramas para destilação — 910.490 ton. por 604 mil contos; mais umas 200 mil ton. e mais uns 150 mil contos. Veio do Iraque perto de 70% da tonelagem e uns 440 mil contos.

Ferro e aço não manufacturado — 242.330 ton. por 937.280 contos; mais umas 15 mil ton. e mais uns 160 mil contos. Veio da Bélgica 35% da tonelagem por cerca de 300 mil contos.

Batatas — 38.890 ton. por 59.430 contos; mais umas 13 mil ton. e mais uns 20 mil contos. Recebemos do Reino Unido cerca de 60% da tonelagem por uns 36.500 contos.

Bacalhau — 20.000 ton. por uns 170 mil contos; mais umas 11 mil ton. e mais uns 90 mil contos. Da Islandia proveio cerca de 55% da tonelagem no valor de uns 80 mil contos.

Café — Umas 1[illegible]00 ton. por uns 224 mil contos; mais umas 1.180 ton. e mais uns 68 mil contos. Práticamente todo nos veio das Províncias Ultramarinas.

Máquinas industriais — 13.220 ton. por 666.620 contos; mais umas 230 ton. e mais uns 56.900 contos. Veio da Alemanha cerca de 1/3 da tonelagem, no valor de uns 192 mil contos.

Automóveis para carga — Cerca de 5.000 carros por 265.000 contos, ou seja cerca de mais 1.100 carros e mais uns 75 mil contos. Do Reino Unido e da Alemanha nos vieram de cada um perto de 40% dos carros respectivamente por 105 mil e 95 mil contos.

Automóveis para passageiros — Uns 11.050 carros por uns 382.300 contos; isto é, cerca de mais 1.050 carros por mais uns 50 mil contos. A Alemanha vendeu-nos 55% dos carros no valor de uns 206 mil contos.

Embarcações — Umas 22.550 ton. por 236.000 contos, ou seja cerca de mais 90 mil contos, devido á compra á Bélgica dos vapores «Dondo» e «Niassa».

Medicamentos — A' volta de 970 ton. por 166.500 contos; mais umas 80 ton. e mais uns 27.800 contos. Da Suíça importámos cerca de 60 mil contos.

Mercadorias houve que apresentaram aumento na importação quanto á tonelagem, mas redução quanto ao valor, tais como:

Lãs (menos 7 mil contos); *material circulante para caminhos de ferro* (menos uns 28 mil contos). E outras com sensível redução tanto na tonelagem como no valor: *Petróleo* (menos uns 10.600 contos); *gasolina* (menos 46 mil contos); *sulfato de amónio* (menos 117 mil contos); *milho* (menos uns 55 mil contos); *trigo* (menos 84 mil contos); *açucar* (menos uns 31.300 mil contos).

Indicam-se, agora, algumas das mercadorias que mais pesaram na exportação, aumentando tanto em quantidades como em valores:

Esteios para minas—Umas 145.880 ton. por 69.968 contos; isto é, mais umas 32 mil ton. e mais uns 14 mil contos do que em 1954. Foi o Reino Unido o nosso melhor comprador, com uns 85% da tonelagem, por uns 50 mil contos.

Cortiça em aparas — 66.240 ton. por 314.100 contos; mais umas 5 mil ton. e mais 50 mil contos. Os Estados Unidos compraram-nos 55% da tonelagem por uns 190 mil contos.

Cortiça em prancha — Perto de 30.500 ton. por uns 477.850 contos; mais umas 6 mil ton. e mais uns 113 mil contos. Foram para a Argentina uns 25% da tonelagem, no valor de perto de 128 mil contos.

Pez — 37.640 ton. por 202.660 contos; mais umas 2 mil ton. e á roda de mais uns 20 mil contos. Para o Reino Unido foi cerca de 45% da tonelagem por uns 95 mil contos.

Pirites — 451.300 ton. por 186.100 contos; mais umas 54 mil ton. e mais 40 mil contos. Para França se exportou uns 40% da tonelagem por perto de 70 mil contos.

Minério de volframio — Umas 4.180 ton. por uns 279.480 contos; mais umas 1.160 ton. e mais uns 64 mil contos. O Reino Unido comprou-nos uns 45% da tonelagem por uns 120 mil contos.

Vinhos comuns — 125.945 mil litros por uns 252.000 contos; mais 31.100 mil litros mas só mais uns 5.400 contos. As nossas Províncias Ultramarinas compraram-nos 75% da litragem, por uns 180 mil contos.

Vinho do Porto — 22.900 mil litros por 314.145 contos; mais 180 mil litros e mais apenas uns 8.300 contos. O Reino Unido foi o nosso melhor cliente, com cerca de 1/3 da litragem exportada por uns 102 mil contos.

Conservas de sardinha em azeite ou molhos — Umas 51.500 ton. no valor de uns 724.755 contos; mais umas 9.100 ton. e mais uns 103 mil contos. Para a Alemanha foi cerca de 1/4 da tonelagem exportada, por 176.800 contos.

Azeite — Umas 8.735 ton. por 150.500 contos; umas 2.550 ton. e mais uns 36.860 contos. A Itália comprou-nos uns 45% da exportação por uns 58.500 contos.

Amendoa em miolo — Umas 9.030 ton. por uns 266 mil contos; mais umas 2.450 ton. e perto de mais 119 mil contos. Para o Reino Unido foi uns 45% da tonelagem por cerca de 110 mil contos.

Madeira serrada para caixas ou barria — Cerca de 132.000 ton. por 294.500 contos; mais umas 24 mil ton. por uns 68 mil contos. O Reino Unido comprou-nos uns 37% da tonelagem, por uns 103 mil contos.

Cortiça em rolhas — Cerca de 7.000 ton. por 367.700 contos; mais umas 600 ton. e mais uns 57.600 contos. A Alemanha comprou-nos uns 23% da tonelagem, por uns 70 mil contos; o Reino Unido uns 18 por 74 mil contos.

Sofreram sensível redução na exportação, principalmente, as seguintes mercadorias:

Lãs (menos 22 mil contos); *cimentos* (menos 28 mil contos); *minérios de estanho* (menos 14 mil contos); *tecidos de algodão* (menos 140 mil contos).

Passando agora em rápida revista os países estrangeiros com os quais mantivemos mais intensas relações comerciais em 1955, vemos que os três primeiros lugares na importação pertencem á Alemanha com 1.665 milhares de contos (14,53%), ao Reino Unido com 1.615 milhares (14.10%) e aos Estados Unidos com 1.102 milhares de contos (9,62%). Das nossas Províncias Ultramarinas importámos 1.571 milhares de contos (13.72%). Quanto á exportação essas posições foram ocupadas, respectivamente por Reino Unido com 1.262 milhares de contos (15,46%), Estados Unidos com 839 milhares de contos (10,27%) e a Alemanha com 637 milhares de contos (7,81%). As nossas Províncias Ultramarinas compraram-nos 1.946 milhares de contos (23,83%).

O subsecretário do Exército

visitou em Torres Novas a Escola de Cavalaria

TORRES NOVAS, 25.—O sr. coronel Almeida Fernandes, subsecretário de Estado do Exército, visitou hoje a Escola Prática de Cavalaria, onde foi recebido pelos srs. general Pais Ramos, director da Arma de Cavalaria; brigadeiro Cabrita e coronel Ribeiro de Carvalho, comandante da Escola.

Passada revista á guarda de honra, o sr. subsecretário recebeu os cumprimentos da oficialidade, na sala de trofeus da Escola, depois do que visitou todas as instalações.

Finalmente, o sr. coronel Almeida Fernandes almoçou na messe dos oficiais da Escola. Participou também no almoço, em que se trocaram brindes, o sr. dr. Alves Vieira, presidente da Camara Municipal local.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje em Lisboa, até ás 16 horas: *máxima, 23°; mínima, 14°,3.* No mesmo dia do ano passado: *máxima, 29°,3; mínima, 16°.*

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Sede — Calçada do Duque, 20 — Lisboa

ADMINISTRAÇÃO

Pagamento do juro das obrigações de 3 1/2 %, relativo ao 1.º semestre de 1956

São avisados os portadores de obrigações de 3 1/2 %, da emissão de 1946, de que o pagamento do cupão n.º 19, líquido de impostos, será efectuado a partir de 1 de Julho de 1956, aos preços de:

Esc. 14$00—para títulos ao portador;
Esc. 13$85—para títulos nominativos.

O pagamento efectuar-se-á:

Em Lisboa:
Sede da Companhia
Banco Fonsecas, Santos & Vianna
No Porto:
Filial do Banco Lisboa & Açores.

O pagamento na sede da Companhia efectua-se todos os dias uteis desde as 10 ás 13 e das 14 ás 16 horas, e aos sábados desde as 10 ás 12 horas.

Lisboa, 14 de Junho de 1956.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

a) **Leonardo de Morais Carvalho**

Na GUARDA o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na casa Manuel Vinhas.

Vão construir-se

em Braga

bairros económicos

BRAGA, 26 *(Pelo telefone)*. — O ministro das Corporações prosseguiu esta manhã nas suas reuniões de trabalho neste distrito. Assim, acompanhado do governador civil e do presidente da Camara Municipal, visitou a nova rodovia Avenida da Imaculada Conceição. No decurso desta visita, ficou assente a construção de vários moradias de renda económica, com capitais da Previdência, destinadas aos beneficiários das respectivas Caixas.

O sr. dr. Veiga de Macedo seguiu depois para Barcelos, em cujos Paços do Concelho teve uma reunião, em que ficou estabelecido construir-se um bairro de 50 casas destinadas aos operários da firma João Duarte, que não só contribuirá com o terreno necessário, como também com um subsídio de 500 contos, o que permite a possibilidade de reduzir o montante das respectivas rendas.

O ministro prometeu que se procederia brevemente á construção do bairro referido, com o auxílio dos capitais da Previdência, e lembrou o espírito de compreensão social revelado por aquela entidade patronal.

Foram também visitados terrenos onde se projecta construir, pelas Caixas de Previdência, alguns blocos populacionais de renda económica.

O ministro, que prometeu voltar ali para estudar oportunamente problemas de carácter social, seguiu depois para Famalicão onde continuou os seus trabalhos, com o presidente da Camara e outras entidades.

CRIANÇA AFOGADA

à vista dos pais

PORTALEGRE, 26—(Pelo telefone)—Ontem, á tarde, junto da piscina da Quinta do Rosal, a mais frequentada pela sociedade elegante da região, brincava um pequenito de dois anos, Paulo José Carreira Miguel. A seu lado, estavam seus pais, o sr. Jorge Pinheiro Miguel e sua mulher, D. Maria Alda de Vasconcelos e Silva Carreira Miguel que, a certa altura, se afastaram para a mata vizinha, deixando o filhinho a brincar na borda de água. Quando tempo depois voltaram, o seu pequenino cadáver boiava á tona de água, na piscina, gritando então os pais por socorro, enquanto corriam a retirá-lo da água. O funeral do menino realizou-se esta tarde.

Assembleia Nacional

O plano de formação social e corporativa

Hoje, na Assembleia Nacional, sob a presidência do conselheiro Albino dos Reis, serão discutidos e votados, na primeira parte da ordem do dia, as bases XXV e XXXII da proposta de lei do Governo, sobre a organização geral da Nação para o tempo de guerra, segundo o texto apresentado pela Camara Corporativa, no parecer relatado pelo comodoro Joaquim de Sousa Uva, adjunto do Gabinete da Defesa Nacional.

Seguir-se-á a apreciação da proposta governamental que estabelece um plano de formação social e corporativa e do respectivo parecer da Camara Corporativa, de que foi relator o dr. Guilherme Braga da Cruz.

Um construtor-civil

trucidado por um comboio

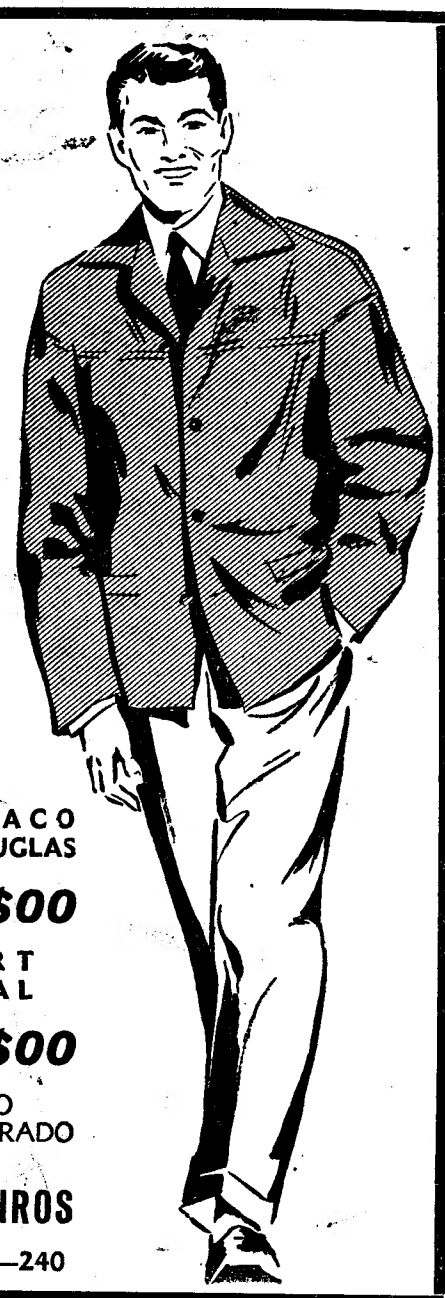
AVEIRO, 26 (Pelo telefone) — Pelas 6 e 40 horas de hoje, quando o comboio n.º 911 Aveiro-Porto entrava na estação de Cacia, caiu da gare á linha o construtor-civil sr. Francisco Rodrigues Borges, de 46 anos, natural e residente em Avanca, que aguardáva a hora de embarcar para Lisboa noutro comboio. Apanhado pelo rodado da máquina, recebeu diversas fracturas e gravíssimos ferimentos pelo que, após os primeiros socorros, foi conduzido ao hospital desta cidade onde faleceu momentos depois.

Comandante militar

de Cabo Verde

A bordo do «Vera Cruz» chegou hoje a Lisboa o comandante militar de Cabo Verde sr. tenente-coronel Carlos Kol de Alvarenga.

PRAIA CAMPO E CIDADE



★

ADÃO CAMISEIROS

APRESENTA O CASACO FRESCO MODELO DOUGLAS

295$00

CALÇA SPORT DE TECIDO IGUAL

275$00

USE O QUE É PRATICO E DE MAIS AGRADO

ADÃO, CAMISEIROS

238—RUA AUGUSTA—240

---

3 NOVOS MODELOS

Ford

CONSUL

ZODIAC

ZEPHYR

EM EXPOSIÇÃO

na **LINCURI, LDA.**
Av.ª da República, 32

Aberto das 9 às 23,30 h.

Excursões

No próximo Domingo 1 de Julho

	Preço
BERLENGAS	120$00
FIGUEIRA DA FOZ ...	130$00
MISSA EM FATIMA...	80$00
VILA VIÇOSA E EVORA	80$00
CASTELO DE BODE-FATIMA	100$00

///

Peregrinação a Fátima

	Preço
Em 12 e 13 de Julho ...	120$00

///

MADRID-LOURDES-PARIS

De 4 a 21 de Julho
Partida garantida

///

MADRID - CORDOBA - SEVILHA

De 14 a 24 de Julho
Partida garantida

///

CIRCUITO DA EUROPA

De 1 a 31 de Agosto. Partida garantida. A nossa maior e mais completa viagem num modernissimo «Autopullman» com visitas ás principais cidades da ESPANHA, FRANÇA, BELGICA, HOLANDA, ALEMANHA OCIDENTAL, AUSTRIA, SUIÇA e ITALIA.

Para todas estas viagens ainda dispomos de bons lugares, pelo que aconselhamos que faça a sua reserva com brevidade.

Programas completos e inscrições, na

Agência de Viagens eTurismo Roque

Rua dos Douradores, 222, 2.
Telefone 28829
(Junto á Praça da Figueira)

SE TEM...

WESTINGHOUSE

TEM O MELHOR!

VIAGEM NOS CAMINHOS DE FERRO ALÉM-PIRENÉUS

Desde 3 de Junho os comboios que circulam além Pirenéus passaram a ter apenas duas classes: 1.ª e 2.ª, com a característica comum de maior conforto relativamente ás antigas 2.ª e 3.ª classes.

Do nível dos preços das novas classes dá ideia a seguinte comparação dos que correspondem á viagem de Lisboa a Paris:

	Preço antigo	Preço actual
1.ª classe no «Sud-Express»	1.298$70	1.170$90
1.ª classe na carruagem directa de Lisboa a Hendaia	1.199$90	1.048$10
3.ª classe na carruagem directa de Lisboa a Hendaia	682$80	682$80 (a)
2.ª classe em qualquer outro comboio	923$50	771$10

(a) — Com utilização da 2.ª classe no percurso francês.

Caminhos de Ferro

Inscrição para a compra antecipada de bilhetes

A C. P. no desejo de facilitar a viagem dos Srs. Passageiros na presente época, resolveu abrir desde 15 de Junho deste ano na estação de Lisboa (Rossio), a inscrição para a compra antecipada de bilhetes para os seguintes comboios:

Rápido da manhã com partida ás 8 h. 37 m.

«Foguetes» com partida ás 14 h. 15 m. e 19 h. 25 m.

Todos estes comboios partem da estação de Lisboa-(Santa Apolónia).

FEIRAS, FESTAS E ROMARIAS A REALIZAR NO MÊS DE JUNHO

Para as estações que servem as localidades onde se realizam, no decorrer do mês de Junho, as feiras, festas e romarias que a seguir se indicam, a C. P. vende bilhetes a preços reduzidos.

Badajoz — Feira e Festas de S. João, nos dias 23 a 29.

Evora — Feira de São João e São Pedro, nos dias 24 a 29.

Montijo — Festas de São Pedro, nos dias 27 de Junho a 3 de Julho.

Torres Vedras — Feira Anual de São Pedro, no dia 29.

Fronteira — Feira de São Pedro, nos dias 29 e 30.

Guimarães — Romaria a São Torcato, nos dias 30 de Junho a 2 de Julho.

Os cartazes anunciadores destes serviços especiais podem ser consultados nas estações.

Miss **Westinghouse**

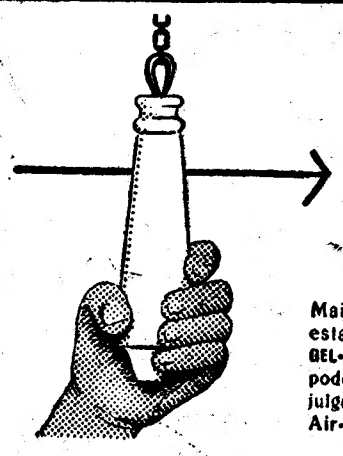
Apresenta mais um novo modelo destes frigoríficos que têm revolucionado o Mundo!
O MELHOR ENTRE OS MELHORES
Não compre barato, mas sim o melhor

Em exposição:

Samamede, L.da

Rua Nova de S. Mamede, 74-B — LISBOA
Subagente no PORTO: Invicta Rádio
Rua de Santa Catarina, 304-308

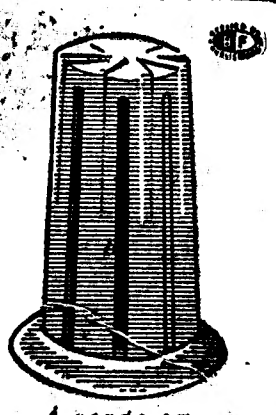
Leiam o jornal humorístico *sempre* **fixe**



air-wick

UM AUTÊNTICO PURIFICADOR DO AR
o único com CLOROFILA

Mais do que em qualquer outro local, Air-Wick deve estar sempre presente nas casas de banho. Utilize o GEL-Air-Wick — um stick sólido com estojo de plástico, que pode pendurar discretamente em qualquer recanto que julgue apropriado. As suas cargas podem ser substituídas. Air-Wick também se vende em **Frasco e Pulverizador.**



A venda em toda a parte

O «DIARIO DE LISBOA» vende-se na COVILHÃ, na casa António Tarouca.

DIARIO DE LISBOA

O TEMPO QUE FAZ

SITUAÇÃO GERAL A'S 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — O tempo no continente português está sob a influencia duma massa de ar relativamente humido, transportada na circulação duma depressão centrada nas proximidades de Portalegre.

PREVISÃO ATE' A'S 24 (T. M. G.) DE AMANHÃ — Ceu com algumas nuvens a nublado. Vento fraco a bonançoso de direcção variável, tornando-se durante a tarde, junto á costa ocidental, bonançoso a moderado de Oes-Noroeste. Nevoeiros matinais junto á costa a Norte do Cabo Carvoeiro. Trovoadas e aguaceiros locais durante a tarde e a primeira parte da noite, em especial nas regiões do Norte. Temperatura com tendencia para subir.

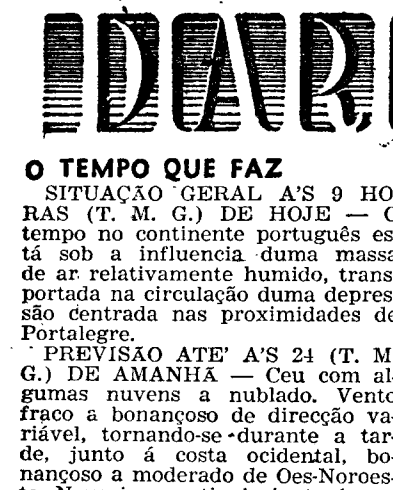
HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» de 26 de Junho de 1926 dava a notícia de terem sido presos em Lisboa o general Sá Cardoso e o dr. José Eugénio Dias Ferreira, aos quais ia ser fixada residência nos Açores; em Coimbra, o dr. Alvaro de Castro e, no Porto, o dr. José Domingues dos Santos. Mais se anunciava que o «Diário do Governo» publicara em tal data um despacho determinando que o sr. Mateus Aparício, funcionário contratado da Caixa Geral de Depósitos e chefe dos serviços de operações cambiais, passasse a exercer as funções do dr. Amancio de Alpoim, afastado por motivo de sindicancia que estava a ser feita.

PALAVRAS CRUZADAS

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 1586



HORIZONTAIS: 1 — Ratazana. Inerte. 2 — Falda. Isolado. A mim. 3 — Pena. Toca de coelho. 4 — Decametro quadrado. Gostes muito de. 5 — Gracejas. Rezar. 6 — Engordasseis. 7 — Esvaziar. Rio da Suiça. 8 — Jarro (planta). Textualmente. 9 — Cruz de Santo André. Pronome pessoal. 10 — Os. Apelido. Consentimento. 11 — Raspe. Costure.

VERTICAIS: 1 — Porto interior. Simbolo quimico do cobalto. Parte da saia. 2 — Deteste. Saudável. 3 — Alto aí! Contaminar. 4 — Curasse. 5 — Pronome possessivo. Capa. 6 — Bela. 7 — Relativas ao ar. Apenas. 8 — Prefixo de negação. Deixarieis de fazer parte de. 9 — Prefixo que designa ar. Reis. Cimo.

Solução do problema n.º 1585

HORIZONTAIS: 1 — Coma. Gás. 2 — Açamara. 3 — Atara. Cá. 4 — Are. Mal. 5 — Os. Assava. 6 — Liar. Eram. 7 — Atraem. Mó. 8 — Roa. Res. 9 — E's. Reais. 10 — Buarcos. 11 — Dea. Aaro.

VERTICAIS: 1 — Cã. Colares. 2 — Oca. Sitos. 3 — Mata. Ara. Bê. 4 — Amarara. Rua. 5 — Ares. Erea. 6 — Grã. Semeara. 7 — Aa. Mar. Sica. 8 — Cavam. Sor. 9 — Ralamos. Só.

Senhor automobilista

VAI VIAJAR?

Não esqueça o «Guia Itinerário para a Europa S. Cristóvão». Guia 100 % destinado aos automobilista.

O companheiro indispensável nas suas viagens.

A' venda em todo o País.

Lenços de Seda Natural

Nova colecção

TORRE EIFFEL

104 — RUA DO CARMO — 106

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO I — Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel. 780181; Laranjeiras (Das) — Rua Filipe da Mata, 160-162, Tel. 761035; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77, Tel. 779480; Brasil — Avenida Rio de Janeiro, 66-66/A, Tel 722368; Sanex — Avenida da Igreja, 31-C, Tel. 776905; Onilda—Avenida João XXI, 13-A, Tel. 726848; Campo Pequeno (Do) — Avenida da Republica, 58-D/E, Tel. 771661; Imperial — Avenida Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 726860; Palma — Avenida Duque de Avila, 25-31, Tel. 47088; Império, Ld.ª — Rua Filipe Folque, 40-A/B, Tel. 48002; Salus — Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 42239; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 399216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 399237; Conceição — Calçada D. Gastão, 30-32, Tel. 391279; Pereira, Suc. — Rua do Paraiso, 98-100, Tel. 845124; Silva — Calçada de Santo André, 16, Tel. 26474; Branquinho — Rua dos Sapadores, 87, Tel. 842725; Candido Monteiro — Av. Almirante Reis, 121-B, Tel. 45751; Góis, Ld.ª, Suc. — Rua dos Anjos, 12-C/D, antiga Rua do Registo Civil, Tel. 840101; Ribeiro & Castro, Ld.ª — Rua Braamcamp, 58, Tel. 43409; Salutar — Rua B, Bairro da Liberdade, Tel. 53694; Judice de Oliveira — Rua de Campolide, 54-A, Tel. 44424; Pinheiro — Rua de Campo de Ourique, 131-133, Tel. 663640; Linalda—Rua Saraiva de Carvalho, 268, Tel. 660955, Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM, 3, Tel. 610256; Gomes, Suc. 326, Tel. 638193; Costa — Rua dos (Gonçalves) — Rua da Junqueira, Lusiadas, 32, Tel. 636704; A. Cesar — Rua Prior do Crato, 74, Tel. 660187; Pinheiro — Rua Presidente Arriaga, 16, Tel. 661867; S. Nunes Simões, Suc. — Rua do Quelhas, 1, Tel. 661275; Africana — Rua Bernardino Costa, 45, Tel. 29120; Pinharanda — Rua da Rosa, 94-96, Tel. 21534; Lima Amaro, Suc. — Praça da Alegria, 27-28, Tel. 21149; Morão — Rua da Assunção, 17-19, Tel. 21289; Cortez — Rua de S. Nicolau, 93, Tel. 25378—A—

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA—Às 18, Noticiário e danças; 18 e 40, Aguarela brasileira; 21, Noticiário; 23 e 50, Noticiário; 24, Fecho.

Programa «A»—Às 19, «O Arauto»; 19 e 23, O pianista Carmen Cavallaro; 19 e 30, Opereta; 19 e 45, Cançonetas italianas; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Novidades em disco; 20 e 40, Campanha Nacional de Educação de Adultos; 20 e 55, Intervalo musical; 21 e 15, Varanda da Europa; 21 e 25, Album musical; 21 e 55, Teatro das Comédias: «Casaco de Fogo», de Romeu Correia; 22 e 40, Fados; 23, Vozes do Mundo; 23 e 15, Danças.

Programa «B»—Às 19, «Ondina e Scarbo» (Ravel), pelo pianista Robert Casadesus; 19 e 20, Cantores célebres: soprano Goltz, contralto Hongen e tenor Andres, em trechos de óperas de Mozart e Strauss; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Que quer ouvir?, «Polaca, opus 53», «Mazurca n. 3» e «Valsa n.º 2, opus 64», de Chopin, pelo pianista Vladimir Horowitz; «Sinfonia n.º 5», «Novo Mundo», de Dvorak, pela Orquestra da Rádio de Hamburgo, dirigida pelo maestro Isserstedt; 21 e 15, «Sonata para piano», de Badindgs, por Jean Antonietti; 21 e 55, «Sinfonia n.º 3» e «Escocesa», de Mendelsshon, pela Orquestra Sinfónica de Londres, dirigida pelo maestro Solti; 22 e 30, Novidades em disco («Sete valsas», de Chopin, por Artur Rubinstein; «Rapsódia, opus 53», para contralto, coro e orquestra, de Brahms); 23 e 10, Trechos de óperas de Puccini e Rossini, pelo soprano Meneghini Callas, e pela Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida pelo maestro Ferenc Fricsay; 23 e 30, Obras de Fauré («Barcarola n.º 2» e «Nocturno n.º 13», em si menor), pela pianista Kathleen Long.

RADIO CLUBE—Às 18, Fados e guitarradas; 18 e 30, Trechos recreativos; 19, Divulgação do «jazz»; 19 e 30, Jornal; 20 e 15, Apontamento do dia; 20 e 20, Canta Guy Mitchell; 20 e 30, Galo de Ouro; 20 e 45, Musica do Brasil; 21, Notas da redacção; 21 e 15, Orquestra de Henry Leca; 21 e 30, Isto é Montijo; 21 e 45, Trechos recreativos; 22, Variedades; 22 e 30, Companheiros da Alegria; 24, Ritmos de baile; 0 e 45, Rádio-Jornal; 0 e 55, Amanhã; 1, Fecho.

RENASCENÇA—Das 18 e 30 ás 24 horas.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 17 ás 19 e 30, Clube Radiofónico de Portugal; 19 e 30 ás 22, Rádio Peninsular; 22 á 1, Rádio Graça.

O SR. PASCOAL

Desenhado especialmente para o «Diário de Lisboa» por VILHENA

— Aquilo é verdade, ó Zé?

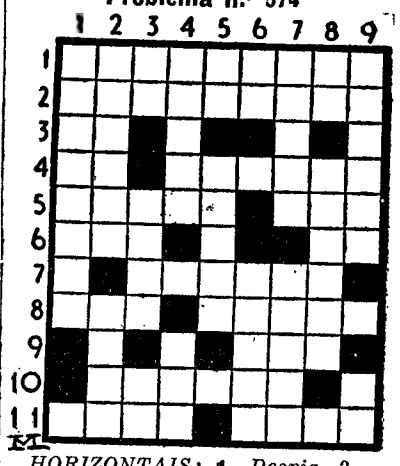
Com. Taborda Ferreira

No avião da TAP partiu para Madrid o sr. comodoro Vasco Taborda Ferreira, inspector superior de Construções Navais, que em missão do Ministério da Marinha, vai tratar de assuntos relacionados com as construções navais «of shore».

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 574



HORIZONTAIS: 1—Despia. 2—Inchar. 3—Ermo. 4—Unidade das medidas de peso (abrev.). Que canta harmoniosamente. 5—Apoquentar. Catedrais. 6—Pega. Medida inglesa de 12 polegadas (cerca de 30 cm.). 7—Antiga medida portuguesa de quatro quartilhos. 8—Amarra. Aguça. 9—Certa. 10—Som produzido pela respiração difícil. 11—Ecoam. Nojo.

VERTICAIS: 1—Infortunio. 2—Aberturas no convés e cobertas dos navios para dar passagem aos mastros. Encontro. 3—Santo (abrev.). Verniz da China. Partia. 4—Em nenhum tempo. Chega. 5—Qualquer. Redondel. 6—Oferte. Selecciona. 7—Acções. Senhoras. 8—Enxerga. Nota. 9—Deite abaixo. Apenas.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 573

HORIZONTAIS: 1—Nasalais. 2—A. VELHICE. 3—Id. Rio. Ti. 4—Seiva. Roa. 5—Sei. Pé. 6—En. Toque. 7—Já. Ar. Ulm. 8—Nas. Are. É. 9—Odiáveis. 10—Tonta. MAL. 11—Sorraia.

VERTICAIS: 1—Ais. Anota. 2—DESEJADO. 3—Vá. Ien. Sins. 4—Servi. Ato. 5—Alia. Travar. 6—Lho. Pó. Ré. 7—Ai. Roquema. 8—Icto. Ul. Sai. 9—Sid. Eme. Lá.

(Provérbio: «A VELHICE É MAL DESEJADO».)

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect.	Compra	Venda
Cons.. 2 3/4 T. 10	919$00	918$50	919$50
Cons. 3 % T. 10	971$50	971$00	972$00
Cons. 3 1/2 % T. 10 ...	1.033$00	1.032$00	1.034$00
Centenários 4 % 1940	2.300$00	2.295$00	2.305$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	994$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	994$00	—
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	—	—
Externo 1.ª série	—	—	—
Ext.ª 1.ª série car.	—	1.270$00	1.280$00
Externo 2.ª série	—	—	—
Ext.ª 2.ª série car	—	1.240$00	1.250$00
Externo 3.ª série	—	—	—
Ext.ª 3.ª série car	—	—	1.425$00
Caut. 3.ª série s/juro...	—	180$00	184$00
Obrigações			
Aguas Lisboa 5 % ...	—	—	520$00
Norte de Portugal 5%	—	—	—
Gás Elect. 3 3/4 % ...	980$00	975$00	985$00
Gás Elect. 4 %...	996$00	996$50	—
Gás Elect. 4 1/2 % ...	1.015$00	1.013$00	—
Gás Elect. 5 %	—	1.040$00	—
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945... ...	—	96$00	—
U. E. P. 4 % 1948... ...	—	96$00	—
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U. E. P. 5 % 1951.....	—	103$00	—
U. E. P. 5 % 1952.....	—	104$00	—
Metropolitano	—	1.035$00	1.039$00
Acções			
Bancos			
Alentejo...	—	460$00	470$00
Angola	—	940$00	—
Espírito Santo...	—	8.750$00	8.800$00
Lisboa & Açores	—	3.150$00	—
Portugal...	—	2.302$00	—
Ultramarino...	2.350$00	2.345$00	2.360$00
Seguros			
Fidelidade	—	150.000$00	—
Mundial	696$50	692$00	700$00
Nacional...	—	—	3.000$00
Sagres	—	—	—
Tagus...	—	—	—
Soberana..	—	—	—
C.ªs Ultramarinas			
Ag. Cassequel	2.070$00	2.065$00	2.075$00
Ag. das Neves	1.010$00	1.000$00	1.050$00
Agric. Colonial...	897$00	895$00	900$00
Açucar de Angola... ...	—	3.310$00	3.350$00
Boror...	—	505$00	515$00
Cabinda...	—	415$00	420$00
Cádá...	4.700$00	4.750$00	4.850$00
Colonial do Buzi	335$50	335$50	336$00
Ilha do Principe	—	2.250$00	2.400$00
Incomati...	—	2.065$00	2.075$00

C.ªs Ultramarinas	Efect.	Compra	Venda
Moçambique	—	163$50	—
Zambézia...	221$00	220$50	221$50
C.ªs Diversas			
Cimentos Tejo...	—	500$00	520$00
Cimentos Leiria	—	481$00	—
Crédito Predial...	56$60	56$50	56$80
Industrial Aliança.. ...	—	310$00	325$00
Portugal e Colónias ...	430$50	430$00	431$00
Nacional Navegação ...	—	1.740$00	1.800$00
Colonial Navegação ...	—	740$00	760$00
Port. de Celulose	2.550$00	2.540$00	2.560$00
Portuguesa de Pesca...	—	1.495$00	—
Port. de Tabacos	480$00	479$00	481$00
Tabacos de Portugal...	—	625$00	640$00
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934 ...	—	226$00	—
Aguas Lisboa 1936 ...	—	—	—
Electr. das Beiras.. ...	—	—	1.500$00
Gás e Electricidade ...	335$50	335$00	335$50
H. Alto Alentejo	152$50	152$50	153$00
H. E. Cávado	—	1.560$00	1.565$00
H. E. Zêzere	1.503$00	1.502$00	1.505$00
Nac. de Electricidade	—	—	1.640$00
União Elect. Port.	230$00	229$50	231$00

Cotações de notas e moedas estrangeiras

PAISES	Compra	Venda
Africa do Sul	76$50	77$50
Alemanha	6$77	6$92
América:		
Dólares de 1 a 2...	28$30	28$60
Dólares de 5 a 20...	28$60	28$90
Dólares de 50 a 1000...	28$60	28$90
Argentina	$87	$88,5
Bélgica	$57,3	$58,3
Brasil...	$32,5	$34,5
Congo Belga	$56,3	$57,3
Dinamarca...	4$00	4$25
Espanha...	$64,6	$65,6
França...	$07,1	$07,3
Holanda	7$40	7$60
Inglaterra	78$00	79$00
Itália...	$04,5	$04,7
Marrocos..	$06,7	$07
Noruega...	3$85	4$10
Suécia	5$40	5$65
Suiça...	6$70	6$80
Uruguay...	6$00	6$70
Ouro:		
Inglaterra (Libra).. ...	283$00	293$00
Portugal — Barra.. ...	32$60	33$10
Portugal — Barra Fino	33$00	33$50

J. BURNAY, LDA.

RUA DO OURO, 72

Papeis de crédito
Notas estrangeiras
TELEF. 21273

No dia 21 do corrente reuniu-se na Sede Central do Banco Português do Atlantico, em Lisboa, a Assembleia Geral extraordinária do Banco Comercial de Angola para efeito da eleição da mesa da Assembleia Geral e Conselho Fiscal tendo sido eleitos para aquela como Presidente o Dr. Francisco Vieira Machado, Vice-Presidente Dr. Vasco Taborda Ferreira, Secretários José Cardoso de Matos, Lda. e José Pinto da Silva Lello e Vice-Secretários Licínio Pinto Leite e Dr. Daniel Pereira Santos de Pina Cabral e para este os Srs. Dr. Acácio Domingos Barreiro, Companhia de Seguros Ultramarina e Joaquim Vinhas Cabrita.

Nasser afirma o desejo

de colaboração com a Grã-Bretanha

e refuta a acusação de ditador ambicioso

LONDRES, 26 — O coronel Abdel Nasser, o recém-eleito presidente do Egipto, declarou, hoje, que as afirmações classificando-o de ditador militar antibritanico, que pretendia dominar todos os países do mundo árabe, eram absurdas. Fez uma declaração numa mensagem publica hoje pelo jornal trabalhista «Daily Herald».

«Existem muitos campos nos quais a Grã-Bretanha e o Egipto podem cooperar, com mútua vantagem» — diz a mensagem.

«Posso assegurar-vos que faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para a manutenção das boas relações entre os nossos dois países. Mas deixai-me dizer que são precisas duas pessoas para se criar uma amizade. E existem alguns jornais e alguns políticos na Grã-Bretanha que são tudo menos cooperadores.

«Dizem-vos que Gamel Abdel Nasser é um ditador militar; que é antibritanico; que projecta desencadear uma nova guerra no Médio Oriente; que tem ambições de se tornar no dominador supremo de todos os países do mundo árabe. Tenho a certeza que sabeis como tudo isto é absurdo. Toda a gente no Egipto sabe que é absurdo. Mas os Egípcios ficam irados por tais coisas serem ditas sobre o seu Governo. E cria, na Grã-Bretanha, ambiente contra o Egipto.

«Por isso permiti, por intermédio do «Daily Herald», que assegure, uma vez mais, ao povo britanico que a verdade é esta,

«Agora que o povo egípcio conquistou a sua independência e não existem mais tropas estrangeiras em solo egípcio, inicia-se um capítulo completamente novo. E nós pretendemos que esse capítulo seja de verdadeira amizade e cooperação amistosa» — conclui a mensagem do coronel Nasser.

O correspondente do «Daily Herald» W. N. Ewer, a quem foi entregue a mensagem, declarou:

«Não há, tenho a certeza, qualquer duvida sobre a sinceridade do desejo do coronel Nasser de amizade anglo-egípcia. Os ataques pessoais que lhe são dirigidos na Grã-Bretanha têm-no intrigado e magoado». — (R.).

Nasser apreciado nos E. U.

BOSTON, 26 — O jornal independente liberal «Boston Port» afirma, num artigo sobre o presidente do Egipto: «Nasser conhece o seu povo. Incitou-o a um frenesi de ódio para com Israel e o povo israelita. Fez uma campanha de propaganda conquistando o seu apoio para um regime, que, depois do rei Faruk, deve parecer própria essência da democracia.

«Nasser é um homem habituado a montar a cavalo (ou antes a montar camelo), tão perigoso quanto Hitler e, provàvelmente ainda mais por causa da posição estratégica que ocupa no Canal de Suez. Nasser pode mergulhar o Mundo numa guerra. Ele sabe-o mas o povo egípcio, ensurdecido pelas erupções sonoras da Rádio do Cairo, ignora-o E, em consequência disso, a verdadeira democracia morreu um pouco no Egipto, um dia destes». — (R.).

Negociações em Paris

para a aliança franco-tunisiana

PARIS, 26 — As negociações franco-tunisianas que devem prosseguir hoje, no Quai d'Orsay, têm como primeira finalidade a conclusão de um tratado de amizade e aliança entre os 2 países. Trata-se, no plano diplomático e militar, de assentar na interdependencia em bases inteiramente novas, uma vez que no ambito da autonomia interna, era a França que assumia as responsabilidades da defesa e da representação exterior da Tunisia.

No plano diplomático, não se prevêem dificuldades intransponiveis. Em contrapartida, no terreno militar, é possivel que a discussão se torne renhida, em resultado das declarações de Burguiba, exigindo uma retirada progressiva das forças francesas da Tunisia, e da atitude vincada por Alain Savory, quanto á necessidade de manter as bases, as instalações francesas e as forças na Regência.—(F. P.).

Morreu na Rússia

o compositor Gliere

LONDRES, 26 — A Russia anunciou, ontem, a morte do professor Reinhold Gliere, compositor e maestro de origem belga. Entre os seus pupilos incluiam-se Prokofiev e Kachaturian.

Gliere que tinha 82 anos, fora agraciado por três vezes, com a Ordem de Lenine e uma vez com o Prémio Estaline.

Entre as suas composições figuram operetas, três sinfonias e um certo numero de «ballets». — (R.).

Incidentes no Peru

por motivo do aumento do preço dos transportes

LIMA, 26 — Dois autobuses foram incendiados e «eléctricos» apedrejados no porto de Callao, numa manifestação contra o aumento do preço dos transportes colectivos.

A Policia interveio para restabelecer a ordem. Dez individuos ficaram mais ou menos contusos nestes acidentes. — (F. P.).

O BENFICA

chegou a Roma

ROMA, 26—A equipa de futebol do clube português Sport Lisboa e Benfica, chegou ao aeroporto desta cidade, ás 14 e 10, devendo seguir para Milão, de comboio, depois de alguns passeios pela capital. — (A. N. I.).

Sangrentos tumultos

em Joanesburgo

JOANESBURGO, 26—Foram mortos três Negros em tumultos ocorridos durante a noite, nos quais se chocaram nesta cidade, partidários e adversários da «boycotagem» dos autobuses locais.—(F. P.).

O XÁ DA PÉRSIA

em Moscovo

PARIS, 26 — O Xá da Pérsia apresentou, hoje, em Moscovo cumprimentos ao marechal Bulganine, presidente do Conselho, e visitou o marechal Vorochilov, presidente do «Presidium» do Soviete Supremo da U. R. S. S. — segundo informa a agência «Tass».

Era acompanhado por Masud Ansari, embaixador persa em Moscovo. Gromyko, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, e Lavrentiev embaixador soviético em Teerão, estavam presentes. — (F. P.)

Foi descoberta no México uma conjura contra o presidente de Cuba

CIDADE DO MÉXICO, 26—Vinte refugiados cubanos foram presos nesta cidade, como implicados numa conjura contra o presidente de Cuba, Fulgêncio Baptista—segundo anuncia a Direcção Federal da Segurança. O chefe do movimento, Fidel Castro Ruiz, foi detido, com cinco cumplices, quando transportavam armas e munições num automóvel.

Da mesma fonte anuncia-se que os agentes descobriram, na residência dos conjurandos, pistolas-metralhadoras, espingardas, 2.000 quilos de dinamite, 5.000 cartuchos e outras munições.

Ainda não se apurou se os conspiradores estavam ou não em contacto com o ex-presidente cubano Carlos Prio Socarras.—(F. P.).

A atitude do ex-presidente Socarras

MIAMI (Flórida), 26 — Carlos Prio Socarras, antigo presidente da Republica de Cuba, declarou, nesta cidade, que não teve qualquer ligação com os seus compatriotas presos, ontem, no México.—(F. P.).

Mulher acusada de ter assassinado dois filhos gémeos

LONDRES, 26—A sr.ª Violet Wright, de Benfleet (Essex), foi presa, esta manhã, e pronunciada pelo assassinio dos seus dois gémeos, Colin e Reginald, de 2 anos, que morreram em 17 de Maio no incêndio da fragata em que a familia Wrigth vivia.

Uma amiga daquela mulher, Grace Richardson, presa hoje, também foi pronunciada pelo mesmo crime

As duas mulheres, que viviam com as crianças e mais quatro pessoas, escaparam ao incêndio, mas já uns meses antes Colin e Reginald estiveram em riscos de perder a vida, num primeiro fogo de origem misteriosa.—(F. P.).

Navio britânico

apresado pela Marinha indonésia

DJAKARTA (Indonésia), 26.—A Marinha indonésia apreendeu, nas ilhas Celebes, o navio britanico «Inchisley», de 1.941 toneladas, registado em Hong-Kong — segundo anunciou um porta-voz da embaixada britanica.

Disse o porta-voz que a Marinha indonésia informara a embaixada de que o navio fora levado para Surabaya (Java oriental), porque os seus documentos «não estavam em ordem». Ali o assunto será submetido a «nova investigação».—(R.).

Outra explosão nuclear provocada pelos Americanos em Bikini parece ter sido assinalada pelos cientistas japoneses

TÓQUIO, 26 — Meteorologistas anunciaram hoje que registaram, ás primeiras horas da madrugada, ondas de choque, indicando que se dera nova explosão nuclear, no campo de experiências americanas da ilha de Bikini.

Disseram que as ondas de choque que tinham sido registadas ás 21 e 21 (T. M. G.). de segunda-feira.

Acrescentam que as vibrações registadas são precisamente da mesma espécie das que foram assinaladas nos dias 21 e 28 de Maio, quando se afirmou que os cientistas norte-americanos procederam a explosões nucleares. As vibrações agora sentidas ocorreram com intervalos de dois a três minutos, quarenta e dois a quarenta e três minutos após a primeira vaga vibratória.

As autoridades norte-americanas nunca desmentiram nem confirmaram as explosões assinaladas naqueles dias pelo Observatório de Tóquio.

Um cientista de Niigata, ao Norte de Tóquio, registara, anteriormente, indicios de que a União Soviética tinha detonado uma bomba atómica na Sibéria, em 19 ou 20 deste mês. — (R. e A. N. I.).

Outros fenómenos que parecem confirmar a explosão

TOQUIO, 26 — Deu-se, esta manhã, uma variação subita da pressão atmosférica. Nos observatórios japoneses, onde o fenómeno foi registado, pensa-se que, possivelmente, se trata de nova explosão nuclear no Pacífico.

Depois de assinalada a perturbação atmosférica, eram umas sete horas locais, sentiu-se um ligeiro abalo de terra, tanto em Tóquio como em Utzunomiya.

Na opinião dos cientistas nipónicos a explosão deu-se na área de Bikini, cerca de três horas antes das vibrações serem sentidas em Tóquio.

O director do Observatório Central Meteorológico pediu a outras estações meteorológicas para enviarem as informações que tiverem sobre o assunto. — (F. P. e A. N. I.).

Os efeitos da radioactividade

SYDNEY, 26 — O contador «Geiger» de um barco carvoeiro japonês registou até 6.000 «T. V. P. S.» por minuto, quando navegava ao largo da costa oriental da Austrália, a uns 500 kms. de Brisbane — informam de New Castle (Nova Gales do Sul).

Esta radioactividade excepcional foi observada debaixo de chuva, o que leva o capitão a supor que o navio passou sob nuvens radioactivas, as quais, provenientes de Montebello depois das experiências atómicas britanicas, atravessaram o Norte da Austrália. A seguir á passagem do barco pela zona radioactiva, alguns tripulantes queixaram-se de dores de cabeça durante algumas horas. — (F. P.).

O Conselho da O. N. U. deve dicidir hoje quanto ao debate sobre a Argélia

NOVA YORK, 26 — O Conselho de Segurança das Nações Unidas reune-se hoje, para decidir se deve discutir o dominio francês na Argélia.

O pedido de debate foi feito por treze nações árabo-asiásticas, sob a alegação de que existe uma «grave situação» no território francês do Norte de Africa, que se está a agravar.

A França opõe-se á inclusão da questão na agenda e admitia-se, mesmo, nos circulos árabes que haverá pouca possibilidade de o Conselho aceder a examinar a questão em pormenor.

A reunião, marcada, primitivamente, para quinta-feira passada, foi adiada a pedido da delegação da União Soviética, que declarou desejar mais tempo para receber instruções. Espera-se que Arkady Sobolev, apoie o direito dos paises árabo-asiáticos, de pedir um debate. Mas se votará nesse sentido, não se sabe.

A Grã-Bretanha deve votar com a França e pensa-se que os Estados Unidos se absterão.

Supõe-se, contudo, que o desfecho do debate não sofre qualquer duvida e espera-se que, hoje mesmo, o Conselho recuse a inscrição. — (R. e F. P.).

A Russia propõe o adiamento

NOVA YORK, 26.—A União Soviética propôs, hoje, um adiamento indefinido da reunião do Conselho de Segurança da O. N. U. sobre o debate relativo á Argélia.—(Reuter).

Foram presos aristocratas italianos por casos de contrabando

ROMA, 26 — Numa vasta operação dirigida pelo chefe da Polícia, Giuseppe Musco, destinada a limpar o país de contrabandistas e consumidores de estupefacientes, foram presos alguns dos membros mais conhecidos da aristocracia da capital: o príncipe Giuseppe Pignatelli, o marquês Emanuele Della Seta e o duque Ludovico Della Rovere. Também são acusados de estarem envolvidos no tráfico de drogas, apesar de ainda não terem sido presos, o duque Augusto de Torlonia e o actor cinematográfico Carlo Croccolo.

Além destas figuras da alta sociedade romana, foram presos quatro médicos e inúmeras outras pessoas. — (A. N. I.).

Guy Mollet obteve novo voto de confiança

PARIS, 26 — A Assembleia Nacional, reuniu-se esta manhã, para se pronunciar sobre as duas questões de confiança postas pelo presidente do Conselho, Guy Mollet, respeitantes, a primeira ao art. 2.º do colectivo orçamental relativo á coordenação dos transportes; e a segunda, á generalidade do orçamento.

No escrutínio, quanto á primeira moção, o Governo obteve a confiança, por 275 votos contra 121. — (F. P.).

Embaixador de Portugal em Madrid

MADRID, 26 — O ministro das Relações Exteriores, Martin Artajo, recebeu, hoje, em audiencia, o embaixador de Portugal em Madrid, dr. José Nosolini e José Maria Otereo Navascués que visitou as instalações portuguesas de energia nuclear. — (Efe e F. P.).

Tágide
PARA ALMOÇAR
Prefira a sala do Restaurante
Para o chá ou jantar
Reserve a sua mesa no
TERRAÇO
(Das 17 h. 30 ás 20 h. 30 e para os jantares os preços no Terraço são identicos aos das salas do Restaurante)

LAVANDARIA FINA
para vestuário de luxo renovação por deslustragem Bastará ligar a 23422
ALFAIATARIA SOARES
R. da Prata, 156, s/lois

Ensopado de enguias
Outro prato regional do RIBATEJANO—Salvaterra de Magos

OS ACEPIPES DO GAMBRINUS SÃO OS MELHORES
Amanhã, prato especial: Lagosta à Americana

HAVAS EXPRINTER
ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE TURISMO
Uma grande organização às suas ordens para as suas viagens de negócios ou turisticas Viagens individuais ou excursões Para qualquer parte do Mundo vendemos, aos preços oficiais, bilhetes de caminho de ferro, navio ou avião
LISBOA, RUA ÁUREA, 242 - TEL. 24306/25620
PORTO, RUA SANTO ANTÓNIO, 118-1.º-TEL. 21157

EXITO

Uma carta de Alves Costa

sobre uma experiência digna de aplauso

De Alves Costa, presidente da direcção do Cine-Clube do Porto e crítico cinematográfico recebemos uma carta cujo conteudo, por nos parecer do maior interesse, em relação a um magno problema do cinema no nosso país — o cinema para crianças — nos permitimos transcrever. A experiência nela referida, que o Cine-Clube do Porto está a levar a cabo, parece-nos do maior interesse, devendo ser fonte de meditação para os responsáveis por estes problemas no nosso País.

Meu prezado Amigo: Hoje remeto-lhe cópia fiel de uma das redacções infantis que já colhi depois da segunda sessão de cinema que fomos fazer á Longra.

Se nas cidades as crianças têm tão raramente acesso ao cinema, que dizer das zonas rurais onde o cinema não chega! E, todavia, com um bocadinho de boa vontade, de inteligencia e de iniciativa, tanta coisa se poderia conseguir! Neste campo, a Casa do Povo da Longra, a que preside o espírito empreendedor do dr. Afonso Maltez, está a dar cartas. Ao promover, de tempos a tempos, sessões cinematográficas para as crianças das escolas circunvizinhas, em estreita colaboração com o Cine-Clube do Porto (que selecciona os filmes, orienta as sessões e cede gratuitamente a máquina de projecção), esta Casa do Povo está a levar a cabo uma obra meritória e digna de todos os aplausos. E' que as sessões que tem promovido não visam só distracção daquele publico infantil, mas prolongam-se até á Escola onde cada petiz é solicitado a exercitar e a pôr á prova os seus dotes de inteligencia e de observação, fazendo redacções livres (e desenhos) sobre os filmes que viu.

E em tão pouco tempo já foi possível colher frutos interessantíssimos que se manifestam não só através desses escritos (de que lhe dou um exemplo, conservando a pontuação e a ortografia originais) mas também em declarações como esta, que expontaneamente veio fazer em ofício dirigido á Casa do Povo da Longra, a professora da escola masculina de Rande: «...e é-me grato declarar que a influencia do cinema produziu extraordinária modificação no espírito dos pequenitos».

Se todas as Casas do Povo quisessem seguir este exemplo, se alguns outros cine-clubes podessem prestar a sua colaboração, tendo a norteá-los a experiência já adquirida pelo Cine-Clube do Porto, poder-se-ia rasgar um novo e belo caminho para a cultura popular e tentar uma investigação sistematizada no campo fascinante das relações entre o Cinema e a Criança. Mas para isto, não basta colocar as crianças em face do «écran», como erradamente se faz tantas vezes. E' preciso orientá-las na compreensão dos filmes que se lhes mostram e, sobretudo, dar-lhes filmes que elas possam compreender — que as distraiam, permitindo-lhes partilhar de maravilhosas aventuras como a do rapazinho e do seu burrico Bim, ou que vão ao encontro da sua curiosidade ajudando-as na descoberta do mundo que as rodeia. E mais: é indispensável a cooperação (e a compreensão) dos Delegados Escolares, dos professores primários, de pais e educadores.

ALVES COSTA

Como o filme foi visto

A história do «BIM, O BURRICO» contada por um petiz da aldeia, que a ouviu explicar antes da projecção e viu o filme pela primeira vez:

No norte de Africa todos os meninos pobres e ricos tinham o seu burrinho. Numa terra havia um menino pobre e outro rico, um dia o menino pobre tinha um burrinho e o rico tirou-lho e levou-o para o palácio e fazia-lhe muitas *jodearias* e até lhe queria cortar as orelhas e o menino pobre gritou-lhe de cima do palácio, e o menino ficou espantado, e foi chamar os criados e estes foram atrás do menino pobre, e este descia dos muros abaixo, os criados correram, correram tanto que o caçaram e o prenderam. Depois os criados apanharam, o burrinho e foram-no levar ao carniceiro para matar e o menino rico foi atrás do criado para o não levar ao carniceiro. De noite vieram os ladrões e *avriram* o portal do palácio e foram lá dentro e roubaram um camelo um cavalo e o burrinho e ainda mais coisas. Onde estava o menino pobre estava um guarda e o menino rico depois de se ter arrependido foi muito devagarinho tirar a chave ao guarda e abriu a porta ao menino pobre e *pos* a chave na ponta da lança do guarda, e depois foram chamar todos os meninos daquela terra e foram numas carroças *aver* se caçavam o burrinho e depois de correrem muito chegaram ao mar e *deicharam* os burrinhos todos entregues aos meninos mais pequenos e meteram-se todos em três barcos e quando chegaram perto do barco dos ladrões saltaram para ele, *encoanto* os meninos se iam metendo no barco os ladrões atiravam com eles para o mar mas todos os meninos sabiam nadar e tornavam para o barco e com o pano da vela *enrudilharam* os ladrões e prenderam-nos. E assim o menino rico e o menino pobre e o burrinho ficaram amigos. Eu tive muita pena do menino pobre por tantos trabalhos que passou por causa do burrinho, e agora fiquei contente por ele conseguir encontrar o burrinho.

Luís Manuel da Costa Pinto, aluno, da 3.ª classe da Escola Masculina de Rande.

"Não sei como nem quando mas irei a Lisboa"

— diz CESARE ZAVATTINI

Outra notícia que deve causar grande expectativa aos que entre nós se interessam pelas actividades culturais cinematográficas: Cesare Zavattini, um dos maiores autores cinematográficos do Cinema virá, certamente, a Lisboa.

A informação é-nos dada de fonte segura pois Zavattini virá de visita a um seu velho amigo e compatriota aqui residente, a quem escreveu um postal em que anuncia:

«Decidi ir, não sei como nem quando, mas esta decisão está tomada dentro de mim e irei, portanto, a Lisboa».

No caso de assim acontecer, seria óptimo que a Cinemateca Nacional e os Cine-Clubes se preparassem para aproveitar a sua estadia, exibindo filmes de que Zavattini é argumentista, prevendo a possibilidade de uma sua colaboração, possivelmente, de uma conferência. Por nossa parte, trataremos de tentar anunciar, com a possível antecedência a sua chegada.

CINECLUBISMO

Por absoluta falta de espaço temos sido impossível incluir nesta página o noticiário relativo aos cineclubes, o que faremos próximamente. Entertanto queremos noticiar a entrada em actividade do Cine-Clube de Espinho que, na sua primeira sessão projectou «Ladrões de Bicicletas», cuja cópia, segundo nos informam, se encontra profundamente retalhada, parece que devido ao facto de parte dela ter ardido durante o incendio do armazem de filmes da Rua da Alegria.

Crítica de discos

RUSSIAN FOLK SONGS AND SACRED MUSIC — Boris Christoff

O grande baixo russo Boris Christoff, que Lisboa ainda há pouco tempo ouviu numa série de memoráveis actuações, é hoje das mais destacadas figuras do canto, pois o seu virtuosismo, a sua voz riquissima colocam-no a par dos grandes intérpretes de todos os tempos. Figura disputadissima pelos centros musicais de todo o Mundo, Christoff está também a ser divulgado numa série de memoráveis gravações de que é exemplo a que agora nos chega ás mãos, com interpretações suas de árias do folclore tradicional russo e de musica sacra *(His Master Voice, ALP 1266)*. Trata-se de um conjunto magnífico, de géneros diferentes, que nos proporciona a apreciação da virtuosidade do artista nos diferentes géneros, desde as alegres canções do trabalho, até aos canticos sacros, passando por nostálgicas árias dos camponeses da Ucrania. Alia-se a isto o facto de constituir esta gravação, cujo alto nível nunca será demais salientar, uma base para os estudiosos dos problemas musicais pois, como se sabe, o folclore russo foi sempre uma permanente fonte de inspiração para os compositores daquele país.

Eis os títulos das árias incluídas neste «long playing» que não podemos deixar de recomendar: «Shrove Tuesday», «Song of the lumberjacks», «The Bandore», «Down Peterskaya Street», «Going down the Volga», «The lonley autumn night»; e «Psalm 137», «Prayer to St. Simeon», «Lord have mercy of our people», «The song of twelve robbers» e «Litany».

Christoff é acompanhado pelo Coro Russo de Feodor Potorjinsky.

AUDITOR

condotti

BOUTIQUE — AV. DE ROMA, 29-A

BLUSAS ITALIANAS

ULTIMO MODELO

Reportagem sensacional

O espectáculo ocupa duas páginas ilustradas do ultimo numero de «Plateia—Revista popular de cinema» que ainda oferece aos seus leitores uma bela separata em tecnicolor de Luís Mariano. Pensamos que apesar desses preciosos brindes, a revista não será lida pela grande massa dos que virão a ser os futuros dirigentes da Nação, que perderão assim a reportagem feita junto dos seus colegas da Faculdade de Ciências de Lisboa.

Não são os universitários nenhuns «bichos» entregues a intelectualismos, cheios de problemas ou preocupações: pelo contrário, eles vêem no cinema o que as pessoas normais e decentes vêem: o divertimento compensador mais á mãos nas horas vagas, o lenitivo para uma vida já cheia de responsabilidades, enfim—porque não?— a doce e velada satisfação de uma libido sempre insatisfeita, quando não devoradora.

E' dramática a situação do universitário vulgar: obrigado pelas circunstancias á fatalidade de estudar e frequentar uma Faculdade, obrigado a ouvir falar que tem responsabilidades intelectuais, que poderá fazer, ele que não quer nada com «esses tipos» senão o sacrifício do bilhetezito e correr a mergulhar o cérebro cansado no doce mundo ilusório da pantalha? (Não qualquer pantalha: por grande maioria eles declaram preferir o S. Jorge— o que lhes não fica nada mal).

A entrevista revela pois que, por tudo isso, os universitários nem são contra os filmes «intelectuais» nem só pelos filmes «intelectuais»: para um dos pobres cérebros cansados, por exemplo, as preferências dependem do estado de espírito. Gosta de comédias musicais, o que não quer dizer que ás vezes se não sinta bem a ver filmes como «E tudo o vento levou...», «Pic-nic», «A Estrada»; **logo outro citará** «Jane Wiman em «Belinda» e o género histórico» **e outros** «preferem Jean Marais, Marlon Brando, Gregory Peck, Bárbara Stanwick, James Dean, os filmes franco-italianos, ingleses, americanos...».

E é nesta altura que o jornalista arranca a síntese inaudita: «o género preferido é a tese, não resta duvida!».

Não restando duvidas sobre este ponto, faltava falar de «mulheres»: arrumada a Marilyn, o repórter chama a atenção dos leitores para uma distinção profunda: «como actriz, Bette Davis. E Kim Novak, mas essa é outra coisa». **Logo a seguir poderá interessar, pelo sabor psicanalítico, a opinião que um entrevistado faz questão em ser transcrita exactamente** «para não perder a graça» (?): «a Rossana Podestá é de a gente se amandar pró chão!».

Os universitários não são nenhuns «bichos», não senhor! E esta entrevista deixará até toda a gente contente: os universitários com as suas «fitinhas de tese» e os produtores com os seus «lucrozitos de bolso». Assim viverão todos, muitos anos, serão muito felizes e...

* * *

No fim da entrevista todos reconheceram a necessidade do Cine-Clube Universitário—que não se criou senão para eles—e só ficou por redimir a recordação amarga de alguns entrevistados serem dirigentes associativos.

NUNO PORTAS

★★★★★★★★

E a figura de proa: Isabelle Coray..

O negativo original de «Que viva México!» foi encontrado em Nova York!

Uma notícia verdadeiramente sensacional, que vai despertar o maior interesse nos meios cinematográficos, acaba de ser dada pela revista italiana «Cinema Nuovo». Segundo aquela publicação refere, acaba de ser descoberto, em Nova York, o negativo original do filme de Eisenstein, «Que Viva México!» —obra que se julgava perdida para sempre.

Como se sabe, o grande cineasta russo, acompanhado de Aleksandrov e Tissé estivera, a partir de Dezembro de 1930, no México para, a convite do então produtor cinematográfico Upton Sinclair, dirigir um filme sobre aquele país, que inicialmente seria composto por quatro episódios. Por divergências surgidas posteriormente, entre o produtor e o realizador, quando a maior parte da obra já estava rodada, as filmagens foram abandonadas e nunca mais se ouviu falar do filme até aparecerem grande parte de sequências insertas em «Tempestade sobre o México», que foi montado por Sol Lesser, até cena inicial de «Viva Villa!», «Death day» e «Time in the sun».

A biografia de Eisenstein, Marie Seaton, afirmava só terem sido rodados 51.000 metros de «Que Viva México!», quando na verdade o negativo agora encontrado por Aleksandrov, durante uma sua viagem a Nova York, depois de ter visitado novamente o México, conta 75.000 metros. Segundo este realizador anunciou estão a ser entabuladas negociações para aquisição daquela obra de Eisenstein, a fim de, finalmente, se fazer a montagem do filme segundo as indicações do seu autor.

★★★★★★★★

Jeanne Moreau, Raymond Pellégrin e Jean Chévrier são os interpretes de «Nós, os Médicos...» (Les Hommes en blanc) um grande filme francês, realizado por Ralp Habib com exemplar preocupação de verdade. «Les Hommes en Blanc» figura entre os 10 filmes de maior êxito em Paris, na presente temporada, e põe em equação a vida dos médicos em face da sociedade e da família, da carreira profissional e da sua missão humana

HOJE NA FORD LUSITANA

RUA CASTILHO, 149—LISBOA
das 10 às 12,30 horas e das 14 às 23 horas

PARA APRESENTAÇÃO DOS MODELOS AMERICANOS
FORD E MERCURY
E DOS NOVOS MODELOS INGLESES
CONSUL—ZEPHIR e ZODIAC
SERÃO TAMBÉM EXPOSTOS OS RESTANTES MODELOS DESTE ANO DA VASTA LINHA FORD
AUTOMÓVEIS — COMERCIAIS — CAMIÕES e TRACTORES

COMARCA DE LISBOA
6.º JUÍZO CÍVEL
ANÙNCIO

Por este Juizo e 2.ª Secção pendem uns autos de execução sumária em que é exequente D. Pilar Prieto Sales que também usa Pilar Sales e executados Manuel Pellon Rodrigues e sua mulher Carmen Lapuente Lopez, moradores na Rua Alexandre Herculano, n.º 7-2.º-esq.º, desta cidade, e neles correm éditos de 20 dias a contar da data da 2.ª e ultima publicação do presente, citando quaisquer credores desconhecidos dos executados para, no prazo de 10 dias, findo que seja o dos éditos, deduzirem, querendo, os seus direitos, nos termos dos artigos 864.º e seguintes do Código de Processo Civil.

Lisboa, 23 de Junho de 1956.
Servindo de Chefe da 2.ª Secção,
Regino Augusto Lança
Verifiquei:
O Juiz de Direito,
F. Raposo

AGUAS DE ENTRE-OS-RIOS

As águas mais sulfurosas de Portugal
Uma das melhores do Mundo
Muito rádio-activas—Muito fluoretadas
Asmas—Bronquites—Doenças das vias respiratórias — Alergias — Reumatismo — Estomago — Figado — Tratamentos de pele e beleza
GRANDE HOTEL DA TORRE — Distinção e elegancia
HOTEL DE ENTRE-OS-RIOS — Económico
PENSÃO DA TORRE — Muito confortável
Telefone: Lisboa, 47588 ou Torre, 4

Mais de 30 anos de experiência técnica

Em limpeza de **carpetes**
(Restauram-se sendo necessário)
e todo o vestuário
TINTURARIA PORTUGALIA
Tel. 23221

PARA REVESTIMENTOS:
PANOLUX

EMBELEZA TUDO O QUE COBRE
DISTRIBUIDOR EM LISBOA:
TORRENS & MARQUES PINTO, L.da
3-RUA JANELAS VERDES-7

SMITHS
ESTAÇÃO DE SERVIÇO «SMITHS»
Castrol

ESPECIALIZADA NA REPARAÇÃO DE:
- APARELHOS DE CONTROLE DE AUTOVIATURAS DE QUALQUER MARCA E ORIGEM
- MATERIAL DE ESTAÇÃO DE SERVIÇO

SERVIÇO OFICIAL «CASTROL»

LAVAGEM — LUBRIFICAÇÃO ESPECIALIZADA
ABASTECIMENTO DE ÓLEOS AO LITRO PELOS PROCESSOS MAIS MODERNOS E EFICIENTES

UM CONJUNTO ÚNICO NO PAÍS, À DISPOSIÇÃO DO MOTORISMO NACIONAL

Av. Praia da Vitória, 73-B — LISBOA
Telef. 5 81 41-42-43

Centro de Medicina Dentária
PREÇOS DE POLICLINICA
Consultas permanentes das 9 ás 21 horas
C. Bento da Rocha Cabral, 1 (Ao Rato) — Tel. 664991

BOSCH O PRIMEIRO FRIGORÍFICO ALEMÃO
em QUALIDADE · ECONOMIA · APRESENTAÇÃO · TECNICA · PREÇO

EM EXPOSIÇÃO NOS REVENDEDORES AUTORIZADOS
FRIGORÍFICOS BOSCH DE FAMA UNIVERSAL
SÃO AGORA PRODUZIDOS NO RITMO DE 1.000 POR DIA NA MAIOR FÁBRICA DA EUROPA
UNIDADE BLINDADA FLUTUANTE A TRABALHAR EM BANHO DE ÓLEO INCONGELÁVEL • ABSOLUTAMENTE SILENCIOSA • FECHO COM CHAVE
5 ANOS DE GARANTIA
PARA A MÁQUINA ECONÓMICA
BOSCH
Refrigeração POLAR LIMITADA

VALE DE AZARES

Todas as estações de Caminho de Ferro aceitam a despacho mercadorias para a localidade de Vale de Azares, em ligação com a estação de Celorico da Beira.

No Despacho Central instalado nesta localidade aceitam-se para despacho mercadorias para qualquer estação de caminho de ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

Leiam o «SEMPRE FIXE»

ANTOLOGIA UNIVERSAL DO CONTO

A MESQUITA DE SAMARCANDA-AL-AJAM

Conto árabe de **Thomed Borrasi**

ESCUTAI agora os que estais em roda de mim, sentados, em pé e encostados ao muro, e vinde ouvir-me os que andam de lá para cá, o maravilhoso, pasmoso, assombroso, real e sobrenatural, verídico, verdadeiro e certo, incrível e surpreendente, singular, radioso e explendoroso de todas as cores, conto ou lenda da esposa de Tamerlan. Bibi-Kanun. E diz-se e é verdade, como é verdade que o Sol nos aquece, que há uma cidade que se chama Roui-Zaminast, ou seja o Rosto da Terra, também chamada Samarcanda-al-Ajam, a cidade do sonho, oásis desejado pelas caravanas, florescida de jardins e nas margens dum rio azul que recebe a cor de um céu azul sem manchas.

São muitas as mesquitas, mas a de Samarcanda é a da suprema perfeição, como o era Bibi-Khanun, a preferida entre as esposas do sultão Tamerlan que um dia foi para a guerra para aumentar os seus domínios. E a delicada Bibi-Khanun, imaginou edificar uma mesquita com tal grandeza que não pudesse ser superada, como ela própria o não era entre as esposas de Tamerlan. Para realizar a sua ideia chamou um artista já famoso apesar de ser um jovem ainda.

E começaram as obras da mesquita, mas o arquitecto não se dava pressa em as adiantar, e tal lentidão desesperava Bibi-Khanun. Ora o arquitecto tinha suas razões para demorar quanto pudesse o final da obra, pois estava enamorado de Bibi-Khanun e sabia que a não tornaria a ver quando terminada a mesquita, e assim retardava a construção.

Já o sultão anunciava o seu regresso, e Bibi-Khanun desesperava-se com a ideia de não lhe poder proporcionar á chegada a surpresa da mesquita.

Decidiu-se Bibi-Khanun a pedir ao arquitecto, ela pessoalmente, que terminasse a mesquita antes que voltasse o sultão. E como o amor não se pode ocultar, o arquitecto atreveu-se a dizer que só terminaria a obra se Bibi-Khanun lhe desse um beijo.

Irritou-se a esposa do sultão, mas como não havia outro remédio para que o arquitecto terminasse a mesquita, acedeu ao pedido. Ofereceu o rosto ao atrevido, mas era tanto o fogo de amor do audacioso, que a face de Bibi-Khanun ficou marcada pelo beijo como ferro em braza.

*

O arquitecto acelerou a conclusão da mesquita que assim ficou terminada quando o sultão regressou da guerra. Ficou maravilhado, mas, ao beijar, em agradecimento, a Bibi-Khanun, viu o sinal que lhe ficara marcado na cara pelo beijo do audaz arquitecto.

Confessou Bibi-Khanun o que acontecera e o sultão, enfurecido, mandou prender o atrevido jovem. Este, perseguido pelos guardas do sultão, subiu á torre mais alta da mesquita e lançou-se no espaço. E aconteceu então que no ar lhe nasceram asas, e em rápido voo desapareceu, e nunca mais se soube dele.

*

E tudo fora porque Bibi-Khanun, no crítico instante em que o arquitecto se lançava do alto da torre, elevou ela os olhos á mesquita e suplicou a salvação do atrevido.

E tal é este milagre do amor, e tal é a história da mesquita que Bibi-Khanun fez construir em Samarcanda.

O que vos acabo de contar é a história imaginada ou lenda verdadeira da mesquita de Samarcanda-al-Ajan, a de paredes de mármore e arcos de caligrafia perfeita, turquesa unica entre as mesquitas, a das colinas de ambar que morreu enterrada nas areias douradas do deserto, como Samarcanda, a cidade dos bazares, que com todos os luxos, morreu sufocada pelo Sol.

Vós que estais agrupados em torno de mim, como enxame na colmeia, tanta é a doçura do mel dos meus contos, dai-me agora a moeda do vosso agradecimento.

POIS BEM, NÃO ESPERE MAIS,
FAÇA COMO EU:

USE OMO, O PÓ AZUL QUE PRODUZ MONTANHAS DE ESPUMA

Mergulhe a roupa suja na maravilhosa espuma do Omo. Esprema-a um pouco e... repare como a sujidade passa do tecido para a água. Omo eliminou toda a sujidade, todas as nódoas mesmo as mais persistentes que outros produtos nunca foram capazes de tirar. Em poucos instantes a sua roupa tornou-se deslumbrante. Ela tem a brancura Omo que faz a admiração das suas vizinhas e o seu orgulho.

Use Omo para todas as lavagens. Omo tira todas as nódoas, mesmo as de gordura. Omo dissolve-se instantâneamente, mesmo em água fria.

OMO lava mais branco

56-OM-06 INDÚSTRIAS LEVER PORTUGUESA, LDA-SACAVÉM

Fatos de Verão
TROPICAL INGLÊS
Grande sortido em cores
Importador:
JACOME BELÉM DA SILVA
Rua do Prior, 11 — Telef. 727163
A' venda, na Baixa, nos Agentes Sociedade Portuguesa Tranger, Ld.
Rua Augusta, 270, 1.º

O «Diário de Lisboa» vende-se em MONTEMOR-O-NOVO na casa Joaquim R. Amaro.

SELECÇÕES FEMININAS
A Revista feminina mais lida em Portugal

NÃO DEIXE DE LER
O número de JUNHO, que se encontra à venda.

N. B. O PRAZO PARA O ENVIO DAS RESPOSTAS AO TESTE-CONCURSO DESTE NÚMERO SÓ TERMINA NO DIA 5 DE JULHO.

Vida artística

Abriu hoje a 10.ª Exposição Geral de Artes Plásticas

Inaugurou-se hoje pelas 16 horas, nas salas da Sociedade Nacional de Belas-Artes, a 10.ª Exposição Geral de Artes Plásticas, salão que é sempre aguardado com muita expectativa pelo publico, que logo na abertura acorreu ali em elevado numero.

À noite, ás 21 e 30, o sr. prof. dr. Vieira de Almeida, fará uma conferência, subordinada ao tema «Ambiente cultural», no recinto da exposição.

POPELINES INGLESAS
Em cores vivas para blusas e vestidos de senhora.
«SANFORIZED SHRUNK»
Grande variedade de cores
Importador:
JACOME BELÉM DA SILVA
Rua do Prior, 11 — Telef. 727163
A' venda, na Baixa, nos Agentes: Sociedade Portuguesa Tranger, Ld.
Rua Augusta, 270, 1.º

Leiam o «SEMPRE FIXE»

Alguns episódios dramáticos da I travessia aérea do

descritos por Gago Coutinho na sua conferência a bor

(Continuação da 1.ª página)

limitaram a pôr em prática «manhas» de geógrafos usadas em trabalhos de Geodesia realizadas em comum na selva africana.

Palavras de Norberto Lopes

Apresentado pelo comandante Ramalheira, com palavras de muito apreço, o nosso camarada disse o seguinte:

«Não se assustem, porque não vão ouvir um discurso. As palavras que vou dizer serão breves — e estão cronometradas, como as corridas de cavalos. É possível que não me classifique, mas espero não ser muito macador — muito cacete, para que os Brasileiros me compreendam.

Antes de mais nada, quero agradecer ao sr. comandante Ramalheira a amabilidade do convite que me dirigiu para falar hoje nesta pequena festa de família—e a generosidade das palavras com que se referiu á minha modesta pessoa. Eu sou, além de um velho marinheiro,—não é verdade, sr. Almirante? — um velho passageiro do «Vera Cruz». Somos bons amigos.

Conheço-o desde o primeiro dia —e não digo desde pequenino, porque ele foi sempre deste tamanho. Já nasceu com barba e bigode. A barba vai fazê-la, de vez em quando, a um barbeiro de Cádis, porque em Lisboa não há barbearia que lhe sirva—e fica então como novo, mais fresco e mais ligeiro. Nos bigodes é que ele tem um grande orgulho e não consente que lhe toquem. Gosta de os cofiar nervosamente, como um velho coronel reformado em frente de mocinha bonita—com uma grande proa, sobretudo quando viaja a vinte e duas milhas á hora. Mas é um navio confortável e acolhedor, embora seja muito bailarino, muito amador de tangos e de maxixes. E apesar de ser muito novo ainda, já tem uma história curiosa este «Vera Cruz». Poucos navios, como ele, se podem orgulhar de ter vivido tão intensamente e de ter ligado o seu nome á própria História dos nossos dias. Quatro anos na vida de um navio não é o mesmo que quatro anos na vida de uma pessoa. Entre os estaleiros do Escalda, onde nasceu, e o estuário do Tejo, onde o vimos entrar uma bela manhã hasteando orgulhosamente a bandeira portuguesa, esta bela nave cinzenta, de proa altiva e de linhas elegantes, tem sulcado todos os mares e tem levado a todos os portos a mais clara, a mais evidente, a mais irrefutável prova do ressurgimento da marinha mercante nacional.

Não esquece fácilmente a sua viagem inaugural entre o Tejo e a Guanabara. Lembro-me ainda com emoção da chegada ao Rio de Janeiro em que ouvimos milhares de bocas gritar um nome que se lhes estrangulava na garganta — Portugal! — e sentimos milhares de corações pulsar, num ritmo de taquicárdia, quando ele se aproximou majestosamente do cais da Praça Mauá.

Vimo-lo depois cruzar outras paragens, familiarizar-se com outros mares. Vimo-lo singrar alegremente, carregado de turistas apressados e exigentes—não é verdade, sr. comissário Homem Cristo?—sobre as águas do Mediterraneo azul, atravessar os Dardanelos, entrar no mar de Mármara e deter-se, prudentemente,—não fosse o diabo tecê-las—á entrada do Bósforo, em frente dos minaretes esguios de Istambul.

Vimo-lo lançar a ancora no Pireau, antecamara prometedora desse país de lendas e de deuses, que é a Grécia, escolhido por Jupiter e por Venus para as suas pandegazinhas em família e para as suas farras nocturnas em «boites» e «night-clubs» do Olimpo.

Vimo-lo balouçar-se preguiçosamente, antecamara prometedora descente de Palma de Maiorca, onde evocou os amores de Chopin e de George Sand; atardar-se em Nápoles com os «lazzaroni»; descer á «Kasbah» de Argel e meter o nariz — ou melhor, tapar o nariz — no «zoco chico» de Tanger. Cruzou o estreito de Messina. Passou á vista do Vesuvio e do Etna. Mas foi mais longe. Atravessou o mar das Caraibas. La Guaira, Cuba, Curaçao, os portos da Jamaica são-lhe familiares. Foi testemunha de acontecimentos históricos. A queda de Perón. A ultima revolução argentina. Em Buenos Aires, quando o vêem chegar, algumas pessoas correm a fazer testamento. Outras partem para Cordoba, refugiam-se na cordilheira dos Andes. E só descem á cidade, só ficam sossegadas quando adquirem a certeza de que o «Vera Cruz» já partiu, já vai pelo mar de La Plata fora. Mas seja como for, e onde quer que seja, o nosso «Vera Cruz» é sempre uma casa acolhedora, uma casa bem portuguesa, onde todos os tripulantes, desde o seu comandante ao mais humilde moço do convés nos tratam com requintes fidalgos. É ele o traço de união mais constante e mais afectivo entre o Brasil e Portugal, mas sobretudo entre duas saudades—a dos Portugueses que vivem no Brasil e a dos que ficaram em Portugal. Eu ficaria de mal com a minha consciência se não prestasse ao «Vera Cruz» esta homenagem de gratidão.

*

E agora vamos á segunda parte do meu discursinho. É a segunda vez que uso da palavra nesta bonita sala, para falar de um facto histórico da maior trascendência para Portugueses e Brasileiros—e cujo tema é sempre grato ao meu espírito—e ao meu coração. É a segunda vez também que tenho a felicidade de falar, neste navio, na presença do homem que, com o seu saber e o seu desapego da vida, ajudou a escrever a mais bela página da história da nossa aviação. Faz hoje precisamente trinta e quatro anos—já o recordei num artiguinho que me pediram para o jornal de bordo—que Gago Coutinho e Sacadura Cabral concluiram a primeira travessia aérea do Atlantico Sul, do estuário do Tejo á baía da Guanabara. Quis o comandante Ramalheira que esta efeméride gloriosa não passasse despercebida a bordo do seu navio, dando-se para mais a feliz coincidência de fazer viagem connosco o sábio almirante que tanto contribuiu para o êxito desse arrojado empreendimento. Fui eu o escolhido—e muito mal escolhido, na verdade— para ser o intérprete dos sentimentos que a todos nos animam, por se dar também a coincidência curiosa de ter sido um dos dois repórteres que mais de perto acompanharam, a bordo do cruzador «Republica», a proeza extraordinária dos dois aviadores portugueses. Esse feito, que havia de apertar ainda mais os laços que nos prendem ao Brasil, marca uma data histórica não só nas relações entre os dois países irmãos, como até nos anais da aviação mundial. Com efeito, foi a primeira vez que a bordo de um avião, e numa viagem larga sobre o mar, se utilizaram processos de navegação científica, graças ao dispositivo especial introduzido pelo almirante Gago Coutinho num sextante vulgar, o que lhe permitiu sobrevoar o vasto oceano e demandar um ponto determinado no alto mar com a mesma precisão com que um navio demanda um porto. Foi na tirada da Cidade da Praia aos Penedos de S. Pedro e S. Paulo, num percurso de 1.700 quilómetros, coberto em cerca de onze horas de voo—uma brincadeira para um moderno avião a jacto—que o «Lusitania», sob o comando firme de Sacadura Cabral e a orientação inteligente de Gago Coutinho, fez a sua prova decisiva de navegação. Tendo saído de manhã de Cabo Verde, estava estabelecido que o cruzador «Republica» o aguardasse junto dos Penedos. A bordo recebeu-se a comunicação da partida, a que se seguiu um longo espaço de tempo sem notícias, visto que o avião não tinha, nem podia ter, rádiotelegrafia. Aliás, procurou-se aliviá-lo ao máximo, a fim de levar a maior carga possível de gasolina. As horas decorriam numa ansiedade crescente para os marinheiros do navio português, que a todo o momento esperavam ver chegar o avião. O mar é imenso, os perigos são muitos, o aparelho—um «Fairey» inglês de série—não tinha dado boa conta de si nas tiradas anteriores, principalmente devido á fragilidade dos flutuadores, e o processo de navegação de Gago Coutinho, verdadeiramente, não tinha sido ainda posto á prova numa viagem longa.

Finalmente, eram cinco horas da tarde, pouco mais ou menos, quando o Sol declinava já, um ponto negro cresceu no horizonte e a tripulação do «Republica», possuída de um entusiasmo delirante, viu aproximar-se do navio aquilo que não passava, primeiro, de um gafanhoto, depois de um urubu e por fim de um avião em cujas asas brilhava ao sol da glória a Cruz de Cristo, tal qual como outrora no pano redondo das naus de Cabral.

Ao delírio dos primeiros momentos seguiu-se, porém, um grito de espanto e de dor. O avião, ao poisar na água, imprevistamente, começou a adornar para estibordo. De bordo do navio não compreendiam bem o que se passara, mas em breve se deram conta de que o aparelho estava cada vez mais adornado e os aviadores corriam perigo iminete. Não tardou a descobrir-se a causa do acidente. Um dos flutuadores voara pelos ares. O aparelho, tendo perdido a estabilidade, saltou na crista da vaga e ameaçava afundar-se, quando o gasolina do «Republica», que pairava junto dos Penedos, se aproximou dele rápidamente, deitando-lhe uma fateixa. Foi só o tempo de os dois aviadores saltarem para a embarcação. Pouco depois, o avião desaparecia na voragem das águas profundas. O flutuador, que ficara a pairar á tona de água, foi recolhido no gasolina como uma relíquia—e depois partido em pedacinhos que cada um de nós disputou ávidamente, como se fossem pedaços do Santo Lenho. Quando entrou a bordo do «Republica», Gago Coutinho tinha lágrimas nos olhos. Alguns marinheiros choravam. Práticamente, porém, a ligação aérea Portugal-Brasil pelo ar estava feita. As águas de S. Pedro e S. Paulo são já águas brasileiras, estão sob a protecção do Cruzeiro do Sul. Os aviadores, contudo, não desanimaram. Um novo aparelho mandado de Lisboa, a bordo de um navio brasileiro,—o velho «Bagé» — para que a viagem prosseguisse, deu origem a novo acidente dramático em que os nossos compatriotas iam perdendo a vida. A obstrução de um tubo de gasolina obrigou-os a uma amaragem forçada, depois de terem feito a ligação da ilha de Fernando Noronha ao Penedos de S. Pedro e S. Paulo, e foi um cargueiro inglês —o «Paris City»—que os recolheu a bordo no alto mar, ao cabo de algumas horas angustiosas em que á volta do aparelho meio submerso os tubarões agitavam a barbatana negra e afiavam a dentuça voraz. Vivi em Fernando Noronha, com o meu camarada Tomás Ribeiro Colaço, esse episódio dramático da viagem e assisti depois á chegada dos aviadores a bordo do cruzador «Republica», que fora ao encontro do «Paris City». Foram essas, sem duvida, as horas mais emocionantes da minha vida profissional. A convivência encantadora com Gago Coutinho, tanto a bordo do «Republica» como na ilha, deixou-me recordações que não esquecem fácilmente. Relembrei já, nesta mesma sala, episódios e anedotas que se passaram na ilha enquanto esperávamos o terceiro avião que partira de Lisboa a bordo do «Carvalho Araujo». Não repito o que disse então para não massar VV. Ex.as, e para não roubar o lugar ao simpático animador deste navio, onde sou um simples passageiro que pretende repousar do seu labor profissional.

Entretanto, o «Republica» foi reabastecer-se ao Recife e nós seguimos viagem a bordo, enquanto os aviadores ficaram esperando na ilha que chegasse de Lisboa o novo avião. A sua persistência e a sua coragem não conheciam limites. Já hoje recordei com o ilustre romancista brasileiro José Lins do Rego, que é nosso companheiro de viagem, e que era ao tempo estudante de Direito, no Recife, a revolução de que fui testemunha na capital de Pernambuco (José Lins confessou-me hoje que tomou parte nela) em que o hino revolucionário era a nossa conhecida «Vassourinha.» Lembram-se? A cantiga dizia: «Varre, varre, minha vassourinha»—e o «refrain» tinha, porventura, um valor simbólico.

O terceiro «Fairey» chegou, finalmente, e foi nele que Gago Coutinho e Sacadura Cabral puderam concluir, triunfalmente, no dia 17 de Junho de 1922, a viagem que empolgou os dois países irmãos e tanto lustre deu á Aviação portuguesa. Faz hoje 34 anos que esse avião sobrevoou, a caminho do Rio de Janeiro, onde chegou ás duas horas da tarde, as águas que o «Vera Cruz» sulcou esta manhã. As asas portuguesas tinham ligado dois continentes, duas pátrias, dois corações que pulsam com o mesmo ritmo, duas bocas que falam a mesma língua e têm a mesma palavra para dizer *amor*».

Uma interessante conferência de Gago Coutinho

Dois dias depois, quando o «Vera Cruz» se aproximava de Cabo Verde, de onde o «Lusitania» largou para o voo aos Penedos de S. Pedro e S. Paulo, o sr. almirante Gago Coutinho fez a bordo uma interessante palestra intitulada «Aventuras de um pioneiro aéreo», em que descreveu alguns episódios da viagem e, nomeadamente, a amaragem dramática nos Penedos.

A abrir a sessão, o sr. dr. Norberto Lopes disse que não se tratava de uma conferência, «de uma destas conferências em que os ouvintes não têm outro remédio senão dormir; mas sim de uma palestra ligeira, escrita com elegancia e com bom humor, com aquele espírito que caracteriza o insigne marinheiro que tem corrido as sete partidas e experimentado todos os meios de transporte».

E acrescentou:

«O sr. almirante Gago Coutinho vem do tempo da navegação á vela, que foi a grande escola da Marinha. Voou em pequenos aviões, em frágeis aviões de «pau e tela», do tipo do «Fairey», de que se serviram para a travessia do Atlantico Sul. Voou no «Zeppelin». Voou nos grandes aviões modernos. Conheceu a idade do jacto, a idade do turbo-propulsor. Homem do mar e sertanejo, que temperou o caracter nas duras caminhadas através da selva africana, onde gastou alguns anos da sua mocidade em trabalhos geodésicos, o sr. almirante Gago Coutinho não é um semideus. É um homem. Um homem do seu tempo. Ouvimo-lo dizer aqui, há dias: «Nós não fomos herois. Usámos de manhas de geógrafos, que se orientam pelo Sol e pelas estrelas».

«Vamos ouví-lo confessar-nos algumas dessas manhas, que mais ninguém antes dele se lembrou de pôr em prática. Aí é que está o grande mérito das suas «manhas», sr. almirante, mau grado a sua proverbial modéstia pretender diminuir o valor da façanha que levaram a cabo. Grandes figuras da Humanidade, como Galileu, Copérnico, Arquimedes, Laplace, Newton, também tiveram as suas «manhas». E não deixam, por isso, de figurar no quadro de honra dos grandes precursores da Ciência, daqueles que traçaram novos rumos e abriram novos horizontes ao saber humano».

Usou em seguida da palavra o sr. almirante Gago Coutinho, cuja notável conferência em seguida publicamos:

«Áquelas pessoas comuns de agora que, fartas de navios, embarcam em avião moderno, vem a propósito—parece-me — recordar-lhes como eles começaram.

Desde as experiências publicas de Paris, em 1906, nas quais Santos Dumont provou a possibilidade de o homem voar, logo outros experimentadores lhes deram seguimento. Passou-se a Mancha e o Mediterraneo, fez-se acrobacia. De sorte que, em 1914, já se voava correntemente, mas o avião ainda não era boa arma de guerra. E tanto que o seu papel, de 1914 a 18, foi tão modesto que o «Zeppelin» o superou, pelo que, depois, ainda, até fez carreiras transatlanticas.

Os preparativos da viagem

Terminada a Guerra I, logo se pensara na travessia, aérea, entre Europa e América. Assim, os Americanos, com bimotores de patrulha, conseguiram atravessar, pelos Açores, até Lisboa. Mas, desconfiados da orientação pelos astros, seguram-se, apoiando-se em barcos dispostos para balizar a rota, pelo mar fora.

Porém, para alguns oficiais, práticos em trabalhos geográficos, tal solução pareceu, por demais, primitiva. Até que o comandante Sacadura Cabral—piloto de escola francesa—com outro geógrafo que, com ele, também atravessara a África, pensaram na viagem aérea que mais nos interessava, a do Brasil.

Adaptaram o sextante-marinho ao uso do ar, substituindo o horizonte por um nível de bôlha especial—ainda usado agora nos instrumentos de navegação aérea. E, depois de voos de experiência, com resultado, indo até á Madeira, foi decidido pelo Governo financiar uma viagem ao Brasil, em colaboração com as festas, comemorando o século da separação. Estavamos em 1922. Como a maior distancia a percorrer sem escala era de uns 2.300 quilómetros, estudado o caso, o construtor Fairey propôs-nos um hidro-avião, a que deu o nome romantico de «Transatlantico», o qual poderia, ou deveria, embarcar gasolina para 16 horas de voo.

Os primeiros contratempos

Largando nós de Lisboa em Março, logo, na etapa de Lisboa ás Canárias, se verificou que o consumo de gasolina—90 litros horários, em cruzeiro—reduzia muito o raio de acção, tornando impossível ir de Santiago de Cabo Verde á ilha Fernando Noronha, o que era essencial. Pelo que foi escolhido o Penedo de S. Pedro, uns rochedos isolados no alto mar, sem porto nem abrigo, mas sómente ponto de referência, para um navio lá nos esperar com abastecimentos e auxiliares. Certo, era mar aberto, mas contava-se que, com bom tempo, o avião, já leve, poisasse no mar sem avaria grave. Depois, ainda leve, só com 500 litros de combustível—em uma manhã escolhida, descolaríamos para Noronha. Não havia outra solução!

De resto, o irmos demandar o minusculo Penedo, não nos preocupava. Geógrafos, longos anos tinhamos vivido no sertão, confiados nos astros; e tanto, que os pretos diziam que nunca nos perdíamos, porque, chegada a noite, perguntávamos ao Ceu—a Deus—onde estávamos...

Com esta orientação largámos de Lisboa e, escalando na Grã-Canária, a 18 de Abril seguiamos de Santiago para Sul. Sem rádio—que gastaria uma hora de voo por causa do peso—não tivemos meio de ir contando ao cruzador «Republica», que nos esperava junto do Penedo, como as coisas nos iam correndo.

Contávamos, é claro, ter até ao Equador o vento favorável, usual na época. Embora fraco, ele nos foi fiel, como o Sol. Só passámos sobre um vapor, a quem o caso raro não impressionou... Dele não houve notícias! No mais, tudo ia correndo bem, banalizando a aventura... Sómente, tendo parado as «bombas de vento» que elevavam o combustível para o motor, e não podendo o piloto largar os comandos, tive eu, que, com a bomba de mão, ir elevando uns 500 litros de gasolina. É este um detalhe pouco falado... Mas, sem pretensões, é certo que fui eu, homem humilde, quem, eficazmente, concorreu para, «dando á bomba», dar tanta alegria ao povo português.

A amaragem nos Penedos

Decorridas onze horas de voo, o nosso metro cubico de gasolina, metido na Praia, estava a acabar. Os Penedos—umas pedras rasas—dos mil pés de altura a que voávamos, só de perto se avistaram... quando lhes estávamos quase por cima.

Por outro lado, aqueles que nos esperavam a bordo do cruzador «Republica», informados da nossa partida pela rádio da Praia, e nada sabendo do que se ia passando a bordo do avião, tinham vivido todo aquele dia, incertos, sobressaltados... Até que, ao fim da tarde, ao avistar-nos no Ceu, a Norte, tiveram extraordinária comoção de surpresa e prazer, sendo lamentável que, a bordo, não tivesse havido quem registasse, no papel, este impressionante minuto, alvorada de acontecimentos históricos da Aviação. Simples geógrafos tinham provado que um avião se podia orientar no ar, com tanta segurança como o fazem os navios no mar!

O «Lusitania» tinha, em onze horas e meia, voado 1.700 kms., sem apoio, autónomo. Porém, ali acabou sua curta vida, porque, ao poisar sobre mar só agitado por «ondulação larga», um dos flutuadores, meio podre, se desfez ao tocar na água. Nem foi possível salvar, ao menos, o fial motor que nos levara àquelas insignificantes pedras. O avião perdeu-se, mas ali já era terra brasileira e, como documento, ele lá ficou no fundo do mar.

Atlântico Sul

do do «Vera Cruz»

O sr. almirante Gago Coutinho usando da palavra, a bordo do «Vera Cruz», na comemoração do trigésimo quarto aniversário da I travessia aérea do Atlantico Sul

Tinha-se repetido a prioridade portuguesa, uns quatro séculos depois de as nossas caravelas terem passado além do trópico. E levávamos pintadas nas asas a mesma «Cruz vermelha de Cristo», com que nossos caravelistas devassaram —como o cantou Camões—«aqueles mares» e «os novos ares», que o generoso Henrique descobriu.

De resto, quanto aos riscos, o famoso motor «Rolls-Royce» não nos falhara nunca, naquela «Expedição aéro-geográfica» — como o nosso voo foi classificado no Brasil. Ah! Quanto a riscos, bem maiores os tinhamos corrido em África, quando, de calção e perna á vela — como as longas marchas impunham — afrontavamos cobras venenosas, a tzé-tzé, agressões dos negros, etc., durante muitos anos.

Poisados no alto-mar

Depois, um segundo avião «Fairey» ainda falhou no «raid» de Noronha ao Penedo, por se ter inutilizado um tubo de gasolina. Mais uma vez eu tivera que recorrer aos meus talentos de bombeiro, porque o tanque suplementar, que fora montado em Lisboa, mal chegava para duas horas de voo. Pelo que, no ar, poisando o sextante, eu tive que lhe ir vasando uma dezena de latas de gasolina... o que fiz ao ar livre, entre as duas línguas de fogo, as das descargas do motor. Tornarei a falar nisto... Porém, pelas 4 horas da tarde, já no regresso do Penedo e a meio caminho de Noronha, como a gasolina não passava para o motor, tivemos que poisar no alto mar. Tinhamos bolacha e chocolate para quatro dias, e beberiamos a água do radiador. Não jantámos. Só pelas onze horas da noite avistámos as luzes do cargo «Paris-City», — talvez por lembrança da madrinha de guerra de Sacadura, que era de Paris — cargo cujo capitão, A. E. Tamlyn, chamado pelos tiros da nossa pistola de sinais, recolheu os aviadores e o aparelho. Parado, chamou o cruzador «Republica» e, generosamente, de manhã lhos entregou, seguindo sua viagem para o Rio. Lá o tornei a ver dois anos depois, e aconteceu até que, tendo-me uma menina pedido um pensamento para o seu album de autografos, quando o capitão Tamlyn estava a meu lado, eu disse que, se não fosse ele, estaria àquela hora no fundo do mar, a escrever algum pensamento no album de uma senhora.

Quanto ao avião, o aparelho montado á pressa no Recife, não pode suspender, e ali se perdeu. Um terceiro hidro-avião — o «Fairey 17» — com escalas na costa, falhando a do Natal, nos levou a Guanabara, a 17 de Junho de 1922. Está no Museu. Connosco tinham, em espirito, voado milhões de Portugueses.

Tinha sido bem que Sacadura, chefe da equipa, se tivesse apressado. Porquanto, logo dois anos depois, outros pioneiros, já com motor e rádio, como Franco, atravessaram de Santiago para Noronha, sem poisar no alto mar. A que se seguiram Pinedo e o francês Romain, este desaparecido no mar. Outros pioneiros, como Sadura, tiveram depois fatal má sorte.

Até que, ainda em 1927, no hidro «Argos», tripulado por Beires, Gouveia e Castilho, estes aviadores militares realizaram viagem mais notável, visto que pela primeira vez um hidro, partido da costa africana, atravessou aquele mar, de noite, orientado por estrelas. O geógrafo Jorge Castilho foi o navegador. Ao amanhecer sobrevoavam o Penedo. Como lhes faltou o vento, e uma hora de gasolina, tiveram que desistir da ida directa a Natal, e arribaram a Noronha, onde fundearam, na manhã de 18 de Março. O bimotor «Argos», sem rádio, conseguira voar 1500 kms., em dezoito horas e meia! O que só a Panair do Brasil excedeu 25 anos depois, com o seu voo directo, Lisboa-Rio, em 19 horas. Lá vim.

Quatro anos depois os Italianos também levantaram voo da Guiné, de noite, mas, desta sua segunda vez, com esquadrilha de uma dúzia de hidros, chefiada pelo próprio ministro da Aeronáutica, o grande general Balbo, doze anos depois assassinado no ar, quando atravessava o Mediterraneo. Também escalaram em Noronha.

A viagem do «D. O. X.»

Enfim, nove anos depois do nosso voo, chegou a vez dos Alemães. Em Janeiro de 1931 — também escolhendo a época do ano mais própria — a fábrica alemã «Dornier» tinha construído o hidro «D. O. X.», três vezes mais pesado que o maior avião da época. O peso total excedia 50 toneladas, com 12 motores de 600 cavalos, em seis torres duplas.

Passou em Lisboa, demorou-se a beneficiar na Grã-Canária e, em Abril, fomos poisar na Guiné portuguesa, donde, como novidade, contávamos cortar para a costa do Brasil. Porém, por falta de vento e de mareta, tendo corrido por vezes seis minutos, não foi lá possível deslocar. Seguimos para Santiago, onde não faltaria o vento. Então, em uma manhã, tendo pairado uma dezena de milhas ao mar da Praia, logo que soprou vento, puseram-se os motores em marcha, a braço. Aquecidos, iniciou-se a corrida em mar-aberto, a fim de levantar da água aquele meio cento de toneladas, peso que, até então, os ares tropicais ainda não tinham provado conseguir suportar.

A vante, a meio entre os pilotos, avulta a figura do comandante, Fr. Christiansen — simpático homem-do-mar e ex-aviador — curtido nas travessias do Cabo Horn, como tripulante da galera «Preussen», o maior velenro do Mundo, que embarcava ás oito mil toneladas de nitrato do Chile.

Aberto o gás, começou o rugido da nossa duzia de motores «Curtiss», acelerando a corrida sobre as águas algo agitadas do mar largo. Os pilotos, com os comandos, mantêm o equilibrio e direcção. Na cabina a ré, os dois navegadores seguem, pelas janelas, o corso que vamos riscando na água; e olhamos o indicador da velocidade. Atrás, o engenheiro, o rádio e os mecanicos — uns sete homens — vigiam os relógios dos motores, ao passo que o aviador italiano percorre o avião, a ver como tudo se ia portando.

Momentos de ansiedade

A todos aqueles treze homens nos domina a ansiedade geral. Há um mês que isto se vem preparando, a fim de pôr a voar este «navio volante», rumo para Sudoeste, para o Brasil.

A velocidade vai crescendo e, com meio minuto de corrida, já lemos: 100 kms. O nosso «barco», de proa levantada, deixa pelas alhetas duas agitadas esteiras. Assentado na crista das vagas, ele estremece, vibra: estamos em pleno alto mar! Se a força dos nossos sete milhares de cavalos, que navio algum desta tonelagem jamais embarcou, tivesse ponto de apoio, a nossa pesada máquina levantar-se-ia uma dezena de metros em cada segundo!

Vamo-nos aproximando dos 150 kms. Já mal tocamos no mar e, por vezes, quase voamos. Mas a gravidade vence o petroleo, e torna-nos a assentar na água. O casco deste barco de 20 metros de quilha insiste em navegar, e repete as marteladas de mil quintais, á velocidade de 40 metros por segundo.

Enquanto se não partir alguma coisa, a luta prosseguirá; mas cremos que já se partiu tudo o que era de partir. A divisão em 17 estanques dá-nos mais arrojo. Só tocamos o mar pelo redente, parte mais sólida do fundo. Porém, algumas pancadas violentas sobre a crista das vagas dão-nos, por vezes, receio de comprometer os cálculos dos engenheiros que criaram este avião. Só receamos que elas consigam desatracar os pesados tanques suplementares, que vão no porão, desligando encanamentos e derramando parte dos nossos 25 metros cubicos — quase 300 barris de quinto — de gasolina. O que levaria seus vapores a contacto com as chamas de descarga... Certo, paira em nosso espirito impressão vaga de risco iminente, explosão, morte... Mas, para aqueles treze homens, de seis nacionalidades diferentes, só o risco de não se conseguir triunfar dos elementos — água, ar, fogo — nos acobarda, por não deixar realizar a aspiração que, solidáriamente, nos domina: voar! Naqueles momentos — para alguns de nós culminantes na vida — nenhum teria tido o gesto derrotista de cortar o gás.

Sem pensar no risco, só queremos descolar!

O experiente lobo-do-mar, que é o nosso capitão, antigo piloto-aviador de guerra, ainda não esqueceu como vira puxar os veleiros, em suas viagens pelo Cabo Horn. Sim! Os velejadores de agora ainda nos falam na tradição dos «clippers» de passageiros — como o «Lightning» — que, com os oestes frescos das altas altitudes, por vezes corriam «a todo o pano» horas seguidas a «deitar» 18 milhas!

Essa visão romantica do passado da vela, bem diferente da vida banal dos transatlanticos modernos, era comparavel áquilo agora vivido por nós, também sobre o mar. Em tais regatas oceanicas de 1850, seus oficiais tornavam-se ébrios da velocidade e — como se fossem eles quem impeliam seus navios — intimidavam as tripulações, a quem aquela febre de aguentar pano lá em cima fazia recear avarias, com paus partidos, velas rasgadas, «debaixo de tempo»... Então, esses audaciosos capitães de «clippers», excitados pelo concurso que passageiros desportivos davam á manobra, desculpavam-se com a locução: «Hell or Melbourne»!

Integrado na conjuntura análoga de agora, ainda escravos da água, Christiansen recordou a frase antiga daqueles velejadores e, adaptando-a ao avião — mas sem pistola em punho! — gritou-nos para ré: «Hell or get-off» (ou vamos todos para o inferno ou voamos!). Grito que outros homens da vela, que iam a bordo, mais adivinhamos que distinguimos, na voz abafada pelo rugido furioso da descarga dos motores. Não conseguirá esta máquina voar?!

Aquela frase, na língua moderna do mar, concretizava a excitação da aventura que nos possuia naqueles instantes da vida. Suceda o que suceder, leve o diabo as dezoito toneladas de explosivo que carregamos, mas, enquanto o tentar estiver em nossas mãos, só pensamos em levantar voo para o Brasil! Já não havia em Santiago gasolina de avião, própria para se repetir a tentativa. Tinhamos de voar, agora ou nunca!

Este formidável combate, para tornar voador aquele «navio» mais comprido que as caravelas do Infante ou de Colombo, não foi filmado, nem sequer visto de fora. Ora, que haveria de comparável na partida de outro navio, no fazer de vela de uma nau de cem peças, na largada dos paquetes-gigantes, no mergulhar submarino? Sequer no deslocar do avião de rodas? Não. Nada nos compensaria do papel que estavamos representando!

Finalmente, voamos!

O roncar daqueles doze motores mostra que eles ainda não estão cansados desta tenaz corrida, já de umas cinco milhas. Lentamente, o ponto dos kms. continua subindo. O ponteiro dos kms. continua subindo. E, ao atingir os 160, o poisarmos na crista da vaga tornou-se suave, pois já só lhe tocámos de raspão. Enfim, uma pancada mais leve foi a ultima! Eram decorridos 4 minutos e 20 segundos, desde que os motores, a todo o gás, tinham iniciado o seu rugido metálico! Finalmente, após uma luta reiterada por mais de um mês, desde a chegada á Guiné, agora, descolados no alto mar, a doze milhas da ilha, estamos voando com combustível para quase 15 horas, a caminho da América do Sul.

Na cabine rebentara, entre todos nós, uma explosão de alegria. Delirámos, como loucos. As caras perderam ansiedade, e gritámos, rimos, abraçámo-nos! Mas estas palavras não sabem definir aquele instante de entusiasmo. Enfim, após uma luta de um mês estamos no ar! 4 de Junho de 1931.

Segue-se a faina usual da navegação. Como voamos a só uns vinte pés sobre o mar, as observações são feitas como a bordo, sobre o horizonte. E, como os navegadores são dois, a calcular separados, quando havia divergencia não discutiamos e fazia-se nova observação do Sol...

Com este voo razante, a cem milhas por hora, fomos passar á tarde ao lado e a uma centena de metros do paquete «Lutetia». Levava para o Brasil Santos-Dumont, Pioneiro que, em 1906, com seu voo publico, em Paris, revelara definitivamente ao Mundo que o homem até poderia superar os passaros, voando melhor, mais rápido e mais alto que as águas. E, sómente aquele seu pequeno voo de um minuto é que teve seguimento. Agora, a seus olhos, nós iamos, por acaso e no alto mar, provando o alcance da sua ideia inicial, quando criou o seu motor leve, de fogo, chave da Aeronautica. Passado apenas um quarto de século, durante aquele fugaz momento do nosso encontro no mar, ele, como nunca esperava em sua vida — nem os Americanos no seu planador de Kitty Hawk, nem eu mesmo, ou ele no aviãozinho de 3 toneladas... — ele estava agora vendo, a atravessar o Atlantico, o sucessor da sua «Demoiselle» de Paris, pesando duzentas vezes mais, e voando qual outro alcantraz com uma segurança com que ele nunca contara. Ah! Raros terão sido os inventores — como o do telefone — que também tenham assim verificado seu tão completo triunfo! Santos-Dumont, mais novo que eu, bem poderia ir ali connosco; mas morreu no ano seguinte!

Anoiteceu. Cortámos o Equador, bebendo Porto. Depois, reconhecida a insuficiencia da gasolina para alcançar o Natal, já leves, a pouco mais de 30 toneladas, pelas dez horas da noite, fomos poisar, como uma peha, no abrigo de Noronha. Tinhamos passado no ar 13 horas, 13 minutos e — talvez — 13 segundos! Terminava aqui a aventura que eu vivera.

Na manhã seguinte, embarcada alguma gasolina, e bananas para a tripulação, seguimos para o Natal. E daqui, pela costa, fomos voando normalmente, (voavamos tão baixo que um cão nos seguiu, julgando que era um automóvel) até poisar na enseada de Botafogo, Rio de Janeiro. S. Ex.ª o Presidente da Republica honrou-nos voando connosco, em excursão sobre a Guanabar. Eu deixei o «D. O. X.», que, por New York, retirou para Berlim, onde, no Museu de Aeronáutica, o vi depois, cheio de fotos, mapas, instrumentos, e recordações das suas «navegações».

Estas minhas viagens aéreas — de que acabo de vos falar — contrastam vivamente com aquelas que, agora, todos fazemos. Chegados ao aeroporto, indicam-nos um colossal edifício aéreo, no qual nos dizem que vamos atravessar o Atlantico, sem escalar em ilhas, nem no alto mar.

Ora, aos olhos dos velhos pioneiros dos pequenos aviões de «pau e tela», com um motor, sem rádio nem radar, parece-nos que aquela pesada máquina não conseguirá levantar-se do chão. Mas «o impossível acontece»: Depois de uma corrida de meio minuto, sem o sentirmos, sem gritos em inglês nem momentos de excitação, enfim, sem entusiasmo, estamos no ar. Vamos «mesmo voando»!

Ah! como as coisas estão agora mudadas! E isto apenas um terço de século depois de os «ares atlanticos» — cujo «descobrimento» Camões atribui ao «generoso Henrique» — terem sido violados por «máquinas voadoras» como, no século de 1700, já o previra o luso-brasileiro, Padre Gusmão — por alcunha «O Voador». Ele imaginara uma espécie de planador.

Outras viagens

Depois, acabaram minhas aventuras. Fiz viagens aéreas inauguarais, talvez como «Mascotte». Entre elas, fui na do Rio a Santiago do Chile, tendo até voado á altura de 7.000 metros, passando ao lado de um pico coberto de neves perpétuas, o «Aconcágua», o mais alto dos Andes. Fiz «raids» aéreos a Paris, sempre banais, na ida como na volta. Ah! As coisas já eram mais simples, sendo mais fácil fazer uma bomba de gasolina que um motor de 600 cavalos, ao contrário do que acontecia em 1931. Não tornarei a falar-vos em dar á bomba, mesmo por solidariedade... como o quis fazer ainda no «D. O. X.».

Várias vezes atravessei o Atlantico em paquetes, como no artístico «Atlantique», de suas 50 mil toneladas. Em sete dias e meio. Também, há uma dezena de anos, o fiz á vela, na barca «Foz do Douro», onde passámos três meses e meio sem ver terra. Providencialmente, perto do Equador, fomos acompanhados por um cardume de umas 200 albacoras — pequenos atuns —. Não foi, portanto, preciso, á antiga, «reduzir rações»: pescámos umas duzentas, e tivemos bom peixe até ao Porto.

Tinha entrado na monotonia destas viagens a vapor, vindo na viagem inaugural deste «Vera Cruz», e indo passar junto daquelas insignificantes pedras — em que já vos falei — as quais, todas juntas, caberiam no Largo da Carioca. Descobertas uma noite de 1511, pela «Nau São Pedro», deu-se-lhes o nome de «Penedo de São Pedro», sem o apendice, «São Paulo».

Ah! Ia-me esquecendo de vos contar aquele incidente aéreo que mais me aborreceu: Há uns três anos, na ideia cristã de visitar a famosa igreja de Santa Sofia, fui neste mesmo navio no cruzeiro a Constantinopla. E' sabido que, há cinco séculos, quando de sua conquista pelo Turcos, o templo foi saqueado, não por eles, mas pelos cruzados cristãos. No regresso, escalámos em Argel. Então, como a próxima escala seria Lisboa — já muito vista — deixei o navio.

A aventura continuava, e, no mesmo dia, á meia noite, iamos a bordo do avião francês no caminho de Paris. Tocámos em Marselha e uma hora depois da largada, acenderam as luzes e o letreiro «cintos»! Não era Paris, mas iamos poisar de emergência, por avaria do motor... ou das bombas? Durante cinco minutos vivemos na incerteza, por nos não terem pre-

(Continua na página seguinte)

Poesia de Sintra

(Continuação da 1.ª página)

também arrebatadas para as cristas da serra, escondendo nas sombras e arrastando, no torvelinho da ascenção, eremitérios místicos.

Afunda-se o olhar á volta; e esse voo de fragas, de frondes, de castelos e conventos, apossa-se de nós, solta-nos dos laços do inerte e do finito, e libra-nos, numa levitação deliciosa, sobre os abismos dos espaços e do tempo.

*

Paisagem criada por um Deus romantico, compreende-se que tenha alimentado o génio de Byron.

*

Em vez do palácio da Pena, pesadêlo de uma péssima digestão do barão de Echwege e del-rei D. Fernando, melhor fora que se houvesse conservado, na sua pureza medieval e gótica, o primitivo eremitério, onde D. João II, em 1493, durante onze dias seguidos, contemplou o Tejo e o Mar; e, com olhos de águia em órbitas de coruja, entreviu em sonho, Indias e Impérios...

*

Saraus e galas, brocados e plumas ondulando, musicas de galharda *e baile antigo, vinhos em taças de cristal, galanteios e requebros de* Cancioneiro de Rezende, *encheram as salas mouriscas dos Paços reais da vila. As duas imensas chaminés cónicas, pesando sobre a molê tumultuosa e rendilhada das construções, erguiam-se como dois poderosos monumentos, levantados á gula voraz da Côrte. Mas lá dentro, no recesso da capela, onde a Rainha Santa instituira a sua devoção de família aragonesa, continuava a celebrar-se o culto do* Santo Espírito, *invocação e patrona do pequeno templo, divindade secreta e tutelar da grei, Petencostes da fé, alma do Descobrimento.*

*

D. João de Castro, heroi da honra, excede, como personagem do teatrò ibérico, a imaginação de Calderon. Dois dos seus maiores feitos, tão grandes ou maiores do que a defesa de Dio, ou dar as honradas barbas em penhor, são a fundação da Quinta da Penha Verde e do convento dos Capuchos. A D. João III pedira ele «um rochedo e seis árvores», na Serra, em paga dos seus serviços no Oriente. Desse «rochedo» fez a Quinta da Penha Verde, e aos descendentes ordenou em testamento que nunca mais, plantassem lá dentro árvores de fruto, mas apenas as silvestres. O sábio e amoroso devassador dos segredos dos mares, bem sabia o valor das fragas da serra incomparável e que a fidalguia de poeta e de senhor mandava conservá-las na virgindade silvestre, no encanto da poesia nativa, que resistiu aos assaltos dos homens e dos séculos.

Mandou ainda, por disposição testamentária, que se fundasse o convento dos Capuchos numa aba sombria e áspera da serra. Celas minusculas cavadas na fraga, entre fragas e brenhas. Cavernas ajeitadas para misticos, que regressaram, por amor a Cristo, ao primitivismo dos trogloditas. A volta, árvores désgrenhadas e arrebatadas pelo vento. Vento que varre e qucima os planaltos da Ibéria, vento metafísico, que exaltou a alma de D. João de Castro e moldou, em fantasia genial, o Engenhoso fidalgo D. Quixote de la Mancha.

*

Há na serra lugares eleitos para se ver e sentir a paisagem. Ao fundo da estrada dos Pisões, toldada de sombras e arvoredos, junto da Quinta do Relógio, em frente do sobreiro secular, que Southey celebrou, avista-se, entre abertas de folhagem que lhe servem de quadro, o castelo dos Mouros, assente sobre um alteroso pedestal de matas e penedos, e suspenso nos ares, irreal e alado.

Dentro do parque, próximo da saída e do lado esquerdo de quem desce o Vale dos Lagos, há um caminho, mais que real, sonhado. As copas das árvores formam naves e abóbadas silvestres; um silêncio sagrado cai do alto e paira nos recessos sombrios; as extensissimas ramadas dos plátanos, curvadas como arco botantes, mergulham os brotos terminais de um ouro esmaecido, no azul-negro das águas; e, de quando em quando, pelos rasgões do tecto, divisa-se ao alto, sobranceiro a nós, aparição quase abstracta, de fugaz e feérica, o castelo da Pena. É o melhor lugar para se ver o palácio de D. Fernando no seu encanto, todo cenográfico, e perdoar-lhe a ênfase e o pesado artifício da inspiração germanica.

Em certas quintas para os lados de Penaferrim, onde a tarde cai mais cedo—como as quintas do marquês de Valada e de D. Dinis—paira no amago sombrio dos parques uma melancolia esparsa. Não a Melancolia, *ardente e devastadora do Durer, mas saudosa e mistica, de António Nobre e Frei Agostinho da Cruz.*

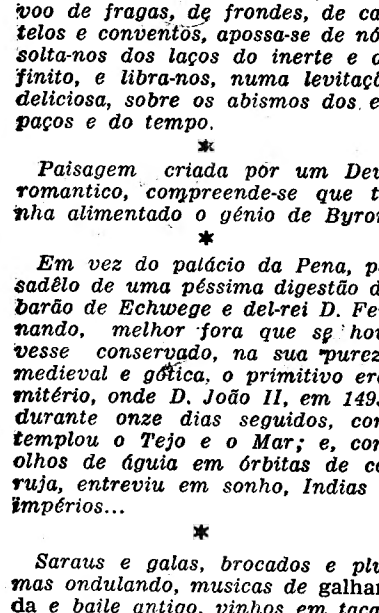
*

A melhor forma de ver Sintra é como a viu Camões, a caminho do desterro, por entre lágrimas de saudade:

«Já a vista pouco e pouco se desterra
Daqueles pátrios montes que ficavam;
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam;
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as máguas lá deixavam;
E já despois que toda se escondeu,
Não vimos mais em fim que mar e céu.»

Ultimo adeus de Portugal, adeus da terra que fica, adeus da alma que parte, a serra de Sintra reduz-se então a uma chama votiva, num altar. Chama que se extingue, pouco a pouco. Trémula e embaciada. Nós compreendemos-te, Camões. Conhecemos a angustia que te inspirou a estrofe.

JAIME CORTESÃO



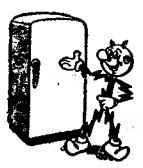
Não é preciso ir comprar nada a correr.

Faça as suas compras em quantidade, prepare tudo com vagar,

E GUARDE NO FRIGORIFICO

Estará sempre bem servida de carne, peixe, frutas, legumes.

Gelados e bebidas frescas a toda a hora.



SALÕES DE VENDA DE
C. R.ª GÁS E ELECTRICIDADE
RUA GARRETT, 2 /CHIADO/ TEL. 30913
RUA DA BOA VISTA, 39—TEL. 8 0011

Dizem os leitores

Urge pôr termo à série de desastres originados pela curva de Paço de Arcos

Recebemos do sr. Orlando Nunes a seguinte carta, cujo conteudo apontamos ás entidades responsáveis:

«Em Paço de Arcos, mesmo defronte do jardim da vila e perto do rinque de patinagem, existe uma curva onde se têm dado diversos desastres de viação, mais espaçados nos primeiros tempos, após a construção da estrada marginal, e assustadoramente frequentes agora desde o advento da «scooter» e desde que a ambição de ter automóvel passou a apresentar-se mascarada de «pretensa necessidade colectiva», com seus foros de loucura quase generalizada.

Nos ultimos meses, porém, os acidentes naquele local tomaram um incremento alarmante e não cremos que todos os que os sofreram pertençam ao grupo dos tais doidos criminosos que, sem respeito pela sua própria vida — o que seria de somenos importancia — e pela dos seus semelhantes, se atiram para a estrada como se estivessem a disputar provas de velocidade em pista adequada. Não cremos tal; todavia, uma coisa é flagrante e evidente: a referida curva ficou mal construída; é apertada e não tem qualquer «relevé». Os veículos despistam-se ali com a maior das facilidades e não é normal que dois «Citroens» tipo «arrastadeira», carros de reconhecida estabilidade, em relativamente curto espaço de tempo se tivessem voltado lá, ficando de rodas para o ar.

Para dar uma ideia do que ali tem acontecido, bastará frisar que em quatro dias quase consecutivos — porque só no domingo casualmente nada aconteceu — se deram os seguintes desastres: nos dias 14, 15, 16 e 18, uma «scooter» perdeu a direcção, morrendo os seus dois ocupantes; uma motocicleta também se despistou, indo matar um pobre pescador que nesse instante atravessava a estrada; outra «scooter» abalroou com um automóvel; e a ultima das citadas «arrastadeiras» voltou-se, ficando feridas as pessoas que transportava, entre as quais uma criança.

Pensamos que o balanço trágico destes acidentes em série seja de quatro mortos e vários feridos!

Nem sequer os habitantes da pacata localidade poderão, agora, dar os seus habituais passeios pela estrada, sossegadamente, nem sequer acercar-se do local tornado fatídico. Também—muito embora isso já não seja um caso de construção deficiente de troço de estrada — a todo o momento se aguarda qualquer acidente grave com os peões que atravessam a Marginal em direcção á «praia nova», na sua maioria crianças, em especial nas horas próximas da refeição, porquanto não havendo aí qualquer passagem subterranea — tão necessária — tão-pouco lá se encontra qualquer sinaleiro para, com a sua autoridade, sofrear os ímpetos desportivos de certos inconscientes tão nocivos á segurança até dos mais prudentes transeuntes...

Sem pretendermos indicar ás autoridades qual o caminho a seguir, mas tão-sómente chamar a sua atenção, pensamos que o problema de possíveis excessos de velocidade é da competência exclusiva da Polícia de Viação e Transito, e que estará, por outro lado, indicada a colocação urgente de tabuletas designando «curva perigosa» e impondo «uma velocidade máxima moderada», isso enquanto a referida curva não fosse emendada.»

Uma campanha de Civilidade... ...em marcha!

A ideia de se lançar uma *Campanha de Civilidade* foi recebida com enorme interesse pelos nossos leitores. Das cartas de aplauso que recebemos, publicamos esta, de um *leitor constante*, que põe em marcha a campanha que está no espírito de todos:

«Li no seu conceituado jornal o apelo dum engenheiro sobre a necessidade de uma campanha de reeducação. Confesso que me parece uma campanha interessante e que o «Diário de Lisboa» deve tomar a iniciativa de a levar por diante, pois bem necessitada dela anda muita gente.

Desejava para já focar dois pontos que me parecem importantes: primeiro, o hábito terrível de se atirar com tudo para o meio da rua, sobretudo com as famosas cascas de fruta! O numero de pessoas com pernas partidas (pelo menos!) por causa desse costume intolerável, é bastante grande, e por si só justificava uma campanha para lembrar quanta dor e quantos prejuizos pode causar.

Segundo, o hábito de a altas horas da noite se atirar o lixo da janela abaixo. A' noite, há ruas onde é vergonhoso para nós passar um estrangeiro.

Mas, ao mesmo tempo, a campanha que se preconiza também era util para a própria Camara Municipal de Lisboa, para a ensinar a recolher os lixos a hora mais matutina e para ela ensinar o seu pessoal de limpeza a trabalhar com mais aplicação e menor desleixo. A maneira como certas ruas são limpas, deixa muito a desejar...».

A comemoração a bordo do «Vera Cruz»

(Continuação da página anterior)

venido de que, sem perigo, regressavamos a Marselha. Fizeram-nos sair com os objectos na mão e, uma hora depois o avião voltava a partir, deixando em terra uns 20 passageiros para Paris, os quais por virem de Argel, como eu, deveriam ter preferencia.

Em seguida, meteram-nos num omnibus e, meia hora depois, puseram-nos em Marselha-cidade. Sem explicações, não fomos passear e, passadas quatro horas na gare, outra vez de omnibus para o aeroporto. Enfim, um avião mais pequeno qualquer levou-nos a Paris. Não vos falarei na minha utilidade como «bombeiro».

Agora ando nesta monótona banalidade de paquete-motorizado, espécie de grande-hotel flutuante, como turista. Raro dá balanço; mas não se iludam: há anos, a bordo do gigante «Queen Mary», de três vezes a nossa tonelagem, apanhei um grande temporal, atravessado. O navio só perdeu uma milha, ficando nas 29. Foi preciso, por causa do grande balanço, passar «cabos de vai-vem» no «deck», á antiga, para podermos circular. De resto, como o balanço era lento, havia risco de cair das camas, e tornava-se mais prudente dormir deitado no chão, no tapete. Estes barcos são assim...

E' tudo. Muito vos agradeço — senhoras e senhores — vossa amável e paciente atenção á minha palestra geométrica, com a qual procurei recordar pálidamente o prestigio das viagens aventurosas: Lamento, é claro, a deselegancia com que me alonguei tanto. Desculpem-me, e obrigado».

Com o relato da sessão comemorativa e os discursos que se proferiram, compôs-se e imprimiu-se, nas oficinas gráficas do paquete «Vera Cruz», num tempo «record», uma «plaquette» que foi distribuida pelos passageiros.

Cartão diplomata

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto. ANIBAL Gravador — R. Nova do Almada 64 — LISBOA. A casa que melhor trabalha.

S. MARTINHO DO PORTO

PENSÃO LUZ

Rua José Bento da Silva 1 e 3

A abrir em 1 de Julho

Bons quartos com água corrente, quente e fria

TELEFONE 39

«30 anos de cultura»

Integrada no Festival de Teatro das comemorações de «30 anos de Cultura Portuguesa», representa-se hoje, ás 21 e 45, no Teatro Nacional de D. Maria II, a peça «A Volta», de Virgínia Vitorino. E a exposição «30 anos de Cultura Portuguesa», no Palácio Foz, estará patente ao publico, das 18 ás 23 horas.

Fazendo parte do ciclo de conferências, realiza-se amanhã, ás 18 e 30, no teatro do Palácio Foz, uma conferência do professor António Sousa da Camara, director da Estação Agronómica Nacional, intitulada «Alta Cultura e Investigação».

Vítimas das trovoadas em Espanha

MADRID, 26 — Trovoadas causaram vítimas e nesta capital morreu, fulminado por um raio, um polícia que estava de serviço e se abrigara numa guarita da cadeia de Carabanchel.

Uma faisca caiu numa linha de alta tensão entre Madrid e a Andaluzia, do que resultou ficaram queimadas várias pessoas.—(Efe).

TAUROMAQUIA

Portugueses em Espanha

BADAJOZ, 26 — Muitos portugueses encheram a sombra da praça de touros desta cidade, que o sol em Badajoz nunca se enche, e tiveram ontem a surpresa de ver César Giron substituído, em parte, pelo cavaleiro Manuel Conde que na tarde anterior havia ganho tal direito com um êxito de duas orelhas, rabo e pata, num touro de casta, da mesma ganaderia que ontem foi lidada na chamada lide ordinária, de D. António Natera, de Cordova, onde vimos formá-la em 1925, então a nome por D. Joaquim Natera, e que foi agora adquirida por D. Sancho Dávila.

E Manuel Conde voltou a provocar ao som da musica, a sua bela forma actual, cravando sempre no alto, em boas soluções de continuidade, sem perdas de tempo, com valentia e alegria, pelo que foi ovacionado.

E acusaram a mesma casta dura os touros ontem lidados pelos matadores, errando Jumillano ao pedir um só «puyazo» para o seu 1.º, que logo cresceu e obrigou a uma faina defensiva que terminou com o recurso das «Laserninas», ouvindo protestos que aumentaram no seu 2.º, que em boa verdade não via do olho esquerdo; mas, os de Badajoz sabiam que Jumillano era também empresário, e não lhe perdoaram os lucros. Não quís Francisco Mendes ficar-lhe atrás no pedido para o seu 1.º, o maior da corrida, mas o presidente, com bom acerto, não acedeu, e o nosso compatriota, depois de ser ovacionado com a capa, teve a amabilidade de nos brindar a faena em que jogou a vida vinte vezes em passes sérios que mereceram honras de musica, entrando a matar decidido e «descabelando» ao 2.º intento, e voltando a ser ovacionado em volta á arena. O 2.º de Mendes, que não foi picado, mas apenas arranhado, porque saia solto, acusou a mesma casta dura, mas em mansidão e com tais animos de colher e de não se deixar tourear, que o bom toureiro, que não recorre a «pamplinas» porque é puro e sério, atendeu os pedidos do publico para que o matara depressa, o que fez bem e novamente aplaudido pelos bons aficionados.

Doutro estilo é Pepito Ordoñez que no seu primeiro deu vistosos passes, isolados e percorrendo toda a arena por não sujeitar, mas agradando á maioria, pelo que cortou orelhas, ou orelha, que a vontade presidencial não ficou bem esclarecida e de início até rabo cortaram ao touro. Saimos no ultimo, quando nos pareceu que Pepito não podia repetir o êxito espectacular do seu 1.º, e quase todos os portugueses retiraram também, em avalanche facilitada na fronteira espanhola, que na nossa o serviço é, necessàriamente, acreditamos, mais demorado.

Chegara a notícia de que hoje não vinia, «Chamaco», colhido na véspera, e substituído por Romero e um irmão de Giron, além dos dois novilheiros já anunciados, e a debandada foi geral, depois de termos visto um cavaleiro valente e um matador puro, sério, sem «pamplinas». — «El T. P.».

Festa do Colete Encarnado

Começa no próximo dia 7 em Vila Franca de Xira a já tradicional Festa do Colete Encarnado, com corrida de touros no domingo, 8, em que alternarão o matador Francisco Mendes e o novilheiro José Julio.

O relatório secreto de Nikita Kruchtchev

Concluímos hoje a publicação do documento divulgado pelo Departamento de Estado como sendo o relatório secreto de Nikita Kruchtchev ao XX Congresso do Partido Comunista russo:

Camaradas! O culto do indivíduo provocou o emprego de falsos princípios no trabalho do partido e na actividade económica. Conduziu á violação das regras internas do partido e dos Sovietes, a uma administração esteril, a desviações de todos os géneros, dissimulando lacunas e mascarando a realidade. Nestas condições nasceram no nosso país numerosos cortesãos e especialistas de um falso optimismo e da mentira.

É preciso não esquecer que, devido á prisão de numerosos dirigentes do partido, dos Sovietes e da economia, muitos militantes principiaram a trabalhar de uma maneira hesitante, mostrando uma prudência excessiva, no receio de tudo quanto fosse novo. Tinham medo da sua própria sombra e começaram a dar provas de menos iniciativa no seu trabalho.

Tomai como exemplo as resoluções do partido e dos Sovietes. Eram preparadas de uma maneira rotineira, frequentemente sem ter em conta a situação real. Chegou-se a pontos dos militantes, mesmo nas reuniões de menos importancia, lerem os seus discursos. Disto resultava um perigo de formalismo nos trabalhos do partido e dos Sovietes, e a burocratização de todos os serviços.

A repugnancia de Estaline em considerar as realidades da existência, e ainda o facto de ele não estar ao corrente do verdadeiro estado da situação nas provincias podem ter como exemplo a maneira como ele dirigia a agricultura.

Todos aqueles que se interessavam, por pouco que fosse, pelos problemas nacionais, não deixavam de verificar a dificil situação da nossa agricultura. Estaline, porém, não fazia a menor ideia do que se passava.

Chamámos nós a atenção de Estaline para esse problema? Sim, fizemo-lo, mas ele não nos apoiou. Porquê? Porque Estaline não viajava, nem contactava com os trabalhadores das cidades e dos «kolkhozes». Ignorava qual era a situação real nas provincias.

Estaline conhecia a agricultura através de filmes de propaganda

Era através de filmes que ele conhecia o campo e a agricultura. Esses filmes embelezavam enormemente a realidade no domínio da produção.

Numerosos filmes pintavam sob tais cores a vida «kolkhoziana» que se podiam ver mesas a abarrotar ao peso de perus e de patos. Estaline, evidentemente, julgava que, de facto, assim era.

Vladimir Illytch Lenine via de outra maneira a vida. Estava sempre junto do povo. Tinha o hábito de receber as delegações dos camponeses e falava, frequentemente, nas reuniões que se realizavam nas fábricas. Visitava também as aldeias estabelecendo contacto com os agricultores.

Estaline, pelo contrário, havia-se separado do povo, e não ia a parte alguma. Isto durante dezenas de anos. A sua ultima visita a uma aldeia data de Janeiro de 1928, quando foi á Sibéria por causa de uma entrega de cereais. Como podia ele, pois, julgar devidamente a situação nas provincias?

Quando foi informado, durante uma discussão, que a situação agrícola era difícil, que a criação dos animais e a produção de carne eram, particularmente más, foi constituída uma comissão encarregada de redigir uma «resolução», intitulada: «Meios a empregar para aumentar a criação de gado nos «kolkhozes» e «sovkhozes». Fomos nós que elaborámos esse projecto. Naturalmente, as nossas soluções, nessa época, não encaravam todas as possibilidades, mas, no entanto, preconizámos métodos para favorecer a criação de gado nos «kolkhozes» e «sovkhozes».

Sugerimos, então, aumentar o preço do gado, a fim de estimular por esse meio a iniciativa dos trabalhadores dos «kolksozes», bem como dos centros de máquinas, tractores e «sovkhozes». Mas o nosso projecto não foi aceite. Em Fevereiro de 1953 era completamente posto de parte.

40 biliões de impostos sobre os camponeses

Mas há mais. Durante o exame desse projecto, Estaline propôs que os impostos pagos pelos «kolkhozes» e pelos trabalhadores dos «kolkhozes» fossem aumentados em 40 biliões de rublos.

Segundo ele, os campesinos viviam bem, e bastaria que vendessem mais uma galinha para pagar esse imposto.

Imaginai o que isso significava. 40 biliões de rublos era uma verba que, seguramente, os trabalhadores dos «kolkhozes» não podiam realizar mesmo vendendo integralmente todos os produtos ao Governo. Em 1952, por exemplo, os «kolkhozes» e os trabalhadores dos «kolkhozes» receberam 26.200 milhões de rublos pela totalidade dos produtos que entregaram e venderam ao Governo.

A atitude de Estaline era, então, baseada sobre informações de qualquer natureza? Evidentemente, não. Nestes casos os factos e as cifras não o interessavam. Quando Estaline dizia alguma coisa imaginava que era assim mesmo—e como depois de tudo era um «génio», um «génio» não tinha necessidade de fazer contas; bastava-lhe deitar um olhar e imediatamente podia dizer o que deveria ser. Quando ele exprimia a sua opinião, cada um devia repetí-la e admirar a sua sabedoria.

Mas qual era a soma de sabedoria contida na proposta de elevar em 40 biliões de rublos o imposto agrícola? Nenhuma, absolutamente, nenhuma, porque essa proposta não se fundava sobre qualquer estimativa veridica da situação, mas sobre ideias fantásticas de uma pessoa que não tinha qualquer contacto com a realidade. Actualmente, estamos prestes a sair lentamente de uma situação agrícola difícil.

Os discursos dos delegados do vigésimo congresso satisfizeram-nos a todos. Sentimo-nos felizes porque numerosos delegados usaram da palavra e por existirem as condições necessárias para efectivar o sexto plano quinquenal respeitante á criação do gado, não num período de cinco anos, mas em dois ou três. Estamos certos que os compromissos do novo plano quinquenal serão mantidos com êxito. *(Aplausos prolongados).*

Camaradas! Se nós criticamos hoje de uma maneira aguda o culto do indivíduo, tão espalhado quando vivia Estaline, se nós falamos de numerosos fenómenos negativos engendrados por esse culto tão completamente estranho ao espírito do marxismo-leninismo, diversas pessoas poderão perguntar: como isso foi possível?

Estaline esteve á cabeça do partido e do país durante trinta anos e numerosas vitórias foram obtidas durante a sua existência. Podemos negá-lo?

Segundo a minha opinião o problema é posto desta maneira por aqueles cegos e magnetizados sem esperança pelo culto do indivíduo, por aqueles que não compreendem a essência da revolução e do Estado soviético, por aqueles que não compreendem de uma maneira leninista o papel do partido e da nação no desenvolvimento da sociedade soviética.

A revolução socialista foi feita pelo povo

A vitória da revolução socialista foi obtida pela classe operária e pelos camponeses pobres, sustentados em parte, pelos camponeses médios. Ela foi obtida pelo povo, sob a direcção do partido bolchevique. O grande serviço prestado por Lenine consistiu no facto de ter criado um partido militante na classe operária, mas ele estava armado do conhecimento marxista das leis do progresso social e da ciência da vitória proletária na luta contra o capitalismo, e robusteceu o partido no cadinho da luta revolucionária das classes populares.

Nesse combate o partido defendeu sempre os interesses do povo, tornando-se o seu guia, experimentado e conduziu as massas trabalhadoras ao poder, na criação do primeiro Estado socialista.

Recordais bem as sábias palavras de Lenine, dizendo que o Estado soviético é forte devido á consciência das massas e que a história é criada por milhões e dezenas de milhões que constituem o povo.

Obtivemos as nossas vitórias históricas graças ao trabalho da organização do partido, ás numerosas organizações da provincia e aos sacrifícios consentidos pela nossa grande nação.

Estas vitórias são o resultado do imenso esforço e da acção do país e do partido em conjunto: elas não são de modo algum o fruto da direcção de Estaline, como se disse, durante o período do culto do indivíduo.

Se queremos estudar este problema como marxistas e como leninistas, precisamos declarar sem equivoco que a direcção tal como foi praticada durante os ultimos anos por Estaline foi um sério obstáculo no caminho do desenvolvimento da União Soviética.

A direcção de Estaline ameaça as nossas relações pacíficas com os outros povos

Frequentemente, Estaline deixava dormir durante meses problemas de uma excepcional importancia para a vida do partido e do Estado, e cuja solução não era compatível com demoras. Sob a direcção de Estaline as nossas relações pacíficas com outras nações estiveram, muitas vezes, ameaçadas, porque as decisões de um só podiam provocar e provocaram de facto, com frequência, grandes complicações.

Nestes ultimos anos, quando nos libertámos do mau hábito do culto do indivíduo e tomámos numerosas e apropriadas medidas, tanto na política interna, como externa, cada um pode verificar como a actividade renasceu, quanto progrediu o esforço criador das grandes massas trabalhadoras e como tudo isso agiu, favorávelmente, no desenvolvimento da economia e da cultura. *(Aplausos).*

O que fazia o Politburo?

Alguns camaradas poderão perguntar-nos: onde estavam os membros do comité central do Politburo? Porque não protestaram naquela época contra o culto do indivíduo? E porque o fazem agora?

Primeiro é preciso termos em conta que os membros do Politburo tinham opiniões diferentes, em épocas diferentes, sobre os problemas. De princípio, muitos deles sustentaram activamente Estaline, porque Estaline era um dos mais fortes marxistas, e a sua lógica, o seu poderio, a sua vontade tinham uma grande influência nos quadros e no sistema partidários.

Sabe-se que Estaline, depois da morte de Lenine, principalmente durante os primeiros anos havia activamente combatido em prol do leninismo contra os inimigos da teoria leninista e contra aqueles que dela se separavam. Apoiando-se na teoria leninista, o partido tendo á frente o comité central, encetou em grande escala a obra de industrialização socialista do país, a colectivização agrícola e a revolução cultural.

Nessa época, Estaline conquistou uma enorme popularidade e numerosas simpatias, bem como um largo apoio. O partido devia combater aqueles que tentavam conduzir o país para fora do correcto caminho leninista e devia combater também os trotskistas, os zinovievistas, os direitistas e os nacionalismos burgueses. Esta luta era indispensável. Mas mais tarde Estaline abusando cada vez mais do poder, iniciou a luta contra eminentes chefes do partido e do Governo e começou a recorrer aos métodos terroristas contra honestos cidadãos soviéticos. Como já demonstrámos foi assim que ele tratou «leaders» eminentes do partido e do Governo, tais como Kossior, Roudzoutak, Eikhe, Postichev e muitos outros.

«Eu sou bolchevique camarada Estaline»

As tentativas de oposição ás suspeitas e acusações sem fundamento tiveram como consequência fazer cair os oponentes sob os golpes da repressão. Foi isto que caracterizou a queda do camarada Postichev. Num dos seus discursos, Estaline exprimiu o seu descontentamento por Postichev, e perguntou-lhe:

«Quem sois vós, verdadeiramente?».

Postichev respondeu-lhe com toda a nitidez:

«Sou bolchevique, camarada Estaline, bolchevique!».

Esta afirmação foi logo considerada como uma falta de respeito por Estaline e mais tarde considerada como prejudicial, o que teve como consequência o aniquilamento de Postichev, que foi denunciado, sem haver razão, «inimigo do povo».

Na situação que então existia, frequentes vezes falei com Nikolai Alexandrovitch Bulganine. Um dia que iamos os dois de carro, ele disse-me:

«Sucede que algumas vezes alguém vai falar a Estaline, a seu convite. O pior é depois. Nunca se sabe se Estaline o manda para casa ou para a prisão».

É claro que estas condições punham todos os membros do partido numa situação muito difícil. Quando se considera igualmente o facto de que, nestes ultimos anos o comité central não foi convocado em sessões plenárias e que o «bureau» político só se reunia de tempos a tempos, compreender-se-á como era difícil para um membro do «bureau» político tomar uma posição contra este ou aquele procedimento injusto e contra os graves erros e as lacunas cometidos pela direcção.

Como já explicámos, tomavam-se muitas decisões, quer por uma pessoa só, quer de uma forma indirecta, sem que se procedesse a discussões colectivas. A triste sorte do camarada Voznessenski, que foi vitima da repressão estalineana, é de todos conhecida. E' de notar a

Como se tornou possível a instauração do culto da personalidade.

O relatório secreto de Nikita Kruchtchev

caracteristica da decisão de afastar Voznessenski da comissão política, tomada de uma maneira inadequada e sem que alguma discussão se tivesse verificado. Da mesma fortantes á eliminação de Kouznetzov tantes á elimina'ão de Kouznetzov e de Rodionov dos postos que ocupavam.

A importancia da missão do Politburo da comissão central tinha sido reduzida e o seu trabalho estava desorganizado em consequência da criação, no seu seio, de diversas comissões designadas sob os nomes de «comissão dos cinco», «comissão dos seis», «comissão dos sete», e «comissão dos nove». Eis, tada pela comisão política em 3 como exemplo, uma resolução adopde Outubro de 1946:

«Proposta de Estaline — 1) — A comissão dos Negócios Estrangeiros do Politburo (comissão dos seis) será encarregada, no futuro, além das questões relativas aos negócios estrangeiros, dos problemas que digam respeito á construção interior e á politica interior; 2) — A «comissão dos seis» agregará o presidente da comissão de Estado para a planificação económica da U. R. S. S. — o camarada Voznessenski—e será de futuro designada sob o nome de «comissão dos sete». a) O secretário da comissão central, J. Estaline».

Que terminologia! *(Risos na sala)*. E' evidente que a criação de semelhantes comissões no seio do Politburo («comissão dos cinco», «comissão dos seis», «comissão dos sete» e «comissão dos nove») não estava conforme com o principio da direcção colectiva. Desta maneira, certos membros do Politburo não tinham possibilidade de participar em deliberações que diziam respeito a decisões de grande importancia.

Vorochilov, agente inglês

Um dos mais antigos membros do nosso partido, Kliment Yefremovitch Vorochilov, encontrou-se numa posição quase insustentável. Durante muitos anos foi privado do direito de assistir a reuniões da comissão política. Estaline proibiu-o de tomar parte nessas reuniões e de receber documentação. Todas as vezes que a comissão politica devia reunir-se e que o camarada Vorochilov o sabia, este apressava-se a telefonar e a perguntar se lhe era permitido assistir. Algumas vezes Estaline autorizava-o mas, neste caso, não deixava de mostrar sempre o seu descontentamento.

Devido ao seu espírito desconfiado em extremo, Estaline chegava a pensar, o que era absurdo e ridiculo, que Vorochilov era um agente inglês. *(Risos na sala)*. E' verdade — um agente inglês. Instalaram em sua casa um dispositivo especial de registo de som, para ouvir tudo quanto ele dizia. *(Indignação na sala)*. Por uma decisão unilateral, Estaline tinha igualmente esbulhado um outro homem do trabalho do Politburo: André Andreievitch Andreiev. Esse foi um dos seus actos mais desenfreados de autoritarismo.

Reportemo-nos ao primeiro plenário da comissão central que se seguiu ao 19.° congresso. Estaline, na sua alocução, atacou Viatceslav Mikhailovitch Molotov e Nastase Ivanovitch Mikoian. Deu a entender que estes velhos militantes do nosso partido eram responsáveis por crimes, evidenfemente sem fundamento. Se Estaline tivesse estado na barra da governação mais alguns meses, os camaradas Molotov e Mikoian já não teriam pronunciado discursos no presente congresso.

Estaline tinha, evidentemente, o designio de acabar com todos os membros antigos da comissão política. Ele declarava muitas vezes que os membros da comissão política deviam ser substituidos por outros.

A sua proposta, formulada após o 19.° Congresso, reportava-se á eleição de vinte e cinco pessoas para o *presidium* da comissão central e visava a eliminação dos antigos membros da comissão politica e a entrada de pessoas menos experimentadas que o teriam incensado de todas as maneiras.

Pode supor-se que isso tinha também por objectivo a eliminação futura dos antigos membros da comissão política, o que teria permitido cobrir com um véu de silencio todos os actos vergonhosos de Estaline, actos que analisamos agora.

Estaline queria acabar com todos os antigos membros do Politburo.

Não repetir os erros do passado

Camaradas! A fim de não repetir os erros do passado, a comissão central declarou-se resolutamente contra o culto do individuo. Consideramos que Estaline foi incensado em excesso. Mas, no passado, Estaline prestou, incontestávelmente, grandes serviços ao partido, á classe operária e ao movimento internacional operário.

Mas esta questão complica-se pela circunstancia de tudo que vimos discutindo se ter produzido com Estaline vivo, sob a sua direcção e com o seu concurso. Estaline convencera-se de que tudo aquilo era necessário para a defesa dos interesses da classe operária contra as intrigas dos inimigos e contra os ataques do campo imperialista. Agindo como se assim fosse, Estaline estava convencido de que agia no interesse da classe trabalhadora, no interesse do povo, para a vitória do socialismo e do comunismo. Não podemos dizer que os seus actos eram os de um despota tomado de vertigem. Ele estava convencido de que isso era necessário no interesse do partido, das massas trabalhadoras, para defender as conquistas da revolução. E é nisso que reside a tragédia!

Camaradas! Lenine fazia ressaltar muitas vezes que a modestia devia ser uma das qualidades essenciais de um verdadeiro bolchevista. Lenine era, ele próprio, a personificação viva da maior modestia. Não podemos afirmar que seguimos, em todos os aspectos, este exemplo de Lenine. Bastará lembrar que numerosas cidades, oficinas e empresas industriais, kolkhozes e sovkhoses, instituições culturais, receberam por nosso intermédio — se me posso exprimir assim — um título de propriedade pessoal. Não receberam efectivamente o nome deste ou daquele membro do Governo ou do partido, ainda que esses estivessem no activo e em perfeita saude? Muitos de nós aceitaram ver os seus nomes dados a diversas cidades, empresas, kolkhoses. Devemos rectificar isso. *(Aplausos)*. Mas devemos fazê-lo calmamente e lentamente. A comissão central discutirá a questão e examinará cuidadosamente os meios de evitar erros e excessos. Recordo-me da maneira como a Ucrania tomou conhecimento da prisão de Kossior. A emissora de Kiev tinha o hábito de começar os seus programas assim: — «Aqui Radio Kossior...». Quando, um dia, os programas deixaram de mencionar o nome de Kossior, toda a gente ficou convencida de que Kossior devia estar em dificuldades e que teria sido provavelmente preso.

Se fossemos hoje tomar a decisão de proceder a mudança de nomes, as pessoas julgariam que os camaradas cujos nomes figuram em empresas, kolkhoses e cidades estavam em desgraça e que teriam sido presos. *(Movimentos na sala)*. A autoridade e a importancia de um chefe são avaliadas em função do numero de cidades, empresas industriais e oficinas, de kolkhozes e de sovkhozes que têm o seu nome. Não é a altura de eliminarmos esta «propriedade privada» e as «nacionalizações» de oficinas, empresas industriais, kolkhozes e sovkhozes? *(Risos e aplausos.* Vozes: — *E' justo!)*.

Esta decisão não poderá senão ser favorável á nossa causa. Além de tudo, o culto da personalidade manifesta-se também de outra forma.

Não devemos lavar a nossa roupa suja diante do inimigo

Deveriamos examinar, muito a sério, a questão do culto da personalidade. Coisa alguma, a este respeito, deveria filtrar-se para o exterior. A Imprensa, especialmente, não deve ser informada. E' por isso que examinamos esta questão, aqui, em sessão secreta do Congresso. Tudo tem limites. Não devemos fornecer armas ao inimigo; não devemos lavar a nossa roupa suja ante os seus olhos. Penso que os delegados ao congresso compreenderão e avaliarão, pelo seu justo valor, todas as propostas que lhes sejam feitas. *(Aplausos tumultuosos)*.

Camaradas! Devemos abolir o culto do individuo, de uma maneira decisiva e de uma vez para sempre. Devemos tirar conclusões apropriadas com respeito ao trabalho ideológico, teórico e prático.

E' necessário, com este objectivo:

1.° — Condenar e extirpar, entre os bolchevistas, o culto do individuo, porque é estranho ao marxismo-leninismo e não se harmoniza com os princípios relativos á direcção do partido e com as normas da vida do partido. Devemos t a m b é m lutar inexorávelmente contra todas as tentativas tendentes a restaurar esta prática, de uma maneira ou de outra. Será necessário pôr também em prática no nosso trabalho ideológico as mais importantes teses da ciencia marxista-leninista relativas ao povo, como criador de história e de todos os benefícios materiais e espirituais da Humanidade, na tarefa decisiva do partido marxista na luta revolucionária pela transformação da sociedade, pela vitória do comunismo.

Por um novo manual de história

Nestas condições seremos obrigados a examinar, por forma crítica, colocando-nos sob um angulo marxista-leninista, as ideias erroneas que foram largamente divulgadas acerca do culto do individuo no domínio da história, da filosofia, da economia e de outras ciências, assim como nos meios da literatura e das belas-artes, e de fazer as correcções necessárias. E' indispensável que um novo manual de história do nosso partido, redigido conforme a objectividade cientifica marxista, seja publicado num futuro imediato, da mesma forma como um manual sobre a história da sociedade sovietica, um livro sobre a guerra civil e a grande guerra patriotica.

2.° — Será necessário prosseguir de maneira sistemática e consequente o trabalho realizado pela comissão central do partido durante os ultimos anos. As caracteristicas desse trabalho foram as seguintes: observação minuciosa, em todas as organizações do partido, da base ao cimo, dos principios leninistas relativos á direcção do partido; observação, sobretudo, do principio essencial da direcção colectiva; observação das normas da vida do partido, tais como são descritas nos estatutos do partido; e, enfim, uma larga parte de crítica e de auto-crítica.

3.° — Será necessário revigorar, de maneira completa, os principios leninistas da democracia socialista, tal como estão expressos na Constituição da União Sovietica, e lutar contra a ascensão de individuos que abusem do poder. O mal ocasionado pelos actos que não tinham em conta a legalidade socialista revolucionária e que eram devidos á influencia negativa do culto do individuo, deverá ser totalmente reparado.

Camaradas! O 20.° Congresso do Partido Comunista da União Sovietica, tornou evidentes, com uma força nova, a indestrutível unidade do nosso partido, a sua coesão á volta da comissão central, a sua determinação de realizar uma grande tarefa: a construção do comunismo. *(Aplausos tumultuosos)*.

E' também necessário apresentar, em todas as suas ramificações, os problemas levantados pelo culto do individuo, o qual é estranho ao marxismo-leninismo, assim como os relativos á liquidação das suas consequencias, o que demonstra a grande força moral e politica do nosso partido. *(Aplausos prolongados)*.

Estamos convencidos de que o nosso partido, fortalecido pelas resolùções históricas do 20.° Congresso, guiará o povo sovietico para novos êxitos, para novas vitórias, seguindo o rumo traçado por Lenine. *(Aplausos tumultuosos e prolongados)*.

Viva a bandeira vitoriosa do nosso partido — o leninismo! *(Aplausos prolongados e tumultuosos, que acabaram por uma ovação. Toda a gente se levantou)*.

Transportes Aéreos Portugueses

S. A. R. L.

Capital realizado: 120:000.000$00

Sede: Rua Braamcamp, n.° 2 — Lisboa

OBRIGAÇÕES de 4%—1.° e 2.° escalões de 1955/1975

Avisam-se os Srs. Obrigacionistas subscritores destas emissões de que os juros que se vencem em 1 de Julho do corrente ano (cupões n.°s 3 do 1.° escalão, e 2 do 2.° escalão), serão pagos a partir do dia 2 do referido mês de Julho, nos locais abaixo indicados, todos os dias uteis, das 10 ás 12 e das 15 ás 17 horas, excepto aos sábados, em que o respectivo pagamento apenas terá lugar das 10 ás 12 horas:

Em Lisboa: na Rua Duque de Palmela, 27-1.°, direito;

No Porto: na delegação da Sociedade, na Praça de D. Filipa de Lencastre, 1 e 3.

Lisboa, 23 de Junho de 1956.

O Conselho de Administração

AVISO

Devidamente autorizados pela Junta da Emigração, avizam-se todos os Srs. Emigrantes, que devido a caso de força maior, a partida do paquete «ANNA-C», que estava prevista para 9 de Julho, será retardada para dia a fixar oportunamente. Os Agentes Gerais Soc. Com. Orey, Antunes & Cia., Ltd.

CASA MAX

A casa que deve preferir para as suas «Toilettes»

VENDAS COM FACILIDADES

2-C—Av. Praia da Vitória—2-B